

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS
DOUTORADO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

GILSON SOARES TOLEDO

**ANÁLISE INTERACIONAL EM COMUNIDADE DE PRÁTICA:
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA COM POPULAÇÕES
RURAIS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS-BRASIL**

NITERÓI

2020

GILSON SOARES TOLEDO

**ANÁLISE INTERACIONAL EM COMUNIDADE DE PRÁTICA:
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA COM POPULAÇÕES
RURAIS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS-BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como requisito final para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Estudos de Linguagem. Linha de Pesquisa: História, Política e Contato Linguístico. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira.

NITERÓI

2020

GILSON SOARES TOLEDO

**ANÁLISE INTERACIONAL EM COMUNIDADE DE PRÁTICA:
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA COM POPULAÇÕES
RURAS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS-BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Estudos de Linguagem.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira - Orientadora - UFF

Prof. Dr. Xoán Lagares Diez - UFF

Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jacome - UFJF

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues - UERJ

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner - UFF

Prof. Dr. Ebal Sant'Anna Bolacio Filho – UFF (Suplente)

Prof. Dr^a. Mônica Maria Guimarães Savedra – UFF (Suplente)

Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira – IF Sudeste MG Campus Muriaé (Suplente)

Dedicatória

*À minha esposa, Jaqueline, pelo apoio e amor incondicional.
E aos meus filhos, Lavinia, Marco Antônio e João Victor,
por serem minha maior motivação.*

Atributos aprovados e sua relação com a fachada fazem de cada homem seu próprio carcereiro, esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas.

Goffman

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor do Universo, pelo seu escudo e proteção.

Aos meus pais, por me proporcionarem a vida, os valores e todas as condições para eu ser quem sou.

À minha esposa Jaqueline, por ser meu melhor suporte.

Aos meus filhos, por me ensinarem amar de maneira incondicional.

Aos meus irmãos, pela admiração recíproca.

Aos meus amigos, irmãos de fé e colegas de profissão: serão sempre minhas referências.

À Universidade Federal Fluminense, pela oportunidade de obter um aprendizado ímpar.

Ao professor Xoán Lagares por acreditar em nós, alunos do DINTER

Ao professor Alexandre Cadilhe que me proporcionou lentes para eu enxergar com nitidez meu *corpus* de análise.

Às queridas professoras Rilza Toledo e Débora Costa, suas experiências e contribuições lapidaram meu trabalho de forma ímpar.

Ao IF Sudeste MG, pelo incentivo e ajuda.

À CAPES pelo apoio financeiro e por acreditar no projeto DINTER.

Aos professores e TAE's da UFF, pelo privilégio da convivência e aprendizagem.

Aos colegas e amigos do doutorado, com os quais trilhei essa caminhada.

Aos camponeses da Zona da Mata de Minas Gerais, por serem tão solícitos à minha necessidade.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À professora Telma Pereira, por ser mais do que uma orientadora. Sua generosidade, paciência e cumplicidade estarão sempre em minhas melhores recordações.

RESUMO

Nesta tese, apropriou-se das noções da sociolinguística interacional (SI) e da análise da conversa etnometodológica (ACe), a fim de identificar características culturais expressas a partir da linguagem de populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de comunidades de prática (CdP), tendo em vista o forte vínculo social construído entre as pessoas desenvolvido a partir de aprendizagens regulares, além do compartilhamento de objetivos comuns reconhecidos em suas atividades cotidianas. Tais comunidades, compostas por proprietários rurais, desenvolvem atividade econômica específica de integração junto a uma grande empresa de alimentos da região e devido a esta atividade, tiveram seus espaços de sociabilidade encolhidos, mantendo características constitutivas de uma população rural mais tradicional sendo por isso observada, uma vez que é reprodutora de determinados comportamentos sociais apresentados através de pistas linguísticas e paralinguísticas. Neste contexto coube investigar: quais são os aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam os produtores integrados da Zona da Mata de Minas Gerais? Como esses aspectos podem ser identificados a partir da interação face a face? Diante do exposto o objetivo principal desta tese foi confirmar de forma teórica e empírica a preservação de certo grau de campesinidade presente na linguagem das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, materializado na comunicação face a face, utilizando como suporte os estudos propostos pela sociolinguística interacional. Nesta perspectiva, procuramos demonstrar como é possível, através da ACe e da SI, interpretar em alguns excertos de sequencialidade e de narrativas orais (estórias), o sentido do que é dito na fala-em-interação. Percebemos que a interlocução entre essas duas teorias convergem para um melhor esclarecimento sobre os estudos que envolvem a fala-em-interação e, para além da compreensão de como os interagentes falam, foi possível verificar e analisar o quê? por quê? e para quê? falam. Observamos como as pessoas são capazes de usar a linguagem através das pistas não linguísticas evidenciando o sentido daquilo que não é verbalizado, procurando, pois, privilegiar as perspectivas dos participantes nos encontros conversacionais. Desta forma, os olhares, os trejeitos, as formas de dizer e de como dizer, o sentido do que foi dito, as tomadas de turno, as pausas, os acenos, as expressões faciais, as estratégias de proteção de face dentre outras situações sociais observadas na comunicação face a face, passaram a constituir o *corpus* de uma pesquisa microanalítica. Optamos por analisar tais manifestações no intuito de demonstrar a relação entre língua, cultura e sociedade, por meio da observação desses usos em interações sociais.

Palavras-chave: sociolinguística interacional; análise da conversa; comunidade de prática; comunidades rurais

ABSTRACT

In this thesis, we appropriated the notions of Interactional Sociolinguistics (IS) and the analysis of ethnomethodological conversation (ACe) in order to identify cultural characteristics expressed through the language of rural populations in the Zona da Mata of Minas Gerais. These populations are communities of practice (CoPs) considering the strong social bond built between people which is developed from regular learning, besides sharing common goals recognized in their daily activities. Such communities, composed of rural landowners, develop specific economic activity of integration with a large food company in the region and due to this activity, their spaces of sociability have been shrunk, maintaining characteristics that constitute a more traditional rural population which is able to be observed, since it reproduces certain social behaviors presented through linguistic and paralinguistic clues. In this context, it was necessary to investigate: what are the linguistic and paralinguistic aspects that characterize integrated producers in the Zona da Mata of Minas Gerais? How can these aspects be identified from face-to-face interaction? Hence, the main objective of this thesis was to confirm in a theoretical and empirical way the preservation of a certain degree of peasantry present in the language of rural populations in the Zona da Mata of Minas Gerais, materialized in face-to-face communication, using as support the studies proposed by Interactional Sociolinguistics. In this perspective, we try to demonstrate how it is possible through ACe and IS to interpret in some excerpts of *sequentiality* and oral narratives (stories) the meaning of what is said in the speech in interaction. We realized that the interlocution between these two theories converge for a better clarification on the studies that involve the speech in interaction and beyond the understanding of how the interactants speak it was possible to verify and analyze what, why, and for what they speak. We observe how people are able to use language through non-linguistic cues, evidencing the meaning of what is not verbalized, thus seeking to privilege the participants' perspectives in conversational meetings. In this way, looks, jokes, ways of saying and how to say something, the meaning of what was said, taking turns, pauses, nods, facial expressions, face protection strategies, among other social situations observed in face-to-face communication, became the corpus of microanalytical research. We chose to analyze such manifestations in order to demonstrate the relationship between language, culture and society, by observing these uses in social interactions.

Keywords: Interactional Sociolinguistics; conversation analysis; communities of practice; rural communities.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACe – Análise da Conversa Etnometodológica

AVIZON – Associação de Avicultores da Zona da Mata de Minas Gerais

CdP – Comunidade de Prática

EMATER - Empresa de Assistência e Extensão Rural

EMBRAPA DF - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária do Distrito Federal - EMBRAPA DF

IF SUDESTE MG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

LRT – Lugar Relevante de Transição

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SENAR MINAS - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Minas Gerais

SI – Sociolinguística Interacional

SPR – Sindicato dos Produtores Rurais

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UCT – Unidade de Construção de Turno

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Expressões observadas nas CdP's da Zona da Mata Mineira.....	49
Figura 1 - Desmoronamento nas estradas de acesso às propriedades.....	64
Figura 2 - Erosão 1 nas estradas de acesso às propriedades.....	64
Figura 3 - Casa abandonada próxima às propriedades.....	65
Figura 4 - Curral abandonado 1, próximo às propriedades.....	65
Figura 5 - Casa abandonada 2, próxima às propriedades.....	66
Figura 6 - Casa abandonada 3 próxima às propriedades.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO.....	18
1.1 AGRICULTORES FAMILIARES COMO PARTE DO CAMPESINATO BRASILEIRO	22
1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A TRAJETÓRIA DOS PRODUTORES INTEGRADOS NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS	27
2 LINGUAGEM E INTERAÇÃO SOCIAL	32
2.1 O USO DAS NARRATIVAS ORAIS EM CONTEXTOS CONVERSACIONAIS DE INTERAÇÃO	33
2.2 INTERFACE ENTRE SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL E ACE EM CdP's	40
2.3 ESTUDO DE FALA EM INTERAÇÃO EM AMBIENTES NATURAIS	50
2.3.1 ELEMENTOS RITUAIS NA INTERAÇÃO SOCIAL.....	50
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56
3.1 COLETA DE DADOS DOS PRODUTORES INTEGRADOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS	62
3.2 A CONTRIBUIÇÃO DA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA	68
4 ANÁLISE DA CONVERSA EM COMUNIDADE DE PRÁTICA.....	73
4.1 ANÁLISE DA CONVERSA COM FOCO NO NÍVEL DE PERTENCIMENTO INSTITUCIONAL (SINDICAL) DA CdP	76
4.1.1 ENCONTRO CONVERSACIONAL 1: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO ANTÔNIO..	78
4.1.2 ENCONTRO CONVERSACIONAL 2: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO MANOEL..	81
4.1.3 ENCONTRO CONVERSACIONAL 3: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO JOAQUIM..	84
5 AS ESTÓRIAS DO CÓRREGO DA BARRINHA	89
5.1 AQUI A GENTE SE ENCONTRA PRA CONTAR CASO	90
5.2 EM NOSSA CASA NÃO TEM CERIMÔNIA	92
5.2.1 MEU AVÔ ERA O “PAI DA VIDA”.....	93
5.2.2 A FACHADA ERRADA	98
5.2.3 PRIMEIRA ESTÓRIA: O ROUBO DO FURRECA.....	101
5.3 A SEGUNDA E AS OUTRAS ESTÓRIAS.....	105
5.3.1 SEGUNDA ESTÓRIA: O MORRO DOS ANGICO.....	106
5.3.2 TERCEIRA ESTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DOS MATA-BURROS	109
5.3.3 QUARTA ESTÓRIA: A TRONQUEIRA ABERTA.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
ANEXOS	126
O MODELO JEFFERSON DE TRANSCRIÇÃO.....	126
EXCERTOS MIRAGAIA E UBARI.....	127

EXCERTO 1 - JORGE	127
EXCERTO 1 - SÍTIO BE ANTÔNIO	127
EXCERTO 2 - SÍTIO BE MANOEL	127
EXCERTO 3 - SÍTIO BE JOAQUIM	128
EXCERTOS DE CONVERSAS COTIDIANAS NO CÓRREGO DA BARRINHA	128

INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, o campesinato apresentava-se como onipresente e evidente. Quase não havia necessidade de pesquisar sobre ele, quanto mais questionar sua existência. O campesinato sempre esteve presente através de uma grande variedade de expressões específicas de uma época e lugar [...]

Jan Dove Van der Ploeg, Camponeses e Impérios Alimentares

Percebemos que as atuais preocupações com o ambiente, emprego (e desemprego), desenvolvimento, crescimento desorganizado das cidades, entre outras, têm trazido à tona debates que envolvem a problemática sobre o espaço rural no contexto da sociedade moderna. Ao dedicar e aprofundar no estudo das populações rurais, compreendemos que nelas existe uma inesgotável fonte de produção cultural e de possibilidades de estudos que nos permitem conhecer melhor a nós mesmos, nossa estória e memória coletivas.

Fundamentada na Sociolinguística Interacional, esta pesquisa tem por objetivo investigar as marcas indetentárias expressas através dos aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam culturalmente parte das populações rurais localizadas na Zona da Mata de Minas Gerais, composta por pessoas que vivem no (e do) meio rural, fazendo dele um espaço de vida onde são manifestadas suas crenças, valores, resistência e escolhas.

Os primeiros contatos com estas populações foram estabelecidos em 2010, em específico, com algumas famílias que se dedicavam à produção agropecuária integrada à agroindústria de alimentos. O enfoque das análises, no primeiro momento, foi a respeito do trabalho, da economia, dos modos de vida e, principalmente, sobre as formas de sociabilidades desenvolvidas, uma vez que tal modalidade produtiva, a produção integrada, demanda a diminuição significativa das possibilidades de interação social extrapropriedade.

Depois das apreciações advindas deste estudo, elencamos várias características que, *a priori*, identificavam estas famílias como um grupo de análise capaz de apresentar dados interessantes para uma pesquisa sociolinguística de base etnográfica, tendo em vista que, através da fala-em-interação (SACKS; SHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; LODER; JUNG, 2008a), manifestavam pistas

linguísticas e paralinguísticas constitutivas de um acervo de construções culturais que as distinguiam identitariamente de outros grupos sociais.

Nesse primeiro estudo, (TOLEDO, 2012) observamos que essas famílias tiveram seus espaços de sociabilidade encolhidos de maneira considerável, principalmente em função de suas atividades de trabalho, dedicando-se muitas horas do dia a essas atividades (cerca de 15h a 18h diárias e por longos anos), restringindo, de forma expressiva, o convívio dessas pessoas com outras comunidades e grupos sociais o que, talvez por esse motivo, tenha favorecido a permanência de certos traços culturais constitutivos das populações rurais mais tradicionais. Após essa observação, elaborou-se o seguinte questionamento: quais são os aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam os produtores integrados da Zona da Mata de Minas Gerais? Como esses aspectos podem ser identificados a partir da interação face a face?

Desta forma, os olhares, os trejeitos, as formas de dizer e de como dizer, o sentido do que foi dito, as tomadas de turno, as pausas, os acenos, as expressões faciais, as estratégias de proteção de face entre os familiares, dentre outras situações sociais observadas na comunicação face a face, passaram a constituir o *corpus* de uma pesquisa microanalítica. Tais manifestações foram analisadas vislumbrando a possibilidade de demonstrar a relação entre língua, cultura e sociedade, mediante observação desses usos em interações sociais.

Nesta perspectiva, a partir do aporte teórico da sociolinguística interacional, algumas comunidades rurais de *produtores integrados* localizadas na Zona da Mata de Minas Gerais foram analisadas considerando este grupo tratar-se de uma comunidade de prática (CdP) que segundo Wenger (1998), diz respeito a um grupo social em que seus participantes se envolvem em alguma atividade, trabalho, ação, de forma intensa, a fim de estabelecer práticas sociais compartilhadas tendo em vista o forte vínculo social, desenvolvido por aprendizagens regulares, além do compartilhamento de objetivos comuns reconhecidos em suas atividades cotidianas.

Coadunando com esta mesma interpretação, Eckert; McConnell-Ginet ([1992] 2010), afirmam que uma CdP é composta por pessoas que possuem objetivos comuns a fim de aprenderem algo para ser utilizado em atividades cotidianas no trabalho, em família, em atividades culturais ou religiosas. As CdP's podem se constituir em grupos maiores ou menores, sendo possível ocorrer a

mudança de vários de seus membros e ainda estarem articuladas com outras comunidades mantendo, inclusive, sua identidade.¹

Assim a atividade desenvolvida pelas comunidades investigadas caracteriza-se por ser uma atividade agropecuária integrada a uma grande indústria de alimentos da região. Através desta atividade as comunidades também compartilham práticas a partir de aprendizagens regulares e objetivos comuns reconhecidos tanto no trabalho quanto em outras situações de interação, como nos vínculos de filiação sindical, participação em associação, nas relações familiares, no convívio com a vizinhança, entre outros.

Este modelo de produção integrada tem como uma das principais características o forte vínculo com a tecnologia de ponta, a fim de atender ao mercado e ao consumo de produtos agropecuários, exigindo dos produtores uma série de procedimentos diários dedicados à produção que os restringe a este espaço, neste caso, aos limites geográficos de sua parcela de terra, sendo, portanto raros os momentos fora desta atividade e por sua vez de sua propriedade rural. Por isso, os espaços de sociabilidade como festas, batizados, casamentos, cultos, missas, jogos são menos frequentes demandando certo isolamento.

Tendo em vista tal especificidade, percebeu-se a importância de se descrever e analisar as conversas das pessoas destas comunidades uma vez que são reprodutoras de determinados comportamentos sociais apresentados através da linguagem na interação face a face.

Diante do exposto e de questões levantadas, esta tese foi dividida em 5 capítulos. No primeiro, foi feita uma reflexão sobre a construção das novas relações sociais empreendidas no espaço rural brasileiro, compreendendo que, apesar da concentração de terras no Brasil constituir-se ainda como um fator preponderante na seleção social e distingue aqueles que serão ou não responsáveis para promoverem o desenvolvimento do país, é preciso refletir também sobre o lugar histórico e social da população rural que não faz parte do grupo desses latifundiários. Esta população camponesa, proprietária de pequenas parcelas de terra, desde a colonização do Brasil contribuem e influenciam de forma significativa nossa economia, sociedade e

¹Estes autores são também apresentados por Santana, Andrade e Freitag (2015) em um estudo de gênero com CdP religiosa. SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thaís Regina Conceição de; FREITAG, Raquel MeisterKo.; Relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa", p. 254-266 . In: FREITAG, Raquel MeisterKo.; SEVERO, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, linguagem e poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

cultura e de acordo com os teóricos nacionais que se dedicam aos estudos rurais, existe uma diversidade desses camponeses assim como múltiplas formas de desenvolverem suas relações no espaço rural. Dentre essas atividades, foram selecionados para este trabalho os produtores integrados de aves, uma vez que desenvolvem atividades específicas de produção e por isso tiveram seus espaços de sociabilidade encolhidos, conservando assim certas características identitárias de uma população rural mais tradicional.

O segundo capítulo foi dedicado a apresentar o referencial teórico que trata da linguagem e sua relação com as interações sociais, enfocando a importância da linguagem como o principal instrumento no qual se edificam as legitimações sociais, uma vez que ela proporciona ao sujeito um lugar no mundo e que através deste sistema de sinais lhe são transmitidos os papéis sociais em seu processo de socialização primária, isto é, por meio das primeiras instituições nas quais ele é inserido. Ainda neste capítulo, foram demonstradas algumas teorias explicando como ocorrem as construções sociais produzidas na vida cotidiana, utilizando-se como base os estudos sobre os elementos rituais de interação, narrativas orais (estórias), além das perspectivas teóricas que possibilitam a interface entre a análise da conversa etnometodológica (como instrumento de análise) e a sociolinguística interacional (como base teórica que permeia toda análise) aplicadas em comunidades de prática. Serão, portanto, interpretados os sentidos que ocorrem nas interações sociais através de alguns fragmentos de conversas.

No terceiro capítulo foram demonstrados os procedimentos metodológicos justificando a opção feita a respeito da pesquisa de base etnográfica e não eminentemente etnográfica. Explicamos o porquê do uso da ACe como técnica de análise e da SI como arcabouço teórico. Definimos neste capítulo (1) a forma que decidimos analisar os dados de fala; (2) a composição do *corpus*; (3) a composição da amostra; (4) os detalhes sobre os sujeitos da pesquisa; (5) os detalhes de onde e como surgiram os dados prévios da pesquisa; (6) os detalhes de como foram realizadas as coletas dos dados, (7) as particularidades de como foram realizadas as gravações em áudio e vídeo e (8) as peculiaridades de como foram feitas as transcrições dos dados de fala. Destacamos ainda que a pesquisa é de abordagem qualitativa e deriva de dados naturalísticos porque foram coletados nos ambientes naturais de interação, por isso a pesquisa tem uma abordagem de base etnometodológica. Trata-se de uma abordagem naturalista das ciências sociais,

criada nos anos 1960 pelo sociólogo americano Haroldo Garfinkel a fim de verificar como os métodos utilizados pelas pessoas em seu cotidiano dão sentido às coisas no mundo, ocupando-se em seus estudos com os processos de produção de sentido na vida diária e levando em consideração que tais experiências e atividades são constituídas por regras e concepções expressas pela linguagem. Desta forma, torna-se possível perceber e analisar as trocas de significados que ocorrem entre os interagentes de uma conversa. Nesta forma de compreensão linguística da organização da vida social, a etnometodologia estuda de que maneira as pessoas em sociedade constroem sua realidade utilizando a fala-em-interação.

No capítulo 4 foram descritas práticas e saberes dos indivíduos e de seus grupos sociais a partir da observação das falas-em-interação que ocorreram nos espaços rurais onde os sujeitos vivem. Coletamos e transcrevemos esses dados a fim de efetivar uma análise de base etnográfica dos excertos de conversas. Este tipo de análise consiste em compreender as especificidades das experiências vividas no dia a dia, interagindo com o outro e descrevendo o que fora observado para identificar o que compõe a vida cotidiana, atentando para os detalhes dela e da interação, considerando o lugar, o ambiente, as coisas do lugar e o que é específico desta população. Nesta perspectiva, foram apresentados três excertos de conversa coletados em três encontros conversacionais distintos e neles procuramos compreender como os interagentes manifestam-se a respeito dos vínculos de pertencimento sindical. As conversas que apresentaram vínculo institucional, foram analisadas em relação ao Sindicato dos Produtores Rurais (SPR) e à Associação de Avicultores da Zona da Mata de Minas Gerais (AVIZON), tendo em vista o monitoramento ou controle sobre a fala do próprio interagente. Os dados que demonstraram se o participante sentia-se mais ou menos à vontade foram apresentados a fim de dizer sobre cada contexto interacional.

No quinto e último capítulo, convergimos novamente os dados coletados e as teorias da SI e da ACe, apresentando trechos de conversas que se desenvolveram em contextos de interações cotidianas. Nestas interações, os participantes apresentaram algumas histórias que surgiram de suas experiências pessoais, assim como de outros conhecidos ou familiares. Ao interagirem, apresentaram alguns *elementos rituais da interação* e estes elementos se manifestaram através da comunicação verbal e não verbal. Propusemos nesta análise elucidar os sentidos da ação humana enquanto os sujeitos interagem face a

face e, dessa forma, foram considerados os aspectos presentes na interação a partir de uma perspectiva sociolinguística.

O alinhamento teórico com a sociolinguística interacional possibilitou-nos perceber e analisar evidências que surgem na linguagem pela comunicação efetivada entre os indivíduos e o contexto em que estão inseridos, bem como observar de que maneira as pessoas reagem diante de determinadas situações que ocorrem nas interações em determinados ambientes sociais. Segundo Goffman ([1964] 2013a, [1979] 2013b), através das relações sociais desenvolvidas por um indivíduo em uma determinada comunidade, surgem diferentes modos de ele expressar-se em sua relação com o outro, consigo mesmo e com o seu discurso.

1 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO

A história da constituição do meio rural brasileiro tem, evidentemente, diferenças marcantes em relação à história europeia e norte-americana. Basta lembrar as funções específicas aqui assumidas historicamente pelas cidades, as vinculações da grande agricultura de origem colonial ao mercado externo e a possibilidade de dispersão da população por um vasto território, para compreender as particularidades brasileiras, no que se refere à constituição e composição das sociedades locais, às relações campo/cidade e às relações entre o que é “agrícola” e o que é “rural”.

Maria de Nazareth Baudel Wanderley. O mundo rural como espaço de vida.

Apesar da concentração de terras no Brasil se constituir ainda como um fator preponderante na seleção social que distingue aqueles que serão ou não responsáveis para promoverem o desenvolvimento do país, é preciso refletir sobre o lugar histórico e social da população rural que não faz parte do grupo dos latifundiários brasileiros. Esta população camponesa proprietária de pequenas parcelas de terra, desde a nossa colonização contribuíram e influenciaram de forma significativa nossa economia, sociedade e cultura.

A partir dos anos 1950 estava sendo formulado um projeto que vislumbrava importantes modificações no setor agropecuário. As transformações tecnológicas dos processos produtivos e as exigências do mercado impuseram um modelo de modernização na agricultura trazendo consideráveis mudanças no contexto rural brasileiro. Todavia, atualmente, verifica-se que ainda permanecem características identitárias de uma população rural mais tradicional que precisa ser reconhecida e interpretada. Dessa forma, compreender os modos de vida dos camponeses é importante para entender as relações sociais estabelecidas no espaço rural a partir da modernização da agricultura.

Uma análise interessante que contribui para uma maior compreensão das relações sociais nos espaços rurais é de Wanderley (2009) quando afirma que, apesar da indústria e da urbanização, certas particularidades constitutivas dos espaços rurais são mantidas. Segundo a autora, a “urbanização, a industrialização, as modernizações na agricultura não se traduziram por nenhuma uniformização da sociedade.” Desta forma, ocorre certa “manutenção

da tradição camponesa”, apesar das grandes mudanças ocorridas na sociedade rural brasileira (WANDERLEY, 2009, p. 205).

Coadunando com a análise de Wanderley (2009), para Woortmann e Woortmann (1990, 1995), embora tenha havido mudanças significativas no espaço rural no Brasil, nas últimas décadas, em função de um novo contexto rural e urbano, ainda se mantêm certas características da campesinidade nos indivíduos que residem em tal território. Mesmo sendo influenciados pelas interações sociais, conseguem guardar e disseminar valores, sentimentos, costumes e formas de se expressar através da linguagem que são características da trajetória daqueles que constituíram este espaço.

Estudando também as populações rurais, Cândido ([1954] 2017)² analisa o caipira paulista e as profundas transformações dos seus meios de vida. Através desse trabalho, o autor procura reconhecer estas transformações diante dos impactos ocasionados pela modernização capitalista no Brasil. Ele compreende que o caipira cria formas de resistência diante dessa dimensão econômica que o cerca e o pressiona, mesmo diante da possibilidade de dissolução de sua cultura. Ao caipira é imposta a multiplicação do trabalho, para que sobreviva em meio às imposições da modernização, favorecendo as formas de trabalho mais individualizadas e arrefecendo as coletivas, comprometendo as formas de sociabilidades que lhe são características.

Outra questão apresentada nesta análise de Cândido ([1954] 2017) é que as conexões com o mercado e com a indústria favorecem os vínculos entre o caipira e os atores sociais da cidade, em detrimento da nulidade do primeiro. Desta forma, o lugar principal de realização das sociabilidades do caipira seria os bairros rurais, definidos por ele ([1954] 2017, p. 62) como “agrupamentos de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de

² Um livro que expõe os modos de vida tradicionais dos caipiras paulistas retrata as transformações em sua cultura promovidas pela expansão do capitalismo para o interior do Estado, registra as formas de resistência a essas mudanças e, no final, sugere maneiras de preservar a dignidade e a integridade desses cidadãos – entre elas, a implantação da reforma agrária. Assim pode ser resumido como um clássico da sociologia brasileira, o livro *Os Parceiros do Rio Bonito*, escrito originalmente em 1954 como tese de doutorado de Antônio Cândido (1918-2017), Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e o principal crítico literário da história do País. Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/3613-editora-da-usp-ian%C3%A7a-obra-cl%C3%A1ssica-de-antonio-candido-sobre-a-vida-caipira.html>. Acesso em 26 Jan. 2020.

localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades mágico-religiosas.”

O pertencimento a um determinado bairro delineava a participação em um sistema de trocas, que estabelecia os vínculos sociais. Por se tratar de um grupo social com poucos recursos materiais, pertencer a um bairro rural garantia determinados mínimos de vida concretamente assegurados pelas relações sociais nele construídas. Era no nível dos bairros que os caipiras conseguiam convocar e ser convocados para os mutirões, fundamentais para garantir a limpeza das áreas, o preparo da terra, além das colheitas. Apesar da importância deste espaço de interação social, o núcleo familiar ainda representava o cerne da vida diária e, portanto, de sociabilidades, já que o contato com os membros de um bairro não ocorria cotidianamente (CÂNDIDO, [1954] 2017).

Os caipiras encontravam-se em um processo de intensa transformação social decorrente das mudanças mais amplas da sociedade à época (meados do século XX), quando algumas regiões brasileiras estavam vivenciando fortes alterações nos processos produtivos, marcadamente direcionados aos mercados capitalistas. Estes agricultores, de forma nítida, viram seus meios de vida transformados e como consequência ocorre uma visível fragmentação em todos os níveis sociais, econômicos, culturais. Dependentes da mobilidade e de terras abundantes para cultivos, os caipiras paulistas encontram imensas dificuldades de sobrevivência. Parte deles consegue se adequar ao novo modo de vida, mas a grande maioria não efetiva a adaptação necessária e o destino é a miséria. Assim, esta transformação está submetida a uma lógica capitalista que exerce total influência na vida dos caipiras, desestabilizando e dissolvendo a sociedade rústica caipira (CÂNDIDO, [1954] 2017).

. De acordo com Garcia (2003) - confrontando em certa medida com Cândido ([1954] 2017), as formas de sociabilidade permanecem na cidade, apesar do acelerado êxodo rural, a partir dos anos 1930. Esta é a mesma percepção já apresentada por Wanderley (2009), quando a autora afirma que a urbanização e a industrialização não traduziram em uniformização da sociedade rural do Brasil, defendendo certa manutenção da tradição camponesa, mesmo diante das grandes mudanças.

A respeito dessas grandes mudanças no espaço rural, Paulilo (1990)³, ao estudar a visão de mundo dos produtores integrados na região sul de Santa Catarina, procura analisá-las à luz das relações que eles tinham com o mercado, refletindo sobre suas tensões, contradições, conflitos e planos de significação. Neste estudo, foi possível identificar seus dilemas e riscos na relação com a agroindústria, pois observa-se que estes negociam em todos os sentidos, inclusive entre si⁴. Apesar de a autora não mencionar as sociabilidades construídas a partir da inserção no sistema de integração, ela elucida, em seu estudo, a ampliação das relações sociais do grupo em questão, à medida que os mesmos passam a interagir com mais proximidade e de maneira cotidiana com os mercados e a com a lógica capitalista.

Fazendo referência ao contexto da CdP (objeto de análise desta tese), na Zona da Mata mineira, a integração avícola vem remodelando o modo de criação de frangos e das práticas cotidianas, em geral, reforçando a ideia de constituição de novas sociabilidades. Por conseguinte, o vínculo com a agroindústria é cada vez mais estreito e controlado. O trabalho relacionado aos cuidados com as aves passa a orientar toda a vida cotidiana. O tempo livre, que em antes era disponibilizado para outros vínculos sociais, reduz-se de forma impressionante (TOLEDO, 2012).

A vida destes indivíduos passa por uma grande mudança econômica e social. Segundo Navarro e Pedroso (2011), por causa da monetarização da vida social, tudo vira mercadoria. Aos poucos, a vida em sociedade vai sendo dominada pela multiplicação dos mercados. Logo, foi possível perceber que o espaço rural não ficou imune a toda essa movimentação capitalista, que redefine os padrões de consumo e da vida social mais ampla.

Nessa relação econômica em que se encontram os produtores integrados, existem disputas, conflitos e necessidades de redefinição de práticas sociais. Assim, entendemos que a utilização dos conceitos de ACe e

³À época, professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴Essa é uma análise feita por Otávio Velho (1987, 1995) em relação ao livro da autora, inclusive enxergando nele uma semelhança com o seu trabalho: **O cativo da Besta-Fera, Religião e Sociedade** (Vol. 14, nº1, 1987), no qual Velho procura mostrar como as noções de cativo e besta-fera aplicam-se aos vários grupos de agricultores brasileiros.

SI poderá contribuir para dar sentido às ações sociais desses sujeitos que buscam mecanismos de permanência da condição de camponeses na relação produtor-agroindústria.

Entretanto, como a vida social é concretamente vivida pelos grupos com diferentes trajetórias e formas diversas de inserção, acreditamos que o estreitamento com os mercados capitalistas não se desenrola numa única direção, com o total desmantelamento das sociabilidades, valores e perspectivas anteriores, sem que rompa com todas as práticas sociais preexistentes.

A esse respeito, de acordo com Bourdieu (2008), é necessário tentar romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas sociais, compreendendo que, em se tratando das interações e do comportamento humano, estes são produtos da história e são confrontados, de forma incessante, por experiências novas e, da mesma forma, afetados por elas.

1.1 AGRICULTORES FAMILIARES COMO PARTE DO CAMPESINATO BRASILEIRO

[...] o campesinato, forma política e acadêmica de reconhecimento conceitual de produtores familiares, sempre se constituiu, sob modalidades e intensidades distintas, um ator social da história do Brasil.

Welck et al. Camponeses brasileiros.

Diante das especificidades características dos vários grupos sociais rurais existentes no Brasil, optamos pela análise dos usos linguísticos e paralinguísticos dos agricultores familiares da Zona da Mata de Minas Gerais, especificamente dos produtores integrados, por compreender que estes possuem marcas identitárias observadas em interações sociais que coadunam com características das populações rurais mais tradicionais.

Estudos sobre agricultores familiares no Brasil têm sido objeto de pesquisa em diferentes áreas, devido à importância dessa população na

produção de alimentos em todo o país.⁵ Estes agricultores são atendidos pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)⁶, criado em 1995, em um contexto de políticas neoliberais para a agricultura. O PRONAF financia projetos individuais ou coletivos, que geram renda aos agricultores familiares.

O acesso ao PRONAF começa com a decisão da família em adquirir o crédito – que pode ser destinado ao custeio da safra, atividade agroindustrial, investimento em máquinas, equipamentos ou infraestrutura de produção e serviços agropecuários ou não agropecuários, reforma e construção de residências rurais, irrigação, entre outros.⁷ A partir desta iniciativa, os proprietários rurais de pequenas parcelas de terra passaram a ser atendidos por um programa especial de crédito rural com juros baixos.

No primeiro momento, as possibilidades de acesso ao programa eram dadas àqueles agricultores que comprovassem, além da possibilidade de pagamento dos empréstimos, características que os identificassem, de fato, como um pequeno produtor, sendo a mão de obra empregada na produção de base familiar. Porém, ao longo do tempo, estudiosos (WANDERLEY, 2009, 2015; NAVARRO; PEDROSO, 2011) já perceberam que não há uma homogeneidade dos agricultores familiares no Brasil. Essa constatação necessita de que sejam feitas reflexões tanto sobre o próprio programa, quanto sobre os comportamentos das populações que são atendidas por ele.

⁵ O Censo Agropecuário de 2017, levantamento feito em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, aponta que 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como da agricultura familiar. Em extensão de área, a agricultura familiar ocupava, no período da pesquisa, 80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. De acordo com o levantamento, a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas em setembro de 2017, o que representa 67% do total de pessoas ocupadas na agropecuária. A agricultura familiar também foi responsável por 23% do valor total da produção dos estabelecimentos agropecuários. Conforme o censo, os agricultores familiares têm participação significativa na produção dos alimentos que vão para a mesa dos brasileiros. Nas culturas permanentes, o segmento responde por 48% do valor da produção de café e banana; nas culturas temporárias, são responsáveis por 80% do valor de produção da mandioca, 69% do abacaxi e 42% da produção do feijão. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1>. Acesso em 07 jan. 2020.

⁶ Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/como-acessar-o-pronaf>. Acesso em 11 dez. 2017.

⁷ O Plano Safra 2019/2020 incluiu todos os produtores rurais do Brasil e, segundo o governo, beneficiou sobremaneira os agricultores familiares, a partir do aumento dos recursos destinados ao PRONAF, que obteve em 2019 R\$ 31,22 bilhões de investimento. A outra novidade dos recursos destinados ao PRONAF é a possibilidade de sua aplicação na reforma e na construção das residências rurais, o que possibilita melhores condições de vida àqueles que vivem no espaço rural brasileiro. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/pronaf-e-pronamp-terao-os-maiores-orcamentos-de-suas-historias-no-plano-safra>. Acesso em 22 dez. 2019.

Neste sentido, Navarro e Pedroso (2011) apontam que tal modelo de programa de apoio aos agricultores familiares não garante a manutenção do pequeno produtor no espaço rural, porque não atende às especificidades desses produtores. Os autores afirmam ainda que é fundamental analisar e interpretar os comportamentos sociais dos diversos tipos de agricultores de base familiar existentes no país, na atualidade, a fim de valorizar suas demandas e de agir sobre elas de forma mais efetiva e direcionada. Dessa maneira, é possível identificar suas especificidades produtivas, para que se confirme a existência de uma impropriedade teórico-conceitual da noção do que se compreende na atualidade como agricultores familiares, criando certa homogeneidade a respeito desta categoria analítica.

Assim, os mesmos estudiosos citados acima sugerem uma abordagem teórica que permita analisar, a partir de levantamentos empíricos, a diversidade dos pequenos estabelecimentos rurais brasileiros sob gestão familiar, esclarecendo que, no Brasil, o que se apresenta é justamente uma heterogeneidade de agricultores familiares e não o contrário. De acordo com Navarro e Pedroso (2011), estas análises poderão subsidiar a elaboração de políticas mais consistentes que reduzam a pobreza e difundam melhores condições sociais e econômicas no espaço rural.

Ao tratar desta diversidade de agricultores familiares, o grupo de análise desta pesquisa foi constituído pelos produtores integrados. Sobre esta modalidade produtiva, Paulilo (1990) afirma que a produção integrada é definida como uma forma de articulação vertical entre a empresa de produção agroindustrial e os produtores agrícolas que possuem pequenas parcelas de terra. Uma vez que a produção integrada não exige vastas extensões para desenvolver esta atividade, o processo de produção funciona na forma industrial (ou próximo disso).

Em outro estudo, Marques, Faria e Souza (2011) alegam que uma das características principais dessa forma de produção é a adoção de um avançado pacote tecnológico, aplicado no manejo com os animais. Os produtores integrados recebem insumos e orientação dos técnicos da integradora em todo processo produtivo e, em contrapartida, produzem a matéria-prima de maneira exclusiva para ela, mantendo assim um alto grau de

dependência e uma perda considerável de autonomia, apesar do contrato de parceria propor uma estrutura de gestão independente.

Em minha pesquisa de mestrado (TOLEDO, 2012), verifiquei uma particularidade sobre esta perda de autonomia, identificando que ela ocorre principalmente em relação às decisões dentro da dinâmica da produção, sobretudo no que se refere ao tempo destinado às outras atividades, uma vez que esse modelo produtivo exige uma carga exaustiva de trabalho. Este aspecto contribui, de forma expressiva para a escassez de tempo livre, limitando ou impedindo os produtores integrados de se envolverem em outros espaços comuns de sociabilidade. Tal realidade faz com que esse grupo seja muito específico entre os camponeses brasileiros, cujo tempo livre é definido pelos interesses da integradora.

Considerando alguns trabalhos sobre o campesinato no Brasil, elencamos os estudos de Queiroz (1963, 1973), porque articulam as dimensões micro e macro da vida social e abarcam questões particulares sobre a organização e a estrutura das populações residentes no mundo rural, valorizando principalmente a importância histórica, econômica e social dos pequenos produtores rurais. A autora desenvolveu pesquisas sobre os trabalhadores livres e pobres do campo e procurou compreender o espaço de vida deles, apresentando este grupo social como uma ampla categoria de produtores rurais, que não estão ligados à polarização capitalistas/proprietários de terras e trabalhadores rurais.

Esta categoria refere-se aos pequenos produtores que estão localizados em todo o território nacional e há muito, retiram o seu sustento da agricultura e da pecuária. Além de serem responsáveis pela sua própria subsistência e de sua família, também comercializam os seus excedentes, permitindo que o alimento chegue a muitas outras famílias através da comercialização dessa produção nos mercados. Mesmo diante do avanço da modernização e da tecnologia no espaço rural, esta população tem permanecido e vivido neste lugar de trabalho e de vida.

Tais análises possibilitam o aprofundamento necessário sobre o espaço rural, reconhecendo os modos de vida, as formas de convivência e de

pensamento dos pequenos produtores, assim como suas estratégias de permanência e de resistência. Este grupo social é identificado nos estudos de Queiroz (1973) como *campesinato brasileiro*, destacando sua trajetória histórica a partir de um enfoque que privilegia a compreensão da *cultura rústica*, dimensão ignorada pela maior parte da produção intelectual.

Wanderley (2015) analisa esta questão afirmando que existe certo esquecimento sobre a contribuição histórica e social dos camponeses brasileiros porque a agricultura nacional é na maioria das vezes associada às grandes propriedades monocultoras que dominam o cenário agrícola e que produzem para o mercado internacional através de uma tecnologia sofisticada. No entanto, esta população resiste de diversas formas, permanecendo no espaço rural e produzindo de maneira efetiva, mantendo-se como protagonista dos processos sociais, conservando seu modo de vida. De acordo com esta autora,

Numa perspectiva geral, o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura (WANDERLEY, 2015, p. 26).

Esta tradição apresenta-se na maneira como algumas pessoas do espaço rural lidam com suas propriedades, sua comunidade, sua cultura e com seus valores, fazendo desse espaço um lugar para viver, trabalhar e cuidar dos seus interesses para além do objetivo apenas econômico. Nesta perspectiva, serão considerados os produtores integrados como parte do campesinato brasileiro, reconhecendo que estes são também agricultores familiares e, *assim*, alinharemos a estas pesquisas citadas, a fim de compreender como, através da linguagem, estas populações tão diversificadas se organizam e se estruturam socialmente.

1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A TRAJETÓRIA DOS PRODUTORES INTEGRADOS NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

Era a grande novidade trazida pelo século XIX: esse mesmo solo que a Província herdava da Capitania iria em breve começar a ter suas estruturas de produção agrária de tipo antigo, de baixo nível técnico e com elevadas exigências sobre os músculos humanos, corroídas por um modo material de produção novo, que penetraria inexoravelmente por todos os poros da economia – o modo de produção capitalista.

Ángelo Carrara. Minas e Currais.

Os produtores integrados que constituem nosso *corpus* de análise desenvolvem atividade específica na produção de matéria-prima para a empresa de alimentos, sendo uma produção em larga escala, com alta tecnologia voltada para o mercado de carne de frango tanto nacional, quanto internacional.

Verificamos que a quase totalidade destes produtores é de agricultores familiares, donos de pequenas parcelas de terra e alguns já desenvolvem esta atividade desde os anos 1970, quando a empresa de alimentos chegou à região de Minas. A vinda desta empresa do Rio de Janeiro para a Zona da Mata de Minas Gerais ocorreu em 1973, durante um período de crise econômica conhecido como “Crise do Milagre Econômico Brasileiro”.

Este tempo, também marcado pela baixa do mercado leiteiro na Zona da Mata, possibilitou que a produção integrada de frangos fosse considerada uma alternativa viável ao delicado momento vivido pelas famílias. Na verdade, foi a condição encontrada por muitos agricultores da região para continuar fazendo daquele espaço rural um espaço de vida, uma vez que poderiam contar com a regularidade dos recebimentos advindos dessa modalidade produtiva (TOLEDO, 2012).

O universo desses produtores integrados corresponde a aproximadamente 500 famílias residentes na Zona da Mata de Minas Gerais, das quais 30 foram visitadas ao longo dos anos de 2010 a 2019. Quando iniciada a coleta de dados em 2010, o foco da pesquisa desenvolvida era as relações sociais de trabalho e de vida. Porém, observamos a presença de pistas linguísticas descobertas nos episódios interacionais que nos

direcionavam para um futuro trabalho de pesquisa, a fim de compreender como estas poderiam confirmar marcas que caracterizavam esta população tanto no aspecto econômico, quanto cultural e social.

A partir desse enfoque, foi definida a escolha pelo tema desta tese: *Análise Interacional em Comunidade de Prática: uma abordagem sociolinguística com populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais - Brasil*.

Através deste estudo, torna-se possível uma melhor compreensão de alguns aspectos do uso da linguagem⁸ pelas populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, tendo em vista a conservação de valores culturais, tais como (1) a relação de poder no âmbito familiar; (2) a manutenção de certas tradições religiosas; (3) as estratégias de proteção de face entre os familiares; (4) as marcações de posições dos sujeitos em uma fala em interação; (5) a organização familiar e do trabalho; (6) as escolhas de pertencimento (ou não pertencimento) institucional; (7) as construções e manifestações linguísticas e paralinguísticas de representações dentro dos mais diversos enquadres da interação e expressas na comunicação face a face.

Interessante e importante aos estudos sociolingüísticos, esta pesquisa possibilita que sejam observados, analisados e resgatados alguns aspectos linguísticos e paralinguísticos com traços culturais que ainda permanecem em populações rurais mais tradicionais. Destacamos também que não existem estudos com esta população nesta área do conhecimento, sendo um trabalho que investiga características culturais da manutenção da campesinidade - traços de uma sociedade rural mais rústica - que se manifestam por meio da linguagem, mesmo diante das mudanças ocorridas no espaço rural brasileiro nas últimas décadas, devido ao grande avanço tecnológico no que se refere à produção agropecuária.

Diante do exposto, o objeto de análise dessa pesquisa são as pistas linguísticas e paralinguísticas materializadas nos episódios interacionais dos

⁸ Sobre o uso da linguagem, ver também CUNHA, Angélica Furtada da; COSTA, Marco Antônio; MATELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística e Linguagem*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

produtores integrados da Zona da Mata mineira. Elas resultam de um processo marcante da história econômica e social do Brasil contemporâneo, a Modernização da Agricultura, um fenômeno mundial com impactos significativos nos países pobres e em populações do espaço rural, a partir da segunda metade do século XX. Essa mudança na variável social produziu também efeitos na linguagem, tendo em vista as novas relações de vida e de trabalho dessas populações e os novos valores e processos sociais de identificação (GRAZIANO DA SILVA, 1981, 1982, 1996).

Assim sendo, o contato com o espaço urbano, bem como o forte vínculo com o mercado, o avanço dos meios de comunicação, o aumento do êxodo rural, entre outros fatores, influenciou sobremaneira o contexto social desses sujeitos. No entanto, ao entrar em contato com parte dos produtores integrados da Zona da Mata mineira, foi possível perceber que ainda persistem determinadas características de uma população rural mais tradicional, que se manifestam como marcas identitárias através da linguagem verbal e não verbal.

De acordo com Goffman ([1964] 2013a), é necessário ampliar as propriedades identificáveis⁹ para além da estruturação clássica da linguagem (estrutura sintática) e analisar o significado do que não está diretamente expresso na língua, mas no que é não verbal (o levantar das sobrancelhas, o alinhamento com o que está sendo falado e com quem está sendo falado, o movimento das mãos, o direcionamento do olhar, a posição dos falantes nos episódios interacionais, entre outras pistas).

Ao analisar essas propriedades, o autor ([1964] 2013a) engaja-se em estudar tanto o comportamento dos indivíduos enquanto se falam, quanto o comportamento dos que estão em presença uns dos outros, porém não estão falando, compreendendo que tais atributos sociais relacionados à fala em interação não devem ser negligenciados.

Neste contexto, Goffman ([1964] 2013a) propôs aos pesquisadores que observassem um fenômeno pouco estudado até aquele momento, tanto na linguística, quanto na antropologia ou sociologia, neste caso, a situação social que está sendo produzida na comunicação face a face. O autor compreende

⁹ Este termo diz respeito às impressões que podem ser identificadas no momento em que interagimos. Goffman ([1964] 2013a, p. 14-15) também classifica este termo como os “indicadores” ou “atributos sociais correlacionadas à fala em interação”.

que é preciso descrever a complexidade das variáveis sociolinguísticas que estão envolvidas no fenômeno da interação e salienta também a importância que estas variáveis possuem para aqueles que estão envolvidos numa dada situação social.

Considerando tanto a fala-em-interação quanto os comportamentos gestuais associados ao falar (que não podem ser capturados pela escrita), acreditamos ser necessário realizar uma análise de base etnometodológica, tendo em vista que, tanto o que é linguístico quanto o que é paralinguístico ocorre dentro de uma órbita ecológica (local onde o falante se encontra, onde reside, seu espaço de vida ou de trabalho). Sendo assim, faz-se necessário apresentar o cenário, o contexto, os objetos do local, as características e os detalhes mais finos que podem servir de fonte comparativa, analítica e elucidativa do objeto a ser estudado.

Nesta pesquisa, verificamos que as posições identitárias dos indivíduos investigados, assim como o seu pertencimento a um grupo social ao qual estão vinculados, podem ser demonstrados no curso de uma interação, através das pistas linguísticas e paralinguísticas. As primeiras ocorrem através dos recursos metafóricos, das escolhas lexicais, das repetições. As últimas podem ser expressas, dentre outras maneiras, pelo *footing*¹⁰ (alinhamento com quem se está falando ou sobre o que está sendo dito), os esquemas, as alterações prosódicas, as pausas na fala, os olhares e até os silenciamentos, ou seja, o não dito que também tem efeito de sentido (RIBEIRO; GARCEZ, 2013).

Levando em consideração todos esses aspectos observados, o objetivo principal desta tese é confirmar teórica e empiricamente a preservação de certo grau de campesinidade¹¹ presente na linguagem das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, materializado na comunicação face a face, a partir dos estudos propostos pela sociolinguística interacional.

Além deste, temos como objetivos específicos: (1) perceber em que medida parte das populações rurais da Zona da Mata mineira mantém em suas

¹⁰ GOFFMAN, Ervin. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, [1964] 2013b.

¹¹ Denominação utilizada por KlassWoortman e Ellen Woortman (1990, 1995) para se referirem à manutenção de características campesinas mais tradicionais nas populações rurais atuais mesmo sujeitas à influência dos efeitos da modernização da agricultura, dos meios de comunicação e da urbanização.

relações sociais a preservação de marcas linguísticas e paralinguísticas que integram, permitem e consolidam sua comunicação em interações sociais; (2) possibilitar que as compreensões desta pesquisa possam favorecer tanto a valorização da identidade cultural das populações estudadas, assim como (3) fazer conhecidas as especificidades da linguagem dos povos mineiros e (4) contribuir para estudos em outras áreas, que visem ao contexto rural brasileiro; (5) compreender como ocorre a permanência de alguns aspectos linguísticos e paralinguísticos mais tradicionais nas populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, mesmo sob a influência de um forte movimento de êxodo rural e consequente esvaziamento do espaço rural, associado aos relatos das narrativas orais e excertos de falas em interação; (6) analisar a construção/negociação de identidades dos sujeitos por meio das narrativas e falas em interação, relacionando-as com as características ecológicas nas quais estão inseridas; (6) observar as pistas linguísticas e paralinguísticas que se manifestam nos episódios interacionais capazes de assegurar a confirmação de evidências que caracterizam traços culturais como marcas de pertencimento a um campesinato mais tradicional brasileiro.

2 LINGUAGEM E INTERAÇÃO SOCIAL

Acreditava, e continuo a acreditar, que qualquer grupo de pessoas – prisioneiros, primitivos, pilotos ou pacientes – desenvolve uma vida própria que se torna significativa, razoável, e normal, desde que você se aproxime dela, e que uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos.

Erving Goffman. Manicômios, prisões e Conventos.

A importância da linguagem está em ser o principal instrumento no qual se edificam as legitimações sociais. Ela assegura ao sujeito um lugar no mundo, ou seja, ao nascer, o indivíduo é inserido em um campo de conhecimento preexistente. Através deste sistema de sinais que lhe são transmitidos os papéis sociais em seu processo de socialização primária, isto é, por meio das primeiras instituições nas quais ele é inserido. Mais tarde, no processo de socialização secundária, as representações construídas nestes contextos institucionais¹² tornam-se mais amplas, uma vez que irá conviver com diferentes grupos sociais. Isto possibilita ao indivíduo enquadrar suas experiências subjetivas dentro dos padrões sociais. Desta forma, a linguagem torna-se o meio possível de investigação para conhecer a vida cotidiana de um indivíduo, pois é neste contexto que ele é integrado em uma realidade dotada de sentido (BERGUER; LUCKMANN, 2004).

Entende-se que, sem a linguagem, não há interação social, não há compartilhamento do acervo de conhecimento coletivo e tampouco transmissão das tradições e subsequente processo de cristalização dos hábitos e formação das instituições. Todavia, se se pretende conhecer um indivíduo, seus hábitos e as sociabilidades presentes em suas relações, é também indispensável conhecer sua linguagem (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Para tanto, buscou-se na sociolinguística interacional as lentes teóricas capazes de elucidar os fenômenos linguísticos observados no grupo investigado. Destacamos, para o desenvolvimento da presente pesquisa, os conceitos de narrativas orais em contextos conversacionais e de análise da conversa em

¹² Berger e Luckmann (2002) consideram a família, em suas mais variadas configurações, a instituição primária mais importante, devido às representações obtidas por meio dos vínculos afetivos.

comunidades de prática. A interlocução entre essas áreas de estudo da linguagem proporcionou o instrumental teórico-metodológico de orientação discursivo-interacional necessário à compreensão dos dados coletados.

Sobre os conceitos de narrativas orais, entende-se que elas surgem e se desenvolvem em diversos contextos da vida cotidiana e, segundo Bruner (2002), estamos tão acostumados com elas que estas parecem ser a própria linguagem. No entanto, ao analisar as narrativas em contextos interacionais, é possível também percebê-las como práticas sociais capazes de manifestar experiências pessoais e coletivas que expõem a identidade do narrador. Da mesma forma, analisar a conversa cotidiana possibilita-nos compreender não só sua estrutura sintática, mas também entender como esta estrutura se manifesta como produto do processo de interação, revelando aspectos da identidade dos interagentes, tanto em suas dimensões locais e situadas, como em suas dimensões históricas e socioculturais.

Diante do exposto, pretendemos demonstrar como ocorrem as construções sociais produzidas na vida cotidiana, utilizando como base os estudos sobre narrativas orais, além das perspectivas teóricas que possibilitam a interface entre a análise da conversa etnometodológica e a sociolinguística interacional. Assim, serão interpretados os sentidos que ocorrem nas interações sociais através de alguns fragmentos de conversas.

2.1 O USO DAS NARRATIVAS ORAIS EM CONTEXTOS CONVERSACIONAIS DE INTERAÇÃO

Compreendemos que, para além das observações do cotidiano dos indivíduos, é preciso conhecer os detalhes das construções culturais que estão sendo obtidos através das narrativas e falas-em-interação. Sobre as narrativas, de acordo com Costa (2017), o seu uso contribui de forma significativa para os estudos sobre identidades sociais e linguísticas, considerando sua relação com o nível local (os episódios interacionais, por exemplo), negociado entre os falantes quando estes contam suas experiências, seu cotidiano e sua vida.

Os estudos sobre narrativas foram introduzidos na Sociolinguística a partir de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), entendendo que o ato de contar histórias¹³ na conversa cotidiana é uma forma de recapitular experiências passadas, procurando combinar uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos. Porém, outros estudos sobre este assunto apresentam a narrativa como recontagens contextualizadas de lembrança de eventos. Esta última será a nossa escolha de análise, procurando compreender a relação entre contar uma história na conversa cotidiana e a consciência prática dos atores sociais envolvidos nesta interação, apresentando, desta forma, o ato de narrar sob uma perspectiva sociológica e linguística.

De acordo com a afirmação de Bruner ([1990] 1997), contar histórias é uma atitude natural e comum na vida cotidiana, pois através desta atitude organizamos nossas experiências. Este autor leva em consideração tanto o contexto quanto a cultura das histórias, além de levar em conta o local e a situação onde a narração está acontecendo. Neste contexto, torna-se possível analisar essencialmente as narrativas que surgem das experiências pessoais, em que o narrador, ao contar a sua própria história, por certo está envolvido nela.

Para Dyer e Keller-Cohen (2000), a narrativa passa a ser compreendida como uma recontagem oral dos eventos que já ocorreram, de forma que o narrador diz de sua experiência pessoal de modo espontâneo, considerando o contexto da interação. Esta perspectiva se diferencia da maneira como Labov (1972) apresenta a narrativa: ao invés de uma recapitulação de eventos passados, o narrador contextualiza o ato de contar histórias, reconstruindo suas experiências, considerando o outro ou os outros com quem interage (ou interagem) face a face. Assim sendo, o ato de narrar uma história pessoal tende a ter múltiplos sentidos quando ocorre na conversa cotidiana, produzindo efeitos nos interagentes.

¹³ Este termo será utilizado neste texto por uma escolha teórica. Mesmo que na língua portuguesa o termo história seja socialmente o mais utilizado e, por sua vez, abarque tanto os fatos históricos escritos por um historiador quanto as fábulas, utilizaremos o termo "história" por se tratar de algo específico. Sacks (1984) define que história significa descrever uma narrativa oral de fatos descritíveis, algo que possa ser contável, que esteja na memória de um interagente e que ocupe um maior espaço em uma conversa, exigindo turnos maiores de fala, a fim de compartilhar de tais histórias, importantes para quem está falando.

Segundo Sacks (1992), como em qualquer outra ocupação que efetivamos em nossa vida, empreende-se um trabalho pelos interagentes, tanto em contar estórias quanto em ouvi-las. As oportunidades de narrar surgem nos engajamentos da interação interpessoal, no âmbito da conversa. E nesse encontro, o esforço do narrador realiza-se pelo monitoramento em relação à cena que está sendo vivenciada, tornando possível transformar seu repertório de experiências armazenadas em estórias narráveis, vislumbrando oportunidades para contá-las.

Giddens (1984) afirma que é através da conversa cotidiana que as ações humanas se sedimentam naquilo que é compreendido como experiência, constituindo, deste modo, um trabalho dos participantes nos contextos de ação prática, e isto se efetiva pela linguagem. Nesse mesmo sentido, Clark (1996) afirma que o cenário primordial da sociabilidade humana ocorre durante as conversas realizadas em contextos interacionais, constituindo este o lugar ideal para a aquisição da linguagem em todos os grupos sociais, não sendo exigida dos interagentes nenhuma habilidade específica, a não ser a socialização em grupos humanos, decorrente da obtenção da linguagem. Assim, pela linguagem e através da conversa cotidiana, as experiências humanas sedimentadas manifestam-se em estórias narráveis.

Utilizando as análises de Sacks (1984), compreendemos que, dentro de uma situação de conversa cotidiana, contar uma estória significa dominar uma unidade de construção de turno mais extensa, porque certamente uma narrativa é constituída por mais de uma frase, sendo contada em mais de um turno de fala. O narrador, por sua vez, conta a estória e, por isso, detém a palavra. Neste caso, para contar uma estória, é necessário ocorrer duas situações específicas: dar-se a suspensão momentânea da sistemática de troca de turnos e assim a unidade de construção de turno estende-se até que a atividade de narrar esteja completa e também o narrador necessita garantir a atenção dos ouvintes, justamente pela suspensão da sistemática de troca de turnos.

O início da tomada de turno para se contar uma estória ocorre diante da conquista de um espaço privilegiado na conversa, quando o narrador, de alguma maneira, sinaliza sua intenção em realizar uma fala mais extensa. A

esta elocução percebida pelos ouvintes, anunciada pelo narrador e causando uma expectativa nos interagentes, denominamos de “prefácio” (GARCEZ, 2001, p. 193).

Percebemos que esta concessão de privilégio sobre o domínio de uma unidade de construção de turno mais extensa ocorre de forma co-construída, tendo em vista que, segundo Garcez (2001), o interlocutor teria mais o que dizer, ou seja, continuaria a dizer sobre o que já estava sendo dito antes de o prefácio ser anunciado. Dessa forma, o privilégio na construção do turno ocorre quando o narrador toma a palavra e um ou mais interlocutores concedem espaço nesta tomada de turno. Contudo, para se contar uma estória, não basta contá-la, é na interação e de forma consentida e co-construída que a narrativa ocorre, porque através do prefácio pode-se manifestar uma expectativa no ouvinte, pois o que virá a seguir será importante.

Além da tomada de turno e da construção mais extensa desta unidade sintática, não há garantia de que o turno será mantido pelo narrador. Na verdade, para sustentá-lo, precisará exercer um trabalho extra, a fim de dar continuidade à série de elocuições e de assegurar a atenção interacional. Sobre esta questão, Garcez (2001) afirma que um segmento de conversa caracterizado como turno narrativo precisa ser importante aos participantes, devendo, sobretudo, fazer parte da perspectiva da realidade social dos atores envolvidos, uma vez que foi estabelecido um acordo entre os conversadores.

A partir desse momento, estabelece-se um segmento narrativo e o ouvinte não precisa mais monitorar a fala do narrador, por não se tratar de uma unidade sintática de conversa em que as trocas de turnos são frequentes, e sim de uma estória sendo contada. No entanto, os interagentes percebem o fim de uma estória da mesma forma que compreendem quando uma unidade de construção de turno está terminando. Portanto, não é necessário que o narrador diga algo explicando que a estória terminou, uma vez que, de acordo com Sacks (1974), detectar que a estória está finalizando é uma ação tácita entre os envolvidos.

Segundo Tannen (1984), o final de uma estória pode ser o início de outra contada pelos interagentes além do narrador. Esta é uma situação muito

comum na conversa cotidiana, na qual os interagentes vão se alternando em sentenças narrativas. As pessoas começam a perceber algo incomum na primeira história que está sendo contada e passam a relatar outras experiências que tenham alguma relação com ela, a partir do momento que vão resgatando da memória seu repertório de experiências vividas. É comum e esperado que, depois de ouvir uma história, o interlocutor conte outra.

Garcez (2001, p. 199) define este fenômeno na conversa como “segundas histórias”, ou seja, são aquelas que surgem como espelhamento de uma primeira história contada. Esta reação é também uma forma do ouvinte demonstrar não só que dedicou atenção, mas também que entendeu aquilo que estava escutando. Tal situação ocorre muitas vezes pela apresentação de algum elemento subjetivo que foi exposto no decorrer da segunda narrativa, quando o segundo narrador demonstra compreensão daquilo que ouviu, conforme se verifica a seguir:

Mais do que arrogar para si a compreensão do outro com algo como “eu entendo o que você quer dizer”, muitas vezes os interagentes veem relevância condicional em exibir sua compreensão do outro ao final de uma atividade narrativa de uma maneira mais robusta do que, por exemplo, simplesmente anuir à orientação de um prefácio indicativo [...]. Ao contar uma segunda história em resposta à que escutou, o participante oferece ao contador da primeira história alguma substância subjetiva própria para exame de como a sua história foi escutada (GARCEZ, 2001, p. 200, grifo do autor).

Garcez (2001) chama a atenção também para a ausência de segundas histórias, compreendendo que, quando isto ocorre, demonstra-se ao narrador que o interlocutor ratificado pode não ter ouvido como deveria. Neste caso, Sacks (1974) destaca que, para que o interlocutor ratificado demonstre que, de fato, a primeira história foi compreendida de maneira adequada, ele deverá contar a segunda história, apontando que desempenhou uma experiência equivalente à que foi apresentada pelo narrador da primeira história. Garcez (2001) explica que a segunda história demonstra a importância da primeira, comprovando que foi algo digno de ser contado, inclusive valorizando a forma como a narração foi apresentada aos demais interagentes. Segundo este autor

(2001, p. 200) “contar estórias passa a ser um negócio interacional mais do que importante para a intersubjetividade.”

O elemento que caracteriza a intersubjetividade pode ser demonstrado ao contar a segunda estória, quando o segundo narrador procura expor o que entendeu e como ouviu a primeira. Diante desta ação, o segundo narrador pode não conseguir atender às expectativas do primeiro narrador, produzindo o insucesso na busca dessa intersubjetividade. Segundo Schegloff, Jefferson e Sacks (1977), quando o interlocutor ratificado, ao contar a segunda estória, não consegue expor o ponto da estória, ou seja, a questão apresentada na interação pelo primeiro narrador, isto pode ser corrigido através do “reparo”.

Esse fenômeno ocorre quando o narrador retoma o epílogo da narrativa inicial na tentativa de fazer com que o interlocutor ratificado possa perceber algo importante da subjetividade que constituiu a primeira narrativa. Não realizando este retrabalho, é muito provável que o primeiro narrador tenha a certeza de que não foi bem escutado pelo segundo narrador.

Ainda a respeito das segundas estórias, na observação de Garcez (2001) nem sempre ela ocorre como uma atividade narrativa da experiência real do segundo narrador, pois às vezes ela pode surgir como uma estória hipotética ou mesmo um provérbio que tenha relação com a primeira. Quando, de alguma forma, não ocorre esse sentimento de busca da intersubjetividade na estória do outro, isto se caracteriza como ausência. Esta é perceptível tanto pelos demais interagentes quanto pela própria pessoa que não tem o que contar. Muitas vezes, por participarem menos dessas séries de estórias é que os sujeitos percebem que não têm certas coisas ou vivências em suas vidas, uma vez que não foram capazes de compartilhar delas com os demais membros do encontro conversacional.

Diremos, então, que a narrativa oral possibilita o compartilhamento de experiências pessoais que têm múltiplos sentidos, levando em consideração o trabalho desenvolvido pelos conversadores em contextos interacionais. Percebemos também que uma primeira narrativa propõe (ou não) a possibilidade de trocas de turnos narrativos e que, a partir de uma segunda narrativa em contextos interacionais, a intersubjetividade é, em certa medida, o

fator que possibilita a percepção entre os interagentes de que o ponto da narrativa inicial foi, de fato, bem escutado e compreendido.

O que nos interessou nesta seção foi obter, dos estudos da narrativa oral em contextos conversacionais, elementos teóricos que nos possibilitem tratar certos fenômenos que surgem da conversa cotidiana e que têm importância nas construções sociais da população rural da Zona da Mata mineira. Como contar histórias é algo comum e natural nos encontros face a face, observamos este fenômeno nas conversas com este grupo de análise. Salientamos também que os pontos apresentados nessas histórias nos possibilitaram compreender o que se constitui como valores sociais e culturais que marcam esta população.

É necessário ainda associar as narrativas aos contextos comunicativos manifestados nos propósitos conversacionais apresentados pelos interlocutores. Estes serão observados através das pistas linguísticas, paralinguísticas ou prosódicas constituídas por vários sistemas (ou subsistemas) de sinais culturalmente estabelecidos entre os interagentes. Dentre eles, destacamos as pistas não-verbais, tais como o direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, as suas posturas, a presença de gestos, entre outros, apresentados por Gumperz (2013) como pistas de natureza sociolinguística¹⁴, utilizadas para sinalizar os propósitos comunicativos ou para inferir os propósitos conversacionais do interlocutor. Trata-se de características sociais e culturais dos interlocutores e são apresentadas no momento em que os sujeitos contam suas histórias, conversam, apresentam-se ou se representam socialmente.

Considerando os níveis mais abrangentes da interação, partindo de uma análise de base etnometodológica e etnográfica da linguagem, é possível observar e compreender realidades socioculturais apresentadas através das narrativas, uma vez que difundem símbolos culturais e identitários. Percebemos, nesta perspectiva, que a narrativa é ferramenta fundamental para o indivíduo projetar tanto a identidade que julga necessária para ser aceita em

¹⁴Ler também em CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

determinada comunidade, quanto àquela que funciona como um distintivo, levando-o a se distanciar da mesma.

2.2 INTERFACE ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E ACe EM CdP's

Optamos por apresentar a relação do referencial teórico com um dos instrumentos de análise, neste caso, conceitos da Sociolinguística Interacional (SI) com interface na Análise da Conversa Etnometodológica em Comunidades de Prática (que serão referidas respectivamente pelos acrônimos ACe e CdP's). Vale ressaltar que o arcabouço teórico da SI permeará toda a análise, não apenas a ACe. Pretende-se aproximar, teoricamente, áreas distintas de estudo que permitam compreender situações interacionais de fala-em-interação em cenários específicos de convivência, tanto cotidiana, quanto institucionais.

A distinção entre as interações cotidianas e institucionais foi abordada por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003), levando em consideração a organização da tomada de turnos. O que define a conversa cotidiana é a construção e a organização da tomada de turnos mais flexíveis, apesar de muito bem administrados pelos interagentes da conversa. Já as interações em contextos conversacionais institucionais, por sua vez, são mais ritualizadas, e a pré-alocação de tomada de turnos é, de certa forma, mais rígida.

A esse respeito, cabe dizer ainda que os padrões interacionais institucionais são diferentes de uma instituição para outra. A interação em um tribunal, por exemplo, não é igual a de um consultório médico ou uma sala de aula. Percebe-se também que existem variados graus de distinção entre interações cotidianas, uma vez que estas dependem do contexto conversacional em que a fala-em-interação está ocorrendo.

Apesar desta diferenciação, para Schegloff (1987), o que de fato interessa em um trabalho que envolve a ACe é o sistema de trocas de fala em segmentos de conversas em sequências coerentes de ação, além de meios ordenados para lidar com problemas de produção e ainda a escuta e compreensão de conversas. Assim como Schegloff (1987), os analistas da conversa Sacks e Jefferson (1974, 1977) compreendem que é necessário buscar na fala-em-interação (seja cotidiana

ou institucional) maneiras de elucidar os sentidos da ação humana durante as interações.

Estas abordagens foram escolhidas (conversa cotidiana e institucional) tendo em vista que a CdP em análise compartilha suas experiências de conversas tanto em âmbito doméstico quanto institucional. Portanto, relacionar esses dados possibilita-nos uma melhor compreensão dos fenômenos que surgem nas interações sociais.

Segundo Pereira (2002), nas pesquisas de campo que envolvem os conceitos da SI, considera-se com frequência tanto a fala quanto o discurso como fontes de análises para compreender as conversações das unidades linguísticas. Para este estudo, propomos a ACe de extração eminentemente sociológica, tendo em vista o arcabouço teórico já estudado e a prática do pesquisador com as pesquisas de cunho social.

Segundo Garcez (2008), a ACe é uma tradição de pesquisa de origem anglo-norte-americana, voltada, principalmente, para o estudo da ação social humana situada no tempo real de seu acontecimento. Os primeiros analistas da conversa surgiram na década de 1960 e foram reconhecidos, uma década depois, com esta denominação. Neste contexto, destacam-se Sacks, Shegloff e Jefferson ([1974] 2003) que foram, possivelmente, os estudiosos que publicaram os textos seminais de tradição de ACe mais difundidos.

Apesar de serem sociólogos, as abordagens desses autores sobre o uso da linguagem em interações sociais despertaram a atenção dos estudiosos da linguagem e da cultura, uma vez que conseguiram perceber que o uso da linguagem por meio da conversa cotidiana em espaços reais de interação não era caótico como se imaginava, contudo é constituído de uma organização passível de análise e descrição. Outra questão percebida foi que a sistemática para a tomada de turnos na conversa seria universal (GARCEZ, 2008).

A ACe surge, então, de uma vertente da Sociologia conhecida como etnometodologia,¹⁵ que tem como proposta valer-se do olhar dos participantes para entender o que eles estão fazendo em uma interação social. Nesse caso, as próprias interações, assim como a forma como cada interagente lida com suas ações em relação a dos outros, tornam-se o foco das análises etnometodológicas.

¹⁵ A etnometodologia foi inaugurada na obra *Studies in Ethnomethodology*, publicada em 1967 por Harold Garfinkel, sugerindo uma interpretação de paradigma interpretativo para investigar os fenômenos sociais.

De acordo com Coulon (1995), através da etnometodologia, é possível investigar nos eventos de fala-em-interação como os indivíduos se organizam e como suas relações revelam suas identidades em contextos situados de conversa. Desta forma, a ACe serve como aparato metodológico capaz de observar as construções identitárias que se constituem nas interações sociais.

Diante do exposto, de acordo com Goffman ([1959] 2002), é possível, através da interação face a face, realizar estudos que permitem abarcar a dinâmica e a complexidade da vida em sociedade e esse tem sido um arcabouço interessante para os estudos que privilegiam os contextos espontâneos da vida cotidiana. O autor afirma que nas ações cotidianas constituímos-nos também identitariamente e isto nos define como sujeitos no mundo. A partir delas, negociamos significados, sustentamos ou negligenciamos mensagens, sempre considerando a plateia, quem nos assiste. Por essa compreensão Goffman ([1959] 2002) afirma que os outros definem, em boa medida, as nossas ações.

Levando em conta essas ações, Goffman ([1964] 2013a) ressalta que, mesmo em se tratando de um pequeno fragmento de conversa, apresentado de forma descomprometida, este pode ser analisado a partir dos conhecimentos da Linguística e da Sociologia, que são capazes de interpretar sentidos que advêm das interações sociais através dos discursos.

Coadunando com esta perspectiva, alguns autores (KENDON, 1975; GUMPERZ, 1982; HAVE, 1985) concluem que os significados, de fato, não são construídos *a priori*, mas são constituídos no processo da interação social, portanto, construídos no contexto, de forma dinâmica e complexa. A proposta desta pesquisa também se enquadra nessa percepção, ou seja, na possibilidade de reconhecer, nas interações sociais, sinais externos de orientação e envolvimento que favorecem a identificação de características culturais de uma população com formas de convivência e de comunicação próprias, manifestadas nos contextos conversacionais.

A partir de um evento tão comum como a conversa cotidiana, Sacks ([1974] 2003) percebeu diversas capacidades analíticas através de trechos de gravações, descrevendo os métodos que os interagentes utilizam ao realizar ações durante a fala-em-interação. Além de Sacks, os pesquisadores Schegloff e Jefferson ([1974] 2003) demonstraram que a conversa não é uma ação desordenada como poderia parecer. Eles explicam que, mesmo que as

peças não parem para pensar em algumas ações que ocorrem durante a conversa, elas se organizam com outros indivíduos através desta ação e se orientam através de alguns mecanismos para que uma interação ocorra. Observaram, por exemplo, que: (1) a troca de falantes se repete, ou pelo menos ocorre; (2) quase sempre, fala um interagente de cada vez; (3) quando ocorre a fala de dois falantes ao mesmo tempo, esta é breve; (4) transições de um turno para o próximo sem intervalos e sem sobreposições são comuns; (5) a ordem dos turnos é variável; (6) o tamanho dos turnos de fala também é variável; (7) a extensão da conversa não é previamente definida; (8) o que cada falante diz não é previamente especificado; (9) a distribuição dos turnos também não é definida de forma antecipada e (10) o número de falantes em uma conversa é sempre variável.

Vale ressaltar que estes mecanismos apresentados surgem da análise de excertos de conversas cotidianas. No caso de fala-em-interação em contextos institucionais, certamente surgem outros mecanismos específicos, como por exemplo, em uma entrevista, diferente da conversa cotidiana, na qual os turnos de fala são pré-alocados, ou seja, o entrevistador pergunta e o entrevistado responde.

Nos capítulos 5 e 6 desta tese, apresentamos dados, utilizando a ACE como instrumento de análise e a SI como arcabouço teórico. Algumas conversas transcritas partiram da interação entre o pesquisador e as famílias de produtores integrados da Zona da Mata mineira (interagentes) e outras conversas foram gravadas em áudio e vídeo em contextos naturalísticos com presença do pesquisador e sem a presença do pesquisador. Essa interação resultou de pesquisas feitas com esta população, possibilitando reconhecer, na conversa, dados relacionados à construção de poder, relação de trabalho, relação com a terra e com a criação, além de outros dados que se tornaram fontes interessantes de análise etnometodológica para serem exploradas através da ACE.

Essas primeiras conversas ocorreram em um contexto específico, sendo a primeira vez que o grupo em análise participou de um trabalho de pesquisa e os vínculos de confiança foram se consolidando ao longo do tempo de convívio. Desta maneira, durante o trabalho em campo, foi possível que uma

parte da análise ocorresse tanto nas conversas quanto na observação dos comportamentos, das interações e das sociabilidades¹⁶.

Além disso, outra observação importante referia-se a um momento pouco favorável para estes produtores integrados, uma vez que a principal atividade econômica estava numa situação de fragilidade, havendo a possibilidade de transferência de área de atuação da integradora. Se, de fato, isso acontecer, é bem provável que estas famílias fiquem em considerável dificuldade financeira, porque a integração oferece certa regularidade no orçamento familiar. Isto também foi perceptível na fala, no olhar e no comportamento das pessoas. A insegurança era evidente e ao mesmo tempo um sentimento de frustração por tudo o que foi investido, não só monetariamente, mas também no que se refere à fé, ao esforço, à esperança e à vida.

Parte do que está sendo apresentado é fragmento de um contexto mais amplo de análise e será demonstrado no decorrer desta tese e isso só foi possível apreender tendo em vista o tempo de convivência com esses sujeitos e também a partir da confluência de dados que foram coletados até o momento.

Percebemos ainda que, mesmo sendo proprietários de suas terras, esses agricultores agem como se fossem empregados de uma empresa, receosos de estarem sendo fiscalizados ou mesmo que as informações repassadas pudessem chegar aonde não deveriam. Ou seja, para permanecer na integração, parecia necessário cumprir algumas regras sociais tácitas, entre elas, a omissão daquilo que, naquele momento, poderia desagradar aos interesses da integradora.¹⁷

Observamos que, nas conversas, havia certo receio em dizer algo que lhes pudesse comprometer enquanto produtores integrados. Trata-se de uma situação específica que os limitava quanto à liberdade de dizer o que pensavam ou sentiam, tendo em vista a dependência dessa relação consolidada na integração (produtores e empresa).

¹⁶ De acordo com Simmel (1983), as sociabilidades podem ser identificadas a partir da associação entre os indivíduos e esta se estrutura a partir dos conteúdos (sentimentos, emoções, etc.) e das formas (manhas, estratégias de conquistar ou de convencer, etc.). Estudos mais específicos sobre sociabilidade, ver em SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

¹⁷ À medida que as conversas foram se tornando mais frequentes, os inconvenientes em relação às atividades da integração e o relacionamento com a empresa foram também aparecendo. As pistas não linguísticas, tais como um olhar para o cônjuge ou filhos, um movimento de cabeça ou algumas modificações na face, já demonstravam o nível de insatisfação com algumas atitudes da empresa. Em alguns momentos, o levantar das sobrancelhas, um sussurro acompanhando de uma elocução, eram pistas da insatisfação latente (“hã:: vai vendo né como são as coisas, a gente não pode falar, né? Senão, já sabe”).

A esse respeito, percebemos que, paradoxalmente, apesar de proprietários de sua força de trabalho e dos seus meios de produção (qual seja a terra, os galpões e as ferramentas), possuem um forte vínculo de submissão com a integradora e por isso agem como se não fossem donos, mas empregados. Neste sentido, foram utilizadas as análises de Schegloff (1992a); Gumperz e Cook-Gumperz (2005, 2008), confirmando que descrever e analisar como os participantes se apropriam da organização de tomada de turnos revela uma construção situada dos participantes em termos de identidades sociais.

Levando em consideração estas observações, parecem esclarecedores os apontamentos feitos por Erickson e Shultz (2013) que, apesar de desenvolverem seus trabalhos a partir das interações em sala de aula, contribuem com suas análises, entendendo que um fragmento de interação, realizado em determinado contexto, apresenta traços de um discurso. Assim sendo, o falante monitora sua fala de acordo com o contexto em que se encontra, ratificando que ela não é totalmente espontânea. Desta maneira, entende-se que o discurso é construído para o outro, existe para a outra pessoa e, para tanto, além da competência gramatical, deve-se desenvolver a competência linguística.

De acordo com Hymes (*apud* ERICKSON; SHULTZ, 2013), para se obter competência linguística, deve-se desenvolver também a competência social, uma vez que, para interagirmos de maneira aceitável no grupo social em um determinado contexto, é preciso apresentar elocuições não apenas gramaticalmente corretas, mas sobretudo devidamente apropriadas para cada situação. Estes autores acreditam que determinado comportamento social exige do falante o reconhecimento do contexto em que está inserido. Desse modo, os envolvidos mudam a sua conversa a partir da mudança dos contextos, sendo que cada comportamento, elocução ou mesmo silenciamento, adequa-se aos variados contextos. A monitoração de contextos deve ser considerada essencial na competência social, pois

A produção de comportamento social apropriado a cada novo momento exige que saibamos, primeiramente, em que contexto nos encontramos e quando estes contextos mudam. Exige que se saiba também qual comportamento é considerado apropriado em cada um desses contextos (ERICKSON; SHULTZ, 2013, p. 217).

Essas análises são válidas a fim de compreender o fato que os indivíduos aqui envolvidos foram mudando o comportamento e a conversa, à medida que os vínculos de confiança entre os interlocutores (pesquisador e produtores) foram se constituindo. Considerando a citação dos autores acima (ERICKSON; SHULTZ, 2013), quando a possibilidade de ameaça em relação às repostas desses indivíduos foi se tornando mais remota e esta convicção foi ganhando força (na fala e na consciência dos indivíduos), naturalmente, o que deveria ser omitido veio à tona.¹⁸

Esses aspectos da interação foram analisados por Goffman por meio de alguns conceitos e, dentre eles, o enquadre e o *footing* apresentam considerável relevância para a análise que estamos desenvolvendo nesta tese. Segundo Goffman ([1974] 1986, p. 10), o enquadre (ou frame) consiste de “princípios organizacionais que governam os eventos – pelo menos os sociais – e nossa subjetividade”. Ele analisa este conceito a partir de situações envolvendo “falante” e “ouvinte”, apresentando que qualquer situação na interação face a face deve ser levada em conta, sobretudo a forma como os interlocutores sustentam o que dizem no encontro conversacional.

Em outro trabalho, Goffman ([1964] 2013b) apresenta o conceito de *footing*, referindo-se à postura dos falantes, do alinhamento que é estabelecido em uma interação social, promovendo enquadres. O conceito de *footing* surge como um desdobramento do conceito de enquadre, representando o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um interagente em sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção, em um episódio interacional. Neste caso, os enquadres foram se co-construindo na interação, através dos alinhamentos realizados, permitindo-nos afirmar que o *footing* estabelece-se entre os interagentes, dependendo da ação desses.

Contribuindo ainda com esta análise, McDermott (1976) afirma que, quando os indivíduos estão em interação, tornam-se ambientes uns para os outros, ou seja, os contextos se constituem de acordo com o que as pessoas estão fazendo a cada momento. Assim, um contexto social consiste na construção de alinhamentos realizados entre os interagentes de uma conversa.

¹⁸ Estes dados serão apresentados nos capítulos 4 e 5 desta tese.

Desta maneira, nas mudanças de enquadres, os contextos também se alteram e, por sua vez, haverá a mudança de posição e de alinhamento do falante em relação ao ouvinte e vice-versa. Tratando então de indivíduos que se relacionam em contextos interacionais diversos (domésticos ou institucionais), as interações e os contextos são passíveis de análise, apesar de se modificarem com muita frequência. Nesse sentido, retomamos a análise feita por Garcez (2008, p. 17), afirmando que a ACe ocupa-se do “estudo da ação social humana situada no espaço e no decorrer do tempo real.”

A análise apresentada por Heritage e Atkinson (1984, p.1) foi também utilizada, uma vez que o principal objetivo da pesquisa apropriou-se do aparato metodológico da ACe, sendo “a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participarem das interações inteligíveis e socialmente organizadas.” Segundo estes autores, a ACe ocupa-se em “descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros.”

Nesta pesquisa, optamos por analisar as conversas das populações rurais constantes de produtores integrados, considerando ser notadamente uma CdP que compartilha, dentre outras coisas, dos aspectos linguísticos. Compreendemos ainda que tanto a ACe quanto a SI são teorias complementares que nos servirão de base teórico-metodológica para compreender os dados coletados. Conforme foi explicitado, a SI será o arcabouço teórico da pesquisa e a ACe, ferramenta metodológica utilizada em algumas partes das análises como categorização dos dados.

Buscando uma melhor compreensão de nossa unidade de análise, a CdP, segundo Torma (2011), pode ser definida pelas características internas, já que o comprometimento e sentimento de pertencimento e processos indenitários são oriundos de seus membros.

De acordo com Wenger (1998), para se utilizar o termo CdP, deve-se levar em consideração três dimensões. Primeiro, os membros da CdP precisam estar juntos nas práticas compartilhadas. Segundo, devem também compartilhar algum empreendimento negociado em comum, unindo-se por conta de um propósito e por fim, o seu repertório resulta das negociações internas.

As comunidades rurais em análise foram definidas como CdP's, uma vez que compartilham tanto das práticas (agrícolas, religiosas, de lazer, etc.), quanto dos empreendimentos negociados em comum em seus espaços de sociabilidade e, sobretudo, o repertório cultural, social e linguístico resulta de suas negociações.

Devido às excessivas horas de trabalho conferidas ao manejo com a integração, essa população constitui poucos espaços de sociabilidade, apesar disso, compartilham parte desses espaços uns com os outros, assim como se ajudam em algumas atividades das suas propriedades e, por fim, os vínculos de amizade, pertencimento, compadrio e mesmo de trabalho resultam das suas negociações internas. Utilizando ainda as contribuições de Wenger (1998), percebemos que a existência de uma CdP é possível, justamente devido à consolidação de suas relações e isto implica a interação regular entre seus membros.

Observamos então que o empreendimento negociado exige relações complexas que se tornam prática desta comunidade. Logo, a compreensão das regras torna-se evidente nas atividades cotidianas. Pode-se, também, verificar tal característica nas CdP's em análise, haja vista que, em algumas atividades (colheita, plantio, construção de instalações, chegada de insumos, batismos, casamentos, festas de aniversário, peladas/jogos de futebol nos campinhos da comunidade, novenas e outras), os membros interagem e negociam.

Para Vanin (2009), CdP's são grupos de pessoas que escolhem realizar atividades que os identificam e então compartilham práticas sociais, práticas linguísticas e variantes linguísticas que adquirem significado social neste grupo, assumindo uma relação com a identidade. Percebe-se que o processo identificatório também está relacionado à CdP. Nesse sentido, nota-se que os repertórios linguísticos são dinâmicos, pois se modificam, dependendo do contexto e das negociações realizadas na comunidade.

Por fim, o repertório compartilhado entre esta CdP implica recursos linguísticos, rotinas linguísticas, discursos, gestos, terminologia especializada e termos específicos das práticas cotidianas, dentre eles, é possível destacar alguns.

Quadro 1 – Expressões observadas nas CdP's da Zona da Mata Mineira

<i>panha do frango</i>	Dia em que os produtores integrados recolhem as aves para o abate na agroindústria.
<i>chegada do envelope</i>	Momento em que chega uma espécie de extrato do pagamento pelo trabalho desempenhado pelos integrados em um determinado período (definido como “lote”, em média, 45 dias). Neste envelope, além do pagamento, ainda vêm os consideráveis descontos emitidos pela integradora. Muitos desses descontos (ou quase todos) não são bem esclarecidos.
<i>venda da cama</i>	Após a “ <i>panha dos frangos</i> ”, o galpão fica com uma camada espessa de adubo orgânico (cepilho/serragem + dejetos dos animais). Este material é negociado e vendido pelos integrados, quando não o utilizam em sua própria lavoura.
<i>dia de benzê</i>	Um tipo de ritual espiritual em que os que têm fé serão abençoados por um membro da comunidade que domina tal poder espiritual. Acreditam que estas rezas curam, abençoam, enfim, melhoram a vida dos membros da comunidade. Inclusive, há muita reverência aos benzedores.
<i>hora da reza</i>	Momento em que membros da comunidade se reúnem para alguma atividade religiosa realizada em uma pequena igreja (capelinha) ou outra atividade de orações em conjunto em casa ou outros espaços.
<i>hora do cumê</i>	Quando se referem aos horários de refeição durante o dia, normalmente em relação ao almoço ou ao jantar.

Fonte: Toledo (2012)

Conforme observamos neste quadro, a interação entre esta comunidade permitiu aos falantes construir um repertório linguístico próprio, o qual consente aos indivíduos comunicarem-se e assim desenvolverem suas atividades cotidianas. Para Holmes e Meyerhoff (1999), os vínculos que ligam um indivíduo a uma CdP dependem de uma interação regular e mútua definida pelos demais indivíduos que fazem parte dela, são definidas então pela natureza do contato, exigindo de seus membros qualidade na interação.

Corroborando com as análises apresentadas, percebe-se que, para se obter êxito em uma CdP, faz-se necessário identificar as interações significantes. Estas devem ser também representativas para o grupo. Sobretudo, os processos

de negociação de objetivos compartilhados devem ser muito claros para que seja feita uma real análise etnográfica do discurso e das relações sociais da CdP.

2.3 ESTUDO DE FALA EM INTERAÇÃO EM AMBIENTES NATURAIS

Podemos definir que os estudos de fala em interação são aqueles que analisam o comportamento das pessoas quando estas estão na presença de outras. Por causa dessa copresença, surgem materiais comportamentais (olhares, gestos, posicionamentos, posturas e enunciados verbais) que resultam daquilo que os interagentes estão pensando ou sentindo, e esses comportamentos organizam a vida social (GOFFMAN, [1967] 2011).

O estudo minucioso e sistemático desses comportamentos tem sido desenvolvido a partir da análise das situações reais geradas nas unidades naturais de interação de pequenos grupos, mantendo como foco dois objetivos: a descrição e a descoberta da ordem normativa que prevalece dentro dessas unidades. Nesta tese, estaremos voltados para estes dois objetivos: tanto a descrição quanto a compreensão da ordem normativa comportamental que organiza e define as relações sociais entre algumas famílias rurais da Zona da Mata de Minas Gerais.

Para possibilitar este tipo de estudo, Goffman ([1967] 2011) apresenta alguns elementos considerados como integrantes dos *rituais de interação social*. Apropriar-se dos conceitos e do emprego desses elementos permite descrever e compreender os episódios interacionais que acontecem nos encontros sociais, tanto face a face quanto aqueles mediados por outros participantes.

2.3.1 ELEMENTOS RITUAIS NA INTERAÇÃO SOCIAL

Nesta seção, será apresentada uma análise sobre o comportamento das pessoas quando estão em determinados episódios interacionais e decidem utilizar algum tipo de manobra para protegerem a sua própria imagem ou de outrem. Estas manobras de preservação da fachada pessoal são definidas por Goffman ([1967] 2011) como *elementos rituais da interação*. Enfatizamos também que

estes comportamentos se reproduzem nos grupos de indivíduos analisados nesta tese e se manifestam tanto na comunicação verbal quanto não verbal, sendo possíveis de serem observados nos excertos extraídos das conversas obtidas em áudio e vídeo.

Goffman ([1967] 2011) explora o fenômeno de *preservação da fachada*, afirmando que todas as pessoas se envolvem em encontros sociais e, para que eles se realizem com efetividade, necessariamente isto se faz pela comunicação e nela ocorrem certos comportamentos que podem produzir constrangimentos ao sujeito que está falando ou ao grupo social com o qual alguém está interagindo. O autor afirma também que a apresentação da fachada se desenvolve através de atos verbais e não verbais, a fim de que os interagentes expressem suas opiniões sobre qualquer situação.

Ao se expressar, a pessoa avalia a si mesma e os demais interagentes, e isto ocorre de forma natural, demonstrando que o sujeito assumiu uma posição a partir de suas impressões pessoais que surgem naquele momento da interação. Este comportamento assumido pelo interagente é denominado por Goffman ([1967] 2011) de *alinhamento*.

A partir dessa postura assumida pelo sujeito, os demais membros do encontro social pressupõem que este admitiu para si um valor positivo durante o contato. Tal valor é denominado *fachada*, que corresponde a “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” quando uma pessoa procura “fazer uma boa demonstração de si mesma” (GOFFMAN, [1967] 2011, p. 16).

Neste caso, a pessoa almeja obter dos demais interagentes uma resposta emocional positiva mediante a fachada apresentada. Se esta impressão sobre a fachada pessoal é maior do que a expectativa esperada, é bem provável que o nível de satisfação será melhor. Caso contrário, a pessoa ficará insatisfeita ou até mesmo ofendida.

A fachada é percebida através das impressões que os interagentes têm sobre alguém e vice-versa. Uma vez que esta expectativa é sempre esperada pelos membros de um encontro social, “[...] a fachada pessoal e a fachada do grupo são construtos da mesma ordem [...]”, sendo por sua vez “[...] as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas” (GOFFMAN, [1967] 2011, p. 16).

Relacionando então o alinhamento e a fachada, podemos dizer que um indivíduo tem, está ou mantém sua fachada pessoal quando a linha assumida por ele produz uma imagem consistente sobre si mesmo e esta é mantida por juízos e evidências produzidas na comunicação face a face. Sendo assim, não se trata de algo que está dentro ou sobre o corpo dos interagentes, mas refere aos elementos simbólicos e subjetivos que são interpretados por aqueles que estão em um encontro social. Dessa forma, ao se manifestarem, podem ser analisados e avaliados.

Nos encontros sociais, quando os coparticipantes fazem esta avaliação, em algum momento, eles podem perceber que a linha assumida por um indivíduo sofre alteração, uma vez que não há efetivo controle sobre a emissão dessas impressões. Trata-se de uma fala ou comportamento que deprecia um atributo já assumido anteriormente e os demais integrantes pressupõem que o sujeito deu uma falsa impressão de possuí-lo, porque o valor social desse atributo não pode ser integrado com a mesma linha que estava sendo mantida. Este comportamento com atributos depreciativos, Goffman ([1967] 2011) denomina de *fachada errada*.

Ao perceber que está com a fachada errada (ou fora da fachada), a pessoa provavelmente ficará constrangida devido ao ocorrido e também receosa em relação a sua reputação diante dos coparticipantes do encontro social, tornando difícil reatar a linha mantida até aquele momento da interação. Além disso, ela esperava que o encontro se apoiasse numa imagem positiva do *eu*, tendo em vista que se sente ligada emocionalmente a esta imagem que agora está ameaçada.

Por perceber a falta de apreço das demais pessoas, é possível que o constrangimento comprometa - mesmo que por um breve período - a efetividade da interação entre o indivíduo e os demais coparticipantes. Se a alternativa for reatar a linha assumida anteriormente, a fim de desfazer a fachada errada emitida, o indivíduo estará optando pelo *aprumo*, termo utilizado por Goffman ([1967] 2011) para corrigir o constrangimento produzido no encontro social.

É importante entender estes conceitos porque de forma geral, a manutenção da fachada é uma condição essencial para a efetividade das interações. Quando uma pessoa apresenta uma linha inicial, ela e as demais pessoas envolvidas na interação organizam a comunicação a partir dessa linha, ficando assim presos a ela. Se houver uma alteração significativa ou, se por

algum motivo, ela se tornar desacreditada, haverá certo desequilíbrio entre os interagentes, uma vez que todo evento comunicativo foi orientado por essa linha inicial. De acordo com Goffman ([1967] 2011, p. 21), “a manutenção da fachada é uma condição da interação.”

Conforme já fora dito, podem ocorrer rupturas na fachada inicial. No entanto, existem possibilidades de contornar os constrangimentos causados por essas rupturas. É como se a fachada errada pudesse ser salva por um certo repertório de possibilidades já existentes e os sujeitos pudessem acessá-lo, fazendo escolhas para evitar tanto o seu próprio constrangimento (*orientação defensiva*) quanto o dos outros (*orientação protetora*).

Dessa forma, esses reparos possibilitam o equilíbrio comunicativo e a aceitação do *eu* nos encontros sociais. De acordo com Goffman ([1967] 2011, p. 22), “a preservação da fachada serve para neutralizar incidentes” e, ainda, “frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas; elas são jogadas tradicionais num jogo, ou passos tradicionais numa dança.”

Dentro desse repertório, a fachada pode ser preservada através de algumas estratégias, tais como a *evitação*, o *processo corretivo* e o *intercâmbio*. Sobre a primeira estratégia, Goffman ([1967] 2011) afirma que evitar encontros ou situações que possam causar ameaças à sua própria fachada, ou mesmo retirar-se com sutileza antes que a ameaça à fachada ocorra, são formas eficientes de impedir certas situações delicadas.

Caso o interagente decida se arriscar a participar de um encontro que provavelmente se submeterá a algum tipo de situação constrangedora, poder-se-á manter distante dos assuntos ou atividades que possam ameaçar a linha apresentada no início da interação. Ou ainda agir como se uma situação ameaçadora não tivesse ocorrido, mudar de assunto ou de atividade, a fim de garantir que os eventos do encontro social não depreciem a sua autoavaliação projetada ou até mesmo a de outro coparticipante.

Sobre a segunda estratégia, o processo corretivo, Goffman ([1967] 2011) diz que, em algumas ocasiões, é impossível evitar que um determinado constrangimento ocorra, e a opção do indivíduo ou do grupo é dar a devida atenção ao ocorrido e procurar minimizar seus efeitos no encontro social, exercitando então um processo de tentativa de restauração de seu estado satisfatório.

Por fim, o autor apresenta uma terceira estratégia, o intercâmbio, definido como “a sequência de atos colocada em movimento por uma ameaça reconhecida à fachada, terminando no restabelecimento do equilíbrio ritual” (GOFFMAN, [1967] 2011, p. 28-29). Esses atos são realizados utilizando duas ou mais jogadas (comunicações estratégicas realizadas entre os interagentes durante um turno de ação), por dois ou mais participantes que se articulam para salvarem a fachada através de ações corretivas. Essas ações dão-se por meio de algumas práticas que ocorrem de forma natural, devido à necessidade de construir atividades que mantenham a fachada inicial proposta por uma pessoa ou grupo. Sobre as estratégias denominadas de intercâmbio corretivo, Goffman ([1967] 2011, p. 31) apresenta quatro jogadas mais comuns no ritual de proteção da fachada ameaçada: “desafio, oferta, aceitação e agradecimento”.

O *desafio* acontece quando os participantes assumem uma postura de aceitação e de firmeza sobre o erro de conduta cometido e, a partir daí, o evento ameaçador terá que ser resolvido pelo próprio grupo ou pela pessoa que o cometeu.

A *oferta* refere-se à oportunidade dada ao ofensor (ou outra pessoa do grupo de interação) para corrigir a ofensa, demonstrando, por exemplo, que aquilo que foi dito não era tão grave assim, deixando transparecer que foi algo até mesmo sem importância ou que nem houve a intenção de dizer. Ao ser oferecida a oportunidade do reparo, o ofensor pode dizer também que falou apenas em tom de brincadeira ou até mesmo que estava sob a influência de outra pessoa e, por isso, disse (ou fez) algo sem querer. Esta jogada atenua a ofensa e possibilita um retorno suave ao evento comunicativo.

A *aceitação* se efetiva quando os interagentes acatam de maneira satisfatória o reparo realizado pelo ofensor. A partir daí, o ofensor poderá finalizar a parte mais importante da *oferta* que lhe foi dada no ritual da interação. Neste momento, através de gestos ou palavras, a pessoa perdoada comunica-se com o grupo através de sinais ou palavras de *agradecimento*.

Desta forma, Goffman ([1967] 2011) explica que o processo corretivo finaliza. Todavia, o autor justifica não ser este um modelo único de comportamento ritual interpessoal, uma vez que ele pode ser modificado de forma significativa, como, por exemplo, ao ofensor pode ser dada a oportunidade de retificar sua fachada errada imediatamente, antes mesmo do *desafio*.

Outro comportamento que pode surgir a partir da manifestação de uma fachada errada é quando o ofensor suspeita da sinceridade do perdão liberado pelos interagentes, acreditando que as pessoas o perdoaram apenas por educação. Quando isso acontece, o ofensor pode optar em se justificar mais de uma vez ao grupo de interagentes, oferecendo ofertas corretivas adicionais, recorrendo assim às várias manifestações de aceitação de suas desculpas.

Outra estratégia que pode também ser escolhida pelo ofensor é não aceitar a oferta feita pelo grupo interacional e manter-se na mesma linha ofensiva, desconsiderando por sua vez o aviso que lhe foi dado. Normalmente, nesse caso, haverá um desvio do ciclo corretivo padrão e as pessoas sairão ressentidas ou indignadas desse encontro social. Esta situação irá promover um desequilíbrio considerável na comunicação, e a saída dos interagentes do local onde ocorreu a ofensa é uma das estratégias esperadas neste caso. Isto ocorre a fim de mostrar a indignação ao ofensor e também devolver um comportamento vingativo em forma de retaliação.

Procuramos nesta seção apresentar as reflexões de Goffman ([1967] 2011) sobre os elementos rituais mais comuns na interação social quando se trata da preservação da fachada de um sujeito ou de um grupo social. Percebe-se que as questões emocionais têm forte influência no comportamento tanto do ofensor quanto dos interagentes nos ciclos de respostas. Estas emoções apresentam-se como jogadas que fazem parte da lógica dos rituais de interação e, sem esta característica de repetição dos comportamentos quando estamos nos comunicando face a face, seria impossível desenvolver este tipo de análise tão necessária para compreender os nossos comportamentos sociais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sei que há muitas vilas grandes, cidades que elas são ditas; sei que há simples arruados, sei que há vilas pequeninas, todas formando um rosário cujas contas fossem vilas...Vejo agora: não é fácil seguir esta ladainha; entre uma conta e outra conta, entre uma e outra ave-maria, há certas paragens brancas, de plantas e bichos vazias, vazias até de donos, e onde o pé se descaminha.

João Cabral de Melo Neto. Morte e Vida Severia.

Nesta pesquisa, utilizou-se abordagem qualitativa e de base etnográfica. Os primeiros dados foram resultantes de pesquisa prévia, de mestrado (2010 a 2012)¹⁹, sobre campesinato, cultura e sociedade, na Zona da Mata mineira. O segundo ocorreu a partir de um projeto da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária do Distrito Federal - EMBRAPA DF (2013 a 2014), para realizar um diagnóstico social e econômico das populações rurais da Zona da Mata mineira e assim compor um relatório de análise do contexto econômico e social do espaço rural nacional. Minha participação se efetivou ao percorrer as propriedades dos produtores integrados já visitadas ao longo da pesquisa de mestrado, além de outras propriedades ainda não conhecidas, a fim de coletar dados dos avicultores para compor o diagnóstico sobre os agricultores familiares brasileiros. Este trabalho foi realizado junto à Professora Orientadora do mestrado, além de dois outros pesquisadores do Departamento de Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa. E o terceiro momento da coleta de dados foi realizado no contexto desta de Doutorado (2015 a 2019).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: (1º) observação participante, entrevistas, anotações de campos e gravações audiovisuais (no primeiro momento – 2010 a 2012); (2º) entrevistas, aplicação de questionários e anotações de campo (no segundo momento – 2013 a 2014); (3º) gravações audiovisuais, observação participante, entrevistas, descrição de narrativas orais e anotações de campo (no terceiro momento – 2015 a 2019). Como esta pesquisa foi realizada a partir de análises de fenômenos linguísticos e paralinguísticos, foi

¹⁹ TOLEDO, Gilson Soares. **Produtores integrados na Zona da Mata mineira: uma análise sobre as novas formas de sociabilidade rural**; Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, 2012.

considerada mais relevante a coleta de dados através das gravações audiovisuais.

Os sujeitos da pesquisa são produtores rurais proprietários de pequenas parcelas de terra, dedicados à produção integrada de aves para uma grande indústria de alimentos localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. A amostra é constituída de aproximadamente 30 famílias, sendo os proprietários (e proprietárias rurais) com idade aproximada entre 40 a 70 anos.

Esta escolha justifica-se porque coincide com o momento do processo da modernização da agricultura no Brasil e, conseqüentemente, com os efeitos desse processo na vida daquela população. Estes sujeitos serão apresentados com nomes fictícios a fim de lhes garantir o anonimato, mantendo o sigilo sobre a identidade dos mesmos.

Esta pesquisa é de base etnográfica e não eminentemente etnográfica, pois segundo Bogdan e Biklen (1994), uma pesquisa etnográfica é de maior interesse dos antropólogos, uma vez que se objetiva abarcar a cultura dos povos pesquisados. Apesar disso, objetivando considerar o contexto em que estes falantes vivem, a fim de analisar o sentido do que se diz e como é dito, faz-se necessário contar com a descrição dos detalhamentos ambientais, sociais e culturais desses sujeitos. Considerando esta especificidade, para os autores citados o método de análise qualitativo tem foco na descrição, portanto se fundamenta nas percepções subjetivas do pesquisador, uma vez que as percepções pessoais são utilizadas para interpretar os fatos analisados. Considerando as escolhas metodológicas já mencionadas, investigações etnográficas ou mesmo de base etnográfica são investigações de abordagem qualitativa.

Nesta perspectiva, foram estudados dados com base em descrição de narrativas orais e transcrição de episódios interacionais. Garcez e Schulz (2015) propõem que este tipo de análise de dados deve ocorrer a partir da articulação entre os dados obtidos das práticas de linguagem com trabalho de campo de natureza etnográfica. Segundo os autores, tal escolha potencializa o entendimento adequado das ações situadas, ou seja, aquelas ações que ocorrem em um dado momento e lugar específicos, como a sala de aula, consultórios médicos, audiências de conciliação, entre outros. Sobretudo, para

se evitarem conclusões precipitadas, a sugestão dos autores é que os episódios interacionais flagrados nos ambientes específicos sejam associados a outros momentos, cenários e contextos.

De acordo com esta orientação, optou-se, nesta pesquisa, pelas situações interacionais que se desenvolvem tanto nas práticas cotidianas quanto nos ambientes institucionais em que os interagentes relacionam-se. Neste caso, serão as conversas em interação que ocorrem nos ambientes naturais, onde os sujeitos vivem e trabalham (a maioria em sua própria propriedade) e também onde esses atores interagem e se associam. As ações situadas descritas estarão sempre conexas ao contexto macro de inserção desses sujeitos, em se tratando de pesquisa em campo. Considerando que parte dessas observações aconteceu a partir das conversas entre os interagentes e, portanto, sem o controle do pesquisador, de forma não-intervencionista, estas conversas serão tratadas como “dados naturalísticos.”

De acordo com Silva, Andrade e Ostermann (2009), para se realizar uma pesquisa numa perspectiva de ACe, é necessário analisar interações naturalísticas, ou seja, os dados não são constituídos a partir de um roteiro prévio, contudo são obtidos nos contextos de fala-em-interação em que foram construídos. Neste caso, os dados que servem à ACe são oriundos das situações cotidianas, da maneira como elas acontecem mesmo que não houvesse um trabalho de pesquisa sendo realizado.

A este respeito ainda, Heritage e Atkinson (1984) afirmam que, quando se utilizam de dados naturalísticos, o analista deve ter o cuidado de não manipular, selecionar ou reconstruir tais dados com base em concepções preconcebidas sobre o que é provável ou até mesmo importante. Segundo os autores, o principal objetivo da ACe é “a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas” (HERITAGE; ATKINSON, 1984, p. 1).

De acordo com Godoy (1995, p. 58), pesquisas que se utilizam de “dados naturalísticos” são aquelas em que os sujeitos são observados em seu

habitat natural e as situações ocorrem fora do controle do observador. Neste caso, para que tais dados fossem obtidos, além da observação participante, as conversas dos interagentes foram gravadas em áudio e vídeo, tendo em vista a proposta de analisar tanto o aspecto linguístico quanto o paralinguístico.

Silva, Andrade e Ostermann (2009) compreendem que os dados que surgem da ACe não são isentos de influência durante a coleta. Labov (1974) observou esta questão sobre o paradoxo do pesquisador afirmando que a subjetividade inerente aos seres humanos torna-se parte inexorável no ato da pesquisa com outros seres humanos. Para minimizar os efeitos da influência sobre os dados de fala, os pesquisadores desprezam a parte inicial das gravações (quando isso pode ser feito), uma vez que os interagentes não se monitoram por muito tempo, acostumando-se com a presença do pesquisador e dos instrumentos de gravação.

Após as gravações, é necessário realizar a transcrição. Para transformar dados de fala em texto escrito, é preciso fazê-lo mediante a uma série de convenções que sinalizam diferentes aspectos ocorridos durante uma conversa em um determinado local. Alguns aspectos que ocorrem com mais frequência são: pausas, sobreposição de fala, entonação ascendente ou descendente, falas coladas (quando um interagente começa a dizer algo imediatamente após um turno de fala de outro interagente), aspiração e expiração de ar, palavras incompletas, múrmuros, ruídos, entre outros. Os dados de fala-em-interação transcritos e analisados normalmente servem a outros analistas que, ao se depararem com este primeiro exercício, irão concordar ou não. Por sua vez, um mesmo excerto (extrato de conversa) poderá ser analisado por vários cientistas em diferentes aspectos caros à ACe (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009).

Watson e Gastaldo (2015) consideram que os eventos corriqueiros de uma conversa perfazem grande parte das situações sociais do cotidiano das pessoas comuns e, para compreender tais situações, apresentam alguns conceitos de abordagem naturalista, entre eles a etnometodologia. Segundo os autores, trata-se de uma abordagem naturalista das ciências sociais, criada nos

anos 1960 pelo sociólogo americano Haroldo Garfinkel²⁰ a fim de verificar como os métodos utilizados pelas pessoas em seu cotidiano dão sentido às coisas no mundo, ocupando-se em seus estudos com os processos de produção de sentido na vida cotidiana.

A etnometodologia preocupa-se com o modo como as pessoas dão sentido às suas experiências e atividades cotidianamente desenvolvidas no mundo levando em consideração que tais experiências e atividades são constituídas por regras e concepções expressas pela linguagem. Desta forma, torna-se possível perceber e analisar as trocas de significados que ocorrem entre os interagentes de uma conversa. Partindo desta compreensão linguística da organização da vida social, a etnometodologia estuda de que maneira as pessoas em sociedade constroem sua realidade a partir da fala-em-interação (WATSON; GASTALDO, 2015).

Corroborando com esta perspectiva, Petitjean (2009), atesta que o método etnometodológico deve servir como uma forma de conhecimento do senso comum permitindo aos indivíduos compreenderem as diferentes situações a serem enfrentadas em sua vida cotidiana. Esta corrente metodológica posiciona o sujeito como participante do que é a ordem social e não um ser submisso a ela. Dessa forma, os indivíduos, rejeitando a passividade, agem sobre a organização social da qual fazem parte.

A análise dos excertos de conversa transcritos, assim como as vinhetas narrativas e as narrativas orais, é utilizada para evidenciar aspectos identitários constitutivos dos sujeitos da pesquisa. Sobre esta questão, a partir dos trabalhos de Costa (2017), percebe-se que investigações sobre identidade se ajustam à pesquisa de base etnográfica, uma vez que concebem o seu objeto de estudo como um fenômeno construído pelos participantes de um grupo social. Consideramos, portanto, que as narrativas orais constitutivas do *corpus* de análise, produzidas a partir de histórias e de fatos narrados pelos sujeitos investigados, adequam-se também à abordagem qualitativa.

²⁰ O termo “Etnometodologia” foi criado por Garfinkel e apresentado em seu trabalho seminal intitulado *Studies in ethnomethodology*, produzido em 1967. Neste livro, o autor refere-se ao estudo (*logos*) dos métodos utilizados pelos indivíduos e seus grupos sociais (*ethnos*), assim como em suas vidas cotidianas. Estes métodos são compreendidos como processos de produção de sentido, justificando-se o termo etnometodologia (etno + método + logia). (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 13)

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a observação participante coaduna igualmente com a proposta de abordagem qualitativa. Estes autores orientam ao observador que entre no contexto dos sujeitos investigados, no intuito de conhecê-los, fazendo registros e procurando participar de situações cotidianas (participação de reuniões sindicais, festejos religiosos, práticas de trabalho, casamentos, jogos de futebol e outros).

Com objetivo de obter dados minuciosos, a fim de alcançar elementos mais subjetivos, Meltzer e Petras citados por Bogdan e Biklen (1994), afirmam que a entrevista em profundidade (não estruturada ou aberta) também favorece a identificação das pistas mais íntimas que envolvem sentimentos, pensamentos e valores. De acordo com esta técnica de coleta de dados, os entrevistados dizem sobre o que é pessoal, sem responder perguntas prévias, sendo um processo mais demorado em relação à coleta dos dados, tendo em vista que, para se obter o necessário, às vezes, é preciso um longo tempo de conversa. Neste sentido, é possível verificar como os sujeitos reconstroem suas versões sobre as situações cotidianas e experimentações vivenciadas. Isto ocorre mediante as percepções construídas no tempo de convivência entre pesquisador e pesquisadas.

A utilização de todos esses instrumentos de pesquisa favorece a melhor exploração do objeto a ser estudado, nesse caso a linguagem dos camponeses da Zona da Mata mineira, adquirida a partir dos dados de fala-em-interação, narrativas orais e anotações de campo. Cumpre ressaltar que contamos também com o que permanece na memória do pesquisador. Conforme afirmação de Marconi e Lakatos (2010), isso possibilita identificar fatos e acontecimentos registrados na memória das pessoas, coadunando com o que é significativo para a compreensão dos indivíduos. É possível também obter informações sobre as relações sociais estabelecidas, atentando para os valores e para a moral que regem a vida dos grupos sociais em análise e em relação aos contextos sociais mais amplos e circundantes.

3.1 COLETA DE DADOS DOS PRODUTORES INTEGRADOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

Os dados foram coletados a partir de visitas *in loco*, a fim de obter todas as informações necessárias (relevo, características das residências, das atividades agrícolas, dos locais de convívio dos produtores, etc.). As gravações audiovisuais foram realizadas de duas formas: com a presença do pesquisador e, às vezes, sem a presença do mesmo. Isto ocorreu quando um membro da família se dispunha a gravar algum episódio conversacional considerado importante em seu contexto cotidiano. Também foram obtidos dados de reuniões da Associação de Avicultores (que estão disponíveis em DVD e vídeos do *YouTube*), bem como participações em reuniões no sindicato rural, em igrejas e em cursos oferecidos por órgãos do governo (SENAR)²¹.

Além dos encontros conversacionais que contaram com a presença do pesquisador, algumas informações foram adquiridas através de contato telefônico, sendo essas ocorridas apenas após realizadas as visitas *in loco*, servindo, portanto, às informações complementares. A partir delas, surgiram informações que, de forma não controlada, portanto assistemática, favoreceram muito a complementação dos dados e das análises que serão apresentadas no decorrer desta pesquisa.

Por opção, todo o percurso até as comunidades foi feito em veículo próprio, uma vez que havia duas outras possibilidades: acompanhar um supervisor da empresa integradora, a fim de conhecer as localidades onde se encontravam os produtores integrados (o que seria muito mais fácil, tendo em vista a dificuldade para localizar as propriedades no espaço rural) ou dirigir-se às propriedades com veículo oficial disponibilizado para a pesquisa, através do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste MG (IF Sudeste MG)²².

²¹ O SENAR MINAS (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais) é responsável pela capacitação profissional e promoção social do produtor, do trabalhador rural e seus familiares. Anualmente, capacita cerca de 200 mil pessoas nas mais diversas áreas. Disponível em: <http://www.sistemafaemg.org.br/Senar/>. Acesso em 19 set. 2018.

²² Esta pesquisa é resultante de um convênio entre IF Sudeste MG e UFF (Projeto Dinter – Doutorado Interinstitucional IF Sudeste MG/UFF/CAPES), aprovado e financiado pela CAPES. Este convênio justifica a possibilidade de utilização dos veículos do IF para fins de pesquisa.

Nas duas opções, acreditamos que os resultados da pesquisa ficariam comprometidos, já que os interagentes poderiam nem mesmo nos atender, por receio, desconfiança ou insegurança. Os sujeitos poderiam, ainda, omitir informações ou críticas, caso houvesse, pois o pesquisador poderia ser associado a alguém vinculado à empresa integradora ou a algum funcionário da fiscalização ligado aos órgãos do Estado, devido à logomarca do Instituto Federal (IF), sendo necessário discernir sobre a melhor maneira de estabelecer vínculos de confiança de um grupo desconhecido do pesquisador.

Desta forma, dirigimo-nos às propriedades, sem a ajuda de pessoas ligadas à agroindústria e sem a utilização de veículo oficial. Utilizamos de toda clareza possível, fazendo-nos conhecidos pelos proprietários rurais, para conquistar a confiança necessária.

A partir do momento que a amostra foi sendo constituída e os endereços das propriedades foram conseguidos, iniciou-se a coleta de dados. Ainda que estivéssemos de posse dos endereços das moradias dos produtores, encontrá-los não foi uma tarefa fácil, porque o espaço rural tem características próprias de localização: um acidente natural, curso de rios, porteiras, encruzilhadas, mata-burros, pontes, alambiques, entre outros elementos que serviram de orientação, uma vez que os pesquisadores não conheciam tão bem a região. Apesar desta característica, contou-se sempre com a ajuda dos moradores dos respectivos locais, facilitando informações e possibilitando chegar às residências.

Além das dificuldades quanto à localização, por se tratar de espaço rural, no percurso realizado, constatou-se que, em algumas estradas, o acesso às localidades é demasiadamente dificultado, conforme se observam nas Ilustrações 1 e 2.

Figura 1 - Desmoronamento nas estradas de acesso às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

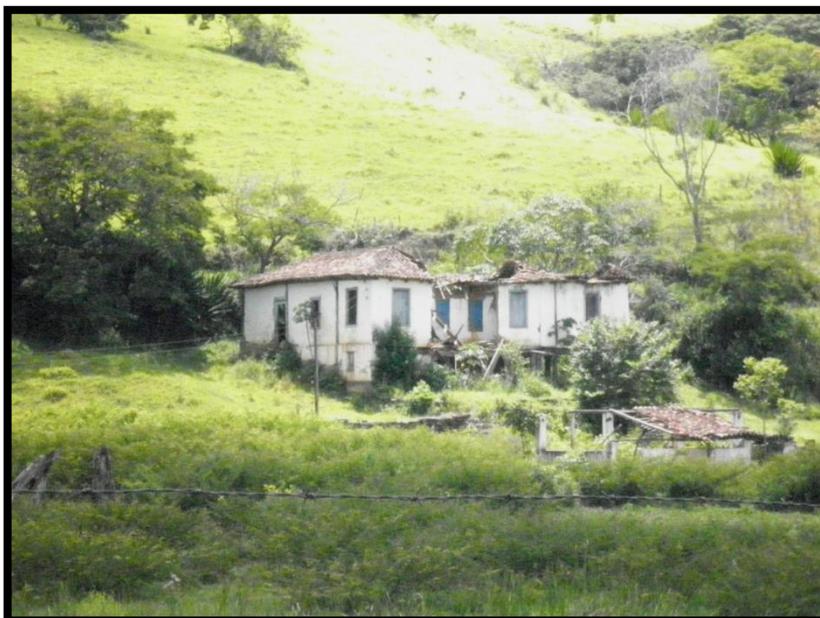
Figura 2 - Erosão 1 nas estradas de acesso às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando a condição das estradas que dão acesso a algumas propriedades, algo que também despertou atenção na descrição etnográfica das localidades é a quantidade considerável de construções abandonadas, conforme se observam nas ilustrações 3 a 6.

Figura 3 - Casa abandonada próxima às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 4 - Curral abandonado 1, próximo às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 5 - Casa abandonada 2, próxima às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 6 - Casa abandonada 3 próxima às propriedades



Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar de prevalecer nas figuras o aspecto de abandono, algumas construções, mesmo que aparentemente bem conservadas, também foram deixadas pelos seus moradores.

A partir desta constatação, foi perguntado a um dos moradores:

Excerto 1

01	P ²³	por que existem várias construções abandonadas nesta região↑
02		
03	JORGE	ninguém mais quer ficar na roça (.) aquela casa ali é do meu irmão ²⁴ que já saiu daqui e foi pra cidade e acredito que não volta mais (.) as casas tão esvaziando tudo até gente pra ajudar na apanha ²⁵ dos frango tá difícil conseguir
04	(51)	
05		
06		
07		

Observou-se que o espaço rural passa por considerável mudança, tornando-se um ambiente destinado, muitas vezes, ao lazer e menos à produção, devido (entre outros fatores) às questões de mão de obra e concorrência econômica em relação às regiões mais organizadas no tocante à produção agropecuária (GRAZIANO DA SILVA, 1981, 1982, 1996). Apesar dessa característica, os proprietários que permanecem no espaço rural para produzir, não dispõem de muito tempo livre.

Desta forma, o tempo de permanência nas propriedades para realizar a coleta de dados dependeu da disponibilidade e interesse dos interagentes em participarem das conversas. Isto ocorreu às vezes em uma manhã ou tarde inteiras, ou mesmo parte da noite, após finalizarem as atividades laborais. A maioria das famílias foi surpreendentemente receptiva, tendo em vista que quase na totalidade, não tiveram objeções em disponibilizar parte do seu tempo e informações. O período de permanência junto às comunidades permitiu fazer observações e obter subsídios sobre determinadas facetas da vida e da visão de mundo, contribuindo para elucidar algumas hipóteses que *a priori* estavam na elaboração do projeto de pesquisa desta tese.

²³ P = Pesquisador

²⁴ Referia-se a uma casa bem conservada, com uma cerca branca de madeira serrada, também muito bem cuidada, com telhado colonial vermelho, janelas e portas de madeiras na cor branca. Na frente da casa, havia um jardim com grama ainda aparada e algumas flores e plantas ornamentais. A pedido do informante, não foi possível fotografá-la, receoso de furtos que estavam ocorrendo com frequência nas imediações.

²⁵ Referindo-se ao dia de retirar os frangos da granja e colocá-los no caminhão da empresa integradora, para que fossem levados ao abatedouro.

Apesar destas constatações, notadamente os homens e mulheres na mais perfeita cortesia, agiram com fino trato aos interesses acadêmicos de um estrangeiro que adentrou suas propriedades, suas residências e suas vidas a fim de realizar este trabalho.

3.2 A CONTRIBUIÇÃO DA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Sobre a análise dos dados, encontram-se combinadas a retrospectiva histórica (através das narrativas orais), algumas orientações antropológicas utilizando-se de teorias de etnografia e outras próprias da sociologia e da sociolinguística interacional. Para melhor conhecimento sobre a região em estudo, foi elaborada uma breve pesquisa bibliográfica sobre a ocupação e povoamento da Zona da Mata mineira. Esta parte da tese destina-se a familiarizar outros pesquisadores com a região em estudo e assim ajudar a compreender como e por que ocorrem os fenômenos linguísticos e de que forma as questões geográfica, histórica, cultural e econômica, influenciam no processo identitário e de representações sociais manifestados através da linguagem. Houve empenho em descrever como foi a instalação da empresa integradora na Zona da Mata mineira e como ocorreram as parcerias de integração com os produtores visando ao mesmo objetivo.

Assim sendo, ao tratar de um grupo rural do qual uma parte da trajetória já é conhecida (VALVERDE, 1958; GOMES, 1976; CAMPOS, 2006; CARRARA, 2007; AGUIAR, 2008; CASTRO; SOARES, 2010), o uso da historiografia, das conversas e das narrativas orais possivelmente contribuem para interpretar aspectos da realidade observada.

Além das informações fornecidas pelos interagentes, fez-se uso de estudos referentes à Zona da Mata mineira; da sua descrição sociogeográfica, a fim de identificar a trajetória dos cultivos praticados na região e o contexto socioeconômico que favoreceu, inclusive, a instalação da empresa integradora. Estas fontes, associadas aos demais instrumentos de coleta de dados, possibilitaram obter informações que contribuíram para a reconstituição da

trajetória social destes agricultores incluindo a sua inserção na condição de produtor integrado.

Como os dados foram coletados segundo uma perspectiva etnográfica (recorrendo quase sempre às narrativas orais dos proprietários rurais, assim como dados de fala-em-interação de pessoas da comunidade ou pessoas ligadas direta ou indiretamente a ela), optou-se por registrar qualquer característica, elementos naturais, formas de viver e fazer, procurando abranger a maior parte possível dos aspectos e características que, de alguma forma, estão relacionados ao processo de constituição cultural e linguística do grupo em análise.

Nesta perspectiva, de acordo com Cândido ([1954] 2017), em determinados grupos sociais quando há uma considerável homogeneidade dos indivíduos, do ponto de vista dos padrões ideais, existe a possibilidade de conhecer o passado destas sociedades pelas informações obtidas através dos relatos, entrevistas e conversas e também é provável que se compreenda o presente pela análise de grupos menores.

Ao analisar as ações situadas de conversas em interações sociais, buscando os detalhes da fala cotidiana, estamos lidando com uma pesquisa de microanálise. Este tipo de estudo corrobora, significativamente, com o arcabouço das pesquisas de interpretação sociolinguística.

Sobre este aspecto, segundo Erickson e Shultz (2013), usar teorias que envolvem a construção interacional em contextos sociais de fala é crucial para entender como as formas comunicativas manifestam seus significados. Sendo a pesquisa microanalítica essencial para a interpretação sociolinguística, uma vez que esta é desenvolvida pela reflexão e contato com a realidade dos grupos, ela nos possibilita ainda passar das impressões às hipóteses.

Desde o início das visitas às famílias de produtores integrados, percebemos o que é próprio desses indivíduos. Empenhamos em reconhecer facetas de um grupo social que ainda mantém determinados padrões produtivos e societários, todavia passa a incorporar novas modalidades de produção e de comportamentos que são refletidos na linguagem.

A fim de obter referências em outras populações rurais já estudadas, reconhecemos algumas semelhanças, tanto na análise, quanto na forma de descrição dos dados em dois outros estudos. O primeiro estudo está no livro intitulado *O Vapor do Diabo*, onde Lopes (1976) descreve e analisa o trabalho dos operários do açúcar na Zona da Mata de Pernambuco, ressaltando a exaustiva intensidade de trabalho e o excessivo controle sobre os trabalhadores. O segundo estudo, refere-se ao trabalho de Cândido ([1954] 2017), em *Os parceiros do Rio Bonito* em que o autor, dentre outras observações da realidade, analisa os níveis de vida e de sociabilidade do caipira paulista ressaltando dados interessantes às pesquisas que se dedicam ao campesinato brasileiro.

Considerando que a presente pesquisa e os trabalhos de Cândido ([1954] 2017) foram realizados em épocas e lugares distintos, com grupos sociais dotados de características até certo ponto diferenciadas, as reflexões sobre o caipira paulista realizadas pelo autor foram fundamentais para o exame das formas de sociabilidades, dos comportamentos, das pistas linguísticas do que pode ou não ser dito também pelos produtores integrados da Zona da Mata mineira.

Ao privilegiar as percepções e as explicações dos próprios produtores integrados como material de análise, nesta pesquisa, dedicamo-nos a elucidar as informações concernentes a este grupo social que, diante da modernização da agricultura, são efetivamente inseridos neste processo, alterando desta forma, suas práticas sociais, mas ao mesmo tempo, reproduzem facetas da grande maioria dos agricultores familiares que não foi incorporada pela mudança nos padrões produtivos e culturais.

Parte dessas observações foi adquirida a partir do tempo de permanência nessas comunidades, o que possibilitou não só observar, mas também ouvir os moradores. A maior parte das visitas ocorreu depois de um agendamento prévio, neste caso obtendo algum contato, como por exemplo, os dados telefônicos. Quando, através desse recurso, não foi possível efetivar o contato prévio, foi realizada uma primeira visita para que, a partir do agendamento, fosse feito realmente o encontro conversacional para fins de

coleta de dados (através de entrevistas, observação e gravações em áudio e vídeo).

No primeiro momento, o nome e o local de residência dos produtores foram obtidos através das instituições que lhes dão algum tipo de assistência, dentre elas: a Associação dos Avicultores da Zona da Mata (AVIZOM)²⁶; Empresa de Assistência e Extensão Rural (EMATER) e Sindicato dos Produtores (SPR) ou o de Trabalhadores Rurais (STR) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Os demais contatos foram informados pelos próprios proprietários rurais, parentes mais próximos ou vizinhos.

Esta forma de identificação ocorreu através do formato *snowballsampling* ou *Bola de Neve*. Tal escolha foi feita por uma estratégia que teve como objetivo aproximar, primeiramente, o pesquisador de algumas pessoas que fossem indicando outras, tendo em vista o desconhecimento inicial das residências dos sujeitos da pesquisa. Segundo Minayo (2000), tal técnica decorre da pesquisa qualitativa. Este tipo de investigação possibilita ao entrevistador maior abertura, flexibilidade, possibilidade de observar e de se inteirar com o entrevistado.

Cruz Neto (1994) afirma que, através da pesquisa qualitativa, o pesquisador pode tanto se aproximar mais da comunidade envolvida como também do trabalho de campo e assim favorecer maior entendimento e aprofundamento naquilo que se deseja conhecer e estudar. Por estas questões apresentadas, concluímos que a abordagem qualitativa foi a mais adequada para este estudo.

Antes de agendar as visitas para se efetivarem os encontros conversacionais, foram realizados estudos prévios sobre povoamento, localização, situação econômica das famílias e de suas propriedades, enfim, várias características passaram a constituir um arcabouço considerável de informações a fim de favorecer a análise dos dados que aos poucos foram compilados.

²⁶ Refere-se à Associação dos Avicultores da Zona da Mata, que fica na mesma cidade onde está a sede do abatedouro (local de abate e processamento das aves criadas pelos integrados). É justamente com esta empresa, o abatedouro, que os produtores integrados têm o contrato de parceria (ou contrato de integração).

Desta forma, verificamos nestes grupos sociais a manutenção de determinadas características das populações rurais mais tradicionais que puderam ser observadas através da comunicação face a face, portanto, a reprodução de determinados comportamentos sociais apresentados também pela linguagem.

Vale ressaltar ainda que as propriedades dos produtores integrados que estão fazendo parte desta análise estão localizadas nas proximidades da empresa integradora. Este é um dado interessante, haja vista que a proximidade com a empresa diminui os gastos com transporte, favorece o abastecimento com os insumos e o controle da produção feito pelos técnicos. Outra justificativa quanto a esta escolha das propriedades realizou-se em função das práticas comuns que envolvem os proprietários. Estas comunidades denominadas, como já mencionado, de Comunidades de Prática (CdP's), tendo em vista o forte vínculo social desenvolvido entre as pessoas a partir de aprendizagens regulares, além do compartilhamento de objetivos comuns reconhecidos em suas atividades cotidianas.

4 ANÁLISE DA CONVERSA EM COMUNIDADE DE PRÁTICA

[...] o capital se apodera da agricultura, inicialmente, pelas vias da circulação e, posteriormente, revolucionando seu modo de produzir. [...] (as agroindústrias) se modernizam técnico-economicamente e pressionam a agricultura em termos de fornecimento de matérias primas.

Müler. Complexo agroindustrial e modernização agrária.

Neste capítulo, propõe-se descrever práticas e saberes dos indivíduos e de seus grupos sociais a partir da observação das falas-em-interação, a fim de efetivar uma análise de base etnográfica dos excertos de conversas expostos. Segundo Marcuschi (2001, 2003), este tipo de análise consiste em compreender as especificidades das experiências vividas no dia a dia, interagindo com o outro e descrevendo o que fora observado para identificar o que compõe a vida cotidiana, atentando para os detalhes dela e da interação, considerando o lugar, o ambiente, as coisas do lugar e o que é específico em determinada população, construído em um determinado território.

Estas construções apresentam-se através das práticas discursivas, por meio da linguagem verbal e não verbal; por isso escolhemos observar e analisar a comunicação face a face, para compreender algumas marcas identitárias inscritas na interação nos momentos das conversas. Quanto às transcrições dessas conversas, foram registradas mantendo a forma da enunciação, a fim de identificar características da linguagem que sejam parte das práticas identitárias construídas na dinâmica cotidiana e nas interações subjetivas.

Para normatizar o estudo, favorecendo tanto a análise quanto a leitura dos dados, optamos por algumas convenções do modelo Jefferson de transcrição²⁷, levando em conta que, segundo Loder (2008a, p. 130), “não tem uma forma canônica definitiva”, podendo assim apresentar variações. Nesse

²⁷ LODER, Letícia Ludwig. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In*: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (Org.). **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2008. Ver também em GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v.6, n.2, p.89-113, jul./dez.2002.

sentido, como critério para a transcrição da oralidade, decidimos utilizar a grafia mais próxima da pronúncia dos interagentes ao longo dos discursos escritos. Apesar de não se tratar de uma pesquisa de análise *sociolinguística variacionista*, a intenção foi deixar registrados os traços mais característicos da oralidade dessas populações no intuito de ilustrar melhor as peculiaridades da oralidade da região e não destacar qualquer característica que supostamente evidencie algum tipo de *preconceito linguístico*.

Apesar desta escolha que assumimos para a transcrição dos dados de fala, reconhecemos duas questões importantes: a primeira é que não há modelo neutro de transcrição porque, segundo Ochs (1979) e Garcez (2002), produzir transcrições faz parte do processo de análise, uma vez que está sempre demarcada pelos objetivos e interesses teóricos do pesquisador. A segunda: uma transcrição nunca é completa por não conseguir abarcar a totalidade do que está sendo construído pela linguagem no encontro interacional. Desse modo, como atesta Loder e Jung (2008, p. 132) “sempre é possível detalhar mais ou menos uma transcrição, dependendo do (s) fenômeno (s) que se quer analisar. Portanto, transcrever é um processo necessariamente seletivo.”

Sobre os excertos transcritos neste capítulo, atendem em alguns momentos ao requisito da sequencialidade, levando em consideração o que estava acontecendo naquele momento entre os interagentes, ou seja, o que mais interessa nestas transcrições é apresentar dados que sirvam às análises consideradas importantes e necessárias pelo pesquisador. A este respeito, Loder (2008a, p. 147) atesta que “produzir transcrições implica fazer escolhas, orientadas pela motivação teórica do analista e pelo fenômeno em foco [...]”

Os diálogos resultantes dos encontros conversacionais foram concebidos para fins de pesquisa, porém sem monitoramento por parte do pesquisador sobre os dados linguísticos. Trata-se, portanto de entrevista realizada por pesquisador, contando-se com falas livres e conversas espontâneas. A análise de alguns fragmentos do *corpus*, que se referem aos dados fornecidos por sujeitos informantes não acostumados a participar de conversas para fins acadêmicos, será apresentada a seguir.

Neste sentido, percebemos que existe algum tipo de constrangimento e controle dos interagentes quando da efetivação dos encontros conversacionais. Todavia, os fragmentos dos excertos correspondem às questões que não estavam ligadas de forma direta a esta pesquisa²⁸. Sendo assim, podemos afirmar que os fenômenos linguísticos observados neste capítulo não foram forçados pelo pesquisador. Tais dados eram apenas evidências que, no período da coleta, chamavam a atenção para a possibilidade de futuros trabalhos, sem antes conhecer as teorias da Análise da Conversa Etnometodológica ou da Sociolinguística Interacional.

As conversas apresentadas nos episódios interacionais 1, 2 e 3 foram realizadas nas propriedades rurais de cada interagente. Dependendo do nível de vínculo de confiança entre estes proprietários rurais e o pesquisador, as interações aconteciam dentro ou fora da casa, nas instalações externas ao galpão de criação, na varanda ou na “cozinha de fora” (onde fica o fogão à lenha, os utensílios do trabalho doméstico e outros objetos). Neste caso, esse é quase sempre o local onde são recebidos os convidados não íntimos ao grupo familiar. Destaca-se esta observação, tendo em vista o contexto de cada fenômeno linguístico que se instaurou a partir das conversas e dos vínculos estabelecidos entre o pesquisador e cada família de produtor rural visitada.

O núcleo familiar desses produtores é quase sempre constituído por pai, mãe e filhos. Não foram encontradas famílias com mais agregados. Quem cuida das atividades agropecuárias são os pais, porque, de forma geral, os filhos já não moram mais no espaço rural. Alguns se casaram e foram para a cidade em busca de trabalho. Outros trabalham e estudam no espaço urbano e só retornam à casa dos pais para dormir ou passar os finais de semana. Dessa forma, não é possível contar com o apoio dos filhos para as atividades agropecuárias e esta condição familiar sobrecarrega de forma considerável a rotina de trabalho dos pais.

Estar com estas famílias de camponeses possibilitou-nos perceber de que forma eles dão sentido ao mundo social em que vivem e como desenvolvem suas experiências, mesmo diante das diversas dificuldades que encontram para permanecerem no espaço rural. Dessa maneira, tornou-se possível esclarecer os

²⁸ Apontamos isto porque os dados apresentados neste capítulo resultaram da coleta de dados efetivada no período do mestrado (2010 a 2012), como já foi explicado no Capítulo 3.

significados de determinadas experiências apresentadas nas interações sociais por meio das práticas discursivas e das trocas de significados que acontecem com as pessoas enquanto conversam.

Esta análise pautar-se-á na ACe e na SI, e para tanto serão apresentados os excertos a seguir.

4.1 ANÁLISE DA CONVERSA COM FOCO NO NÍVEL DE PERTENCIMENTO INSTITUCIONAL (SINDICAL) DA CdP

Nas seções a seguir, serão analisadas as conversas que apresentaram vínculo institucional, no caso, em relação ao Sindicato dos Produtores Rurais (SPR). Tendo em vista o monitoramento ou controle sobre a fala do próprio interagente, tentaremos apresentar dados que demonstram se o participante sentia-se mais ou menos à vontade a fim de dizer sobre cada contexto interacional apresentado.

Desta forma, o que prevaleceu na expectativa dos interagentes é que os órgãos de representação da classe de proprietários rurais, quais sejam os sindicatos ou associação de avicultores, deveriam exercer uma ação mais efetiva e representativa em relação aos sindicalizados/associados. Requerendo dessas instituições que resolvam e atendam às suas demandas mais específicas de maneira efetiva. Neste caso, referiam-se ao acesso aos serviços de saúde, serviços jurídicos, orientações quanto ao pagamento de impostos, orientações sobre os valores recebidos da integradora, direitos e deveres como produtores integrados e outros.

Ao mesmo tempo em que falavam sobre o sindicato ou associação como representantes dos seus interesses ligados à produção, às condições de trabalho, paradoxalmente (e não sem motivos plausíveis), os interagentes afirmavam que não possuíam tempo disponível para participarem deles com a devida assiduidade, por isso os procuravam com pouca frequência.

A análise desses e outros dados encontrados serão apresentados em três sequências de fala entre o pesquisador (P) e os interagentes: Antônio, 77

anos, Manoel, 54 e Joaquim, 46. Nesse sentido, pode-se dizer que a interação com o todo apresenta um macroenquadre interpretativo de reconhecimento de pertencimento ou não pertencimento institucional dos falantes. Isto se instaura no objetivo inicial da conversa, como será visto a seguir. Entretanto, ao longo dos episódios interacionais, surgem microenquadres e a partir desse momento, os interagentes alinham seus discursos com sentidos diferentes, ou ainda, demonstram processos de identificação diferentes em relação aos sindicatos ou associação. Assim sendo, os encontros conversacionais foram divididos em três episódios sendo todos sobre os vínculos de filiação sindical.

É importante ressaltar que, segundo Loder (2008a, p. 127), “é na observação de interações situadas, de ocorrência natural, mediadas pelo uso da linguagem que a ACe encontra fonte de evidências para as suas análises e explicações sociais.” Consideramos então que ACe ou SI não se aplicam às interações forjadas na intenção de produzir certas ocorrências ou fenômenos linguísticos específicos, a fim de atender a uma determinada pesquisa.

Isso foi afirmado com o objetivo de justificar o uso de dados de entrevista como naturalísticos e não outros dados de conversa, uma vez que foram coletados em um momento específico (pesquisa de mestrado entre 2010/2012) em que a ACe não era um conhecimento de domínio do pesquisador. Portanto, os dados apresentados foram, naquele momento, apenas evidências, sem um aparato teórico metodológico que os abarcasse. Sendo assim, não houve por parte do pesquisador nenhuma motivação em provocar a criação de fenômenos linguísticos que pudessem servir a uma análise que utilizasse a ACe ou SI. Desta forma, serão considerados os excertos de entrevista como dados naturais de fala-em-interação.²⁹

²⁹ Referências de pesquisas com ACe utilizando dados de entrevistas: VIEIRA, Amitza Torres. **Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: um abordagem discursivo-interacional.** Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003. ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 3, n. 4, março de 2005. [www.revel.inf.br].

4.1.1 ENCONTRO CONVERSACIONAL 1: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO ANTÔNIO

As ações situadas de fala em interação ocorreram no Sítio BE e o encontro foi pré-agendado através de ligação telefônica. Nesse primeiro contato foi esclarecido que o motivo da visita seria para uma entrevista para fins de pesquisa acadêmica. A primeira visita ocorreu no dia 26 de janeiro de 2012, às 10h. O senhor Antônio recebeu o pesquisador nas proximidades da sede da propriedade, na “casa maior”, como se referia. Ele ainda se apresentava com roupa de trabalho, como gostava de ficar (segundo ele).

Os interagentes começaram uma conversa. O pesquisador disse outra vez sobre os objetivos daquela atividade e o interagente demonstrava receio quanto à atividade (coçava a cabeça, passava o pé no chão, olhava para baixo e para o lado...), dizendo que “há muito tempo trabalha com o negócio da integração” (eram mais de 35 anos de “parceria” com a integradora) e que “não quer ter problema” (algum tipo de atrito com a integradora). Apesar da cautela, aceitou participar da conversa.

Antônio se deslocou para um escritório improvisado que fez nas dependências do galpão de frangos. Ali havia uma cadeira, uma mesa e uma prancheta para anotações diversas, além de algumas ferramentas e objetos de trabalho. Tudo muito simples e improvisado. A cadeira foi ocupada pelo pesquisador (e isso foi negociado). De acordo com o senhor Antônio, “a visita fica com a melhor parte”. A conversa foi constituída por várias sequências, dentre elas, segue um fragmento:

Excerto 1

01	P	o senhor fez ou faz parte do Sindicato dos Produtores Rurais ³⁰
02	Antônio	sim:::
03	P	o senhor vê vantagens nessa participação?
04	Antônio	no sindicato::: sim, por isso eu participo, faço parte
05		do conselho fiscal ainda sinto que o pessoal aqui da
06		roça e das ôtras propriedades precisam da gente lá (no
07		sindicato)((olha para o lado, olha desconfiado)) (.)

³⁰ O que se pretendia com esta questão, era reconhecer os espaços formais de sociabilidade, tendo em vista o encolhimento desses no ritmo de vida cotidiana dessas populações. Já havia um certo conhecimento por parte do entrevistador de que pouco ou nada participavam desses espaços, tendo em vista a excessiva carga horária dispensada à integração.

08		<i>precisar</i> dum representante aqui du::: Miragaia no
09		Sindicato dos Produtores, aí eu fui e tôaté hoje (.)
10		o pessoal aqui confia muito na palavra da gente, viu?
11		sempre vem gente aqui me <i>perguntá</i> as coisa do sindicato
12		e eu se:::pre oriento aquilo que eu sei já a AVIZOM é
13		mais longe e <i>fais</i> muito pouco <i>prá</i> gente daqui então a
14		gente nem vai muito lá não, sabe

A conversa entre os interlocutores caracterizou-se por um fraco vínculo de solidariedade conversacional devido à notória insegurança do senhor Antônio. Como ele mesmo dizia: estava “*cabrêru*³¹ com a situação”. Apresentava-se receoso por não saber ao certo o que seria feito em relação às informações que estava disponibilizando. Esta característica define em parte o contexto e o *footing*, ou seja, apesar da desconfiança, os interagentes conseguiram promover um alinhamento e consolidar um enquadre de entrevista.

Em um primeiro momento, o encontro conversacional é marcado pelas declarações do entrevistado, admitindo o pertencimento e o vínculo sindical. Na linha 02, Antônio é enfático em responder “*sim:::*”, que faz parte do sindicato. Desta forma, coloca-se como parte desta instituição. Sua fisionomia e entonação alteram para uma forma mais afirmativa em sua posição, demonstrando, assim, a certeza de que vale a pena ser participante do SPR. Neste caso, as pistas linguísticas não verbais comprovam esta observação.

O segundo momento das declarações do Sr. Antônio caracteriza-se pela vantagem quanto à participação sindical. Nas linhas 04 a 14, nota-se que a participação no sindicato favorece não só ao senhor Antônio, mas a toda comunidade à qual pertence. Neste momento da conversa, percebe-se um forte alinhamento entre os interlocutores, quando Antônio fica à vontade em dizer que se reconhece como um representante de seu grupo social e que se considera capaz de realizar bem tal atividade. Verifica-se também que, mesmo conversando com uma pessoa estranha ao seu meio social, um desconhecido, o nível de monitoramento sobre a fala diminui aos poucos. Mais uma vez o senhor Antônio apresenta com clareza sua convicção quanto ao vínculo

³¹ Sobre a palavra, “*cabrêru*”, esclarecemos que é usada de maneira comum na gíria brasileira como “*cabreiro*”, referindo-se a uma pessoa desconfiada, com medo, receosa.

sindical e confirma o processo de identificação com a instituição que o representa.

Nas linhas 10 a 14, esta marca fica mais evidente, quando o interagente afirma que a comunidade tem por ele um forte vínculo de confiança: “o pessoal aqui confia muito na palavra da gente, viu? sempre vem gente aqui me *perguntá* as *coisa* do sindicato e eu se:::pre oriento aquilo que eu sei já a AVIZOM é mais longe e *fais* muito pouco *prá* gente daqui então a gente nem vai muito lá não, sabe.” Ele também se percebe como alguém útil aos demais membros da comunidade, uma vez que tem algumas informações necessárias vindas da parte do sindicato, exercendo assim certa influência dentro daquele grupo social. Percebemos isso na linha 11, quando diz que “sempre vem gente aqui me *perguntá* as *coisa* do sindicato”, demonstrando a frequência de pessoas que se dirigem a ele para tirar alguma dúvida ou obter informações.

Nesta localidade³², verificou-se a existência de um grupo em torno de 8 a 10 famílias de produtores integrados e o fato de o senhor Antônio ter sido pioneiro no processo da integração, por isso o mais experiente nesta atividade, pode ser um dos fatores que levaram a comunidade a elegê-lo como seu representante. Isto talvez justifique os vínculos de confiança e a identificação positiva construída no processo de interação com ele.

Nas linhas 12 a 14, o interagente mantém o turno, porém apresenta uma outra questão sobre a Associação dos Avicultores, fazendo uma comparação entre o Sindicato e a Associação: “e eu se:::pre oriento aquilo que eu sei já a AVIZOM é mais longe e *fais* muito pouco *prá* gente daqui então a gente nem vai muito lá não, sabe.” Na avaliação do senhor Antônio (e pelos dados de fala, a avaliação negativa é um consenso entre os membros da AVIZOM), a associação não atua em prol de seus associados como deveria, logo não os representa. E como esta não cumpre seu papel da forma esperada, seus membros também não são assíduos às reuniões e muito menos apresentam suas demandas, uma vez que a AVIZOM não age com efetividade sobre elas. Apesar deste apontamento, o senhor Antônio exerce esta função de articulador e informante das questões que atendem às

³² Decidimos por não identificar o nome da localidade para manter o sigilo dos informantes.

expectativas dos demais produtores integrados daquela comunidade rural, exercendo a função de articulador entre os interesses do Sindicato Rural e os produtores integrados de frango.

4.1.2 ENCONTRO CONVERSACIONAL 2: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO MANOEL

A segunda visita aconteceu no dia 27 de janeiro de 2012, por volta das 11h. Na varanda da casa, na parte externa, ao redor de uma mesa, assentados, estavam o pai à direita do pesquisador e a mãe mais à frente, nitidamente mais distante, detalhe da vida cotidiana no espaço rural que, de certa forma, determina a posição do homem e da mulher quando da recepção de um estranho, ou mesmo das relações de afetividade ou aproximação que se pode ter com alguém externo ao grupo familiar. Ou seja, uma prática social que parece indicar algum tipo de regra tácita entre os membros da família.

A esposa não deve ficar próxima do estranho (quando for do sexo masculino) que visita a residência: esta seria a regra. Tal prática, que foi recorrente nas várias famílias visitadas, parece-nos um comportamento social que se apresenta como uma estratégia de proteção de face tanto da mulher - a fim de determinar um distanciamento do visitante - como no sentido de valorizar o marido, primar pela boa imagem da família e demonstrar a ordem no lar. Além disso, essa disposição espacial determina tanto o lugar dos homens quanto das mulheres no espaço doméstico quando da chegada de um estranho. Analisamos também outra regra tácita há muito consolidada naquele grupo social: não se deve conceder nenhum tipo de liberdade em relação aos vínculos familiares ao indivíduo externo à família.

Outra pista não verbal observada foi que, durante todo o tempo de conversa na residência do senhor Manoel, ele, o marido, sempre iniciava os turnos de fala. A mulher nunca tomava o turno do marido, tampouco sobrepunha à fala dele, nem mesmo para completar algo que ele não soubesse ou não tivesse certeza em dizer. Poucas vezes olhava para o rosto do pesquisador (deixando perceber que esta seria mais uma estratégia de

proteção de face dela em relação a ele, esposo). Observamos também que, quase sempre, os olhos da esposa ficavam mirados para o horizonte, como se não estivesse ouvindo a conversa. Quando ela dizia algo, buscava a autorização do marido através dos gestos, como o olhar ou um movimento de cabeça e ele então se comunicava utilizando as mesmas pistas linguísticas. Ambos demonstram, desta forma, estratégias de proteção de face, a fim de manter a tradição de uma sociedade em que o homem prevalece como líder do grupo e a mulher sujeita a sua autoridade dentro do lar.

Notamos ainda que o comportamento do marido demonstrava quem estava na liderança daquele grupo familiar patriarcal, apesar do papel importante da mulher na administração do empreendimento avícola (neste caso, a criação de frangos para fornecimento à agroindústria de alimentos). Nos dados obtidos, identificamos que a presença feminina era fundamental, uma vez que ela era quem cuidava da principal renda da família de forma mais efetiva. Verificamos também que as mulheres coordenam as finanças, conhecem melhor as regras da empresa integradora e são bem atentas às etapas minuciosas da criação das aves (o que é determinante para atingir as metas determinadas pela empresa, levando em consideração cada lote de frango).

Um dado interessante para registrar é que, assim como nos tempos da criação de aves nos quintais das casas, o galpão, bem equipado, diferente da criação das aves domésticas, ficava instalado muito próximo às casas, na parte de trás da cozinha. O que parece é que uma atividade cotidiana de cuidado dos pequenos animais domésticos foi mantida pela mulher, apesar das formas bem mais modernas de criação dessas aves (identificamos que é recorrente a responsabilidade da mulher pela criação das aves e por toda a dinâmica da integração). Concluiu-se que apesar da importância da mulher no empreendimento familiar, de maneira alguma, a face do marido poderia transparecer frágil.

Após uma apresentação inicial, de novo o pesquisador falou sobre os objetivos da pesquisa e diferente do primeiro interagente, o senhor Manoel se sentiu orgulhoso por estar recebendo um pesquisador em sua residência. O alinhamento entre os interagentes foi efetivado durante todos os momentos da

conversa. O contexto sendo outro permitiu desenvolver um forte vínculo de solidariedade conversacional, com considerável cumplicidade entre os interlocutores a partir da conversa.

Outra vez, a principal característica dos dados encontrados nesse excerto aponta para o forte vínculo institucional com o sindicato por parte deste integrado. Destacamos ainda que se trata de um fragmento de conversa que durou quase duas horas. Considerando então que poderíamos apresentar várias abordagens, escolhemos neste episódio interacional, apresentar apenas os dados que se referem ao vínculo institucional sindical.

Excerto 2

01	P	senhor Manoel, o que tem a dizer sobre a sua participação
02		nos sindicatos↑
03	Manoel	esses sindicatos só <i>quésabê</i> do dinheiro da gente - só
04		participo <i>dum</i> (sindicato) ³³ só <i>dum</i> mesmo (.) não tenho
05		tempo nem de <i>dá</i> conta <i>dum</i> , meu <i>fi-</i> quem dirá dois
06		((risos, olhares trocados entre esposa e marido)) não
07		tem quase nenhuma <i>servintia</i> aqui <i>prá</i> nós não

Esta sequência caracteriza-se também pelo fraco vínculo de pertencimento sindical. No entanto, nas linhas 03 a 07 fica evidente neste turno de fala o não pertencimento e a não representatividade junto ao sindicato, uma vez que o falante não se identifica com esta instituição, percebendo-a apenas como usurpadora de seus recursos financeiros: “esses sindicatos só *quésabê* do dinheiro da gente - só participo *dum* (sindicato) só *dum* mesmo (.) não tenho tempo nem de *dá* conta *dum*, meu *fi-* quem dirá dois ((risos, olhares trocados entre esposa e marido)) não tem quase nenhuma *servintia* aqui *prá* nós não.”

Nas linhas 04 e 05, o entrevistado apresenta a questão do tempo, afirmando que se filiou a um dos sindicatos (neste caso, ao Sindicato dos Produtores Rurais, uma vez que existem outros, além da AVIZON), porém já considera o bastante: “participo *dum* (sindicato) só *dum* mesmo (.) não tenho tempo nem de *dá* conta *dum*, meu *fi-* quem dirá dois.” Vale destacar que os produtores integrados dedicam-se exaustivamente às suas atividades

³³ A população rural dessa região pode se filiar tanto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), quanto ao Sindicato dos Produtores Rurais (SPR), considerado patronal. Por isso se refere “aos sindicatos”. Neste caso, o entrevistado referiu-se ao SPR.

produtivas (como já dito antes) e o tempo para desenvolverem suas atividades extrapropriedade fica encolhido de maneira considerável.

Nas linhas 06 e 07, o entrevistado conclui que, mesmo sendo filiado a um dos sindicatos, não há nenhuma vantagem nisso (percebemos que o monitoramento sobre a fala quase não se aplica): “((risos, olhares trocados entre esposa e marido)) não tem quase nenhuma *servintia* aqui prá nós não.” Ele entende que, se algo é feito, pelo menos não é percebido e isso se verifica nesta mudança de turno. De igual forma, o não pertencimento e a não identificação apresentam-se como resultado de uma frágil interação e reconhecimento do sindicalizado em relação ao seu órgão representativo. Além deste aspecto abordado, as pistas paralinguísticas apresentadas na linha 06 demonstram a cumplicidade do casal em relação a esta mesma percepção.

4.1.3 ENCONTRO CONVERSACIONAL 3: SÍTIO BE – PROPRIEDADE DO JOAQUIM

A terceira conversa ocorreu no dia 08 de março de 2012, por volta das 13h. Joaquim recebeu o pesquisador na copa da casa. Foi o primeiro a permitir esse tipo de receptividade. Percebemos que, de forma recorrente, o interior da casa é o local destinado apenas àqueles com quem se desenvolve maior vínculo de afetividade e confiança. Não era este o caso, mas na conversa ao telefone, criou-se um vínculo mais profícuo de interação, talvez mais afetivo. Um fator que deve ter contribuído para este aspecto foi que as duas filhas do casal eram estudantes universitárias e, por sua vez, a associação que fizeram foi da importância de um trabalho científico feito, a princípio, com uma família de vida simples, sem grande importância para a ciência (pelo menos na percepção do casal). Estas informações foram obtidas quando disseram sobre como o assunto da visita de um pesquisador foi veiculado dentro do núcleo familiar. As filhas, por serem estudantes de uma universidade, comentaram com os pais sobre os juízos que tinham sobre esse trabalho e que eles deveriam apoiá-lo.

Ao redor da mesa de jantar estava o marido à frente do pesquisador, a esposa do lado esquerdo, mais distante do visitante e o filho mais novo do

casal bem próximo à mãe. As demais filhas trabalhavam e estudavam na cidade, por isso já residiam no espaço urbano. Apenas passavam os finais de semana na casa dos pais e o filho adolescente residia junto ao casal.

Logo no início da conversa, o pesquisador explica o porquê da entrevista e segue com alguns tópicos, dentre eles, a ênfase foi dada ao **vínculo** institucional com o sindicato. Diferente do que foi apresentado nas análises do ***Encontro Conversacional 1***, para este interagente, participar de uma entrevista aplicada por um pesquisador pareceu-lhe algo muito importante. Isto era notável através das pistas linguísticas e não linguísticas (feição de alegria, brincadeiras que buscavam criar certa afinidade e gestos de cumprimento mais afetivos). A forma de receber o pesquisador, assim como a afetividade dispensada, além de outros elementos interessantes, tais como a forma de ajeitar os móveis, as cadeiras (reservando o melhor lugar ao pesquisador) e a escolha dos utensílios domésticos para servir o café (era a “melhor louça da casa”, como eles mesmos destacaram).

Observamos que não havia qualquer receio aparente em participar daquele encontro conversacional. Notamos também que houve menos incidência de monitoramentos sobre as falas quanto a responder algumas questões a respeito dos vínculos com a integradora, sindicato ou associação. Verificamos então que o nível de monitoramento sobre a fala e o contexto para a efetivação do encontro conversacional influenciaram na elaboração do discurso dos interagentes.

A interlocução deu-se entre o casal e o pesquisador. Apesar de não constarem todos os excertos transcritos durante o tempo de permanência neste encontro, mais uma vez, foi possível registrar a recorrente presença feminina no contexto das elocuições. Neste caso, de maneira mais ativa e autorizada pelo cônjuge, a esposa entrevistou algumas vezes (o que, conforme registrado, não foi comum na maior parte dos encontros). Apesar da característica apresentada nesse encontro, a esposa agia como as demais mulheres, buscando sempre no marido a autorização para dizer o que propunha (na maneira como olhava para ele e nas pausas longas que ele fazia e ela não entrevistava sem a devida autorização do esposo).

Neste encontro, observamos maior participação feminina no episódio conversacional, o que diferiu das demais mulheres com quem obtivemos contato (porque elas quase nunca falavam, apenas confirmavam as falas de seus maridos). O marido autorizava ou não a intervenção e isto acontecia através de um olhar, um abaixar de olhos, movimentos de sobrancelhas ou ainda um movimento de cabeça. Analisamos que, agindo desta forma, ele e ela utilizaram estratégias de proteção de face de si próprios e de ambos.

A comunicação não verbal foi estabelecida inúmeras vezes e nela evidenciamos o vínculo de cumplicidade entre o casal. Ela dizia o que ele permitia e ele buscava nela confirmações sobre o que estava afirmando. Assim como notamos no **Encontro Conversacional 2**, o marido não era desmerecido nem desrespeitado como líder da família, notadamente patriarcal, por não saber responder e desenvolver certos assuntos ligados tanto à gestão do empreendimento familiar quanto aos demais assuntos abordados no encontro. Assim como fora feito nas seções anteriores deste capítulo, apesar de apresentar no estudo do *corpus* vários aspectos interessantes para uma análise sociointeracional, detivemo-nos ao vínculo de filiação sindical. Para tanto, segue mais um excerto, contendo o mesmo conteúdo subjetivo dos demais.

Excerto 3

01	P	e o senhor, senhor Joaquim, participa do sindicato↑
02	Joaquim	num acho que precisam de mim não, <i>falá</i> verdade com cé. ((olha para a esposa, busca no olhar a confirmação do que estava dizendo)) minha presença <i>práê's/</i> vale muito
03		
04		
05		pouco cé <i>num</i> acha <i>naum</i> ((olha para esposa, ela acena com a cabeça confirmando))
06		
07	P	e por que o senhor acha que isso acontece↑
08	Joaquim	num sei não, mas acho que <i>ê's</i> pensa que nós <i>num</i> <i>damo</i>
09		conta () <i>e'sfa::la, fa::la, fala</i> - quando a gente
10		vai <i>faláê's</i> dão pouca confiança () ou <i>ninhuma,</i>
11		<i>ninhuma:::</i> é tanta falação ((tossiu)) que têm uns que
12		até <i>dórmi</i> ((risos do casal e do filho))

Este encontro conversacional caracteriza-se também pelo enquadre de entrevista. Nas linhas 02 a 06, Joaquim demonstra uma relação de não pertencimento ao sindicato, haja vista a pouca importância que lhe é concedida

pela instituição. Esta é a maneira como ele se percebe, assim como sua esposa, uma vez que ambos compartilham desse sentimento: “*num* acho que precisam de mim não, *falá* verdade com *cê*. ((olha para a esposa, busca no olhar a confirmação do que estava dizendo)) minha presença *práê’s/* vale muito pouco *cê num* acha *naum* ((olha para esposa, ela acena com a cabeça confirmando))”. Estas observações são perceptíveis através das pistas linguísticas e não linguísticas manifestadas pelo casal.

O enfoque dado pelo interlocutor refere-se à falta de importância dada à sua presença. Vale lembrar, considerando outros dados desta pesquisa, que muitos sindicalizados não frequentam as reuniões sindicais devido ao tempo que precisam dedicar à produção avícola. Na maioria das vezes, conforme já fora afirmado no início deste capítulo, são os pais que cuidam da produção e os horários dedicados a esses cuidados com as aves ocupam quase todo o dia, impossibilitando a saída, até porque, na maioria das vezes, não há outra pessoa que possa cuidar dos procedimentos com a criação.

Nas linhas 08 a 10, o interagente retoma o turno de fala: “*num* sei não, mas acho que *ê’s* pensa que nós *num* *damo* conta () *e’sfa::la*, *fa::la*, fala - quando a gente vai *faláê’s* dão pouca confiança () ou *ninhuma*,” após um questionamento levantado pelo pesquisador: “e por que o senhor acha que isso acontece?” (linha 07), mantendo o alinhamento interacional e ainda dentro de um mesmo sentimento de não identificação institucional, argumenta que este estado de pouco ou nenhum envolvimento é pela percepção de que “*es*” (eles), referindo à liderança do sindicato, não acreditam na capacidade de trabalho ou mesmo de articulação política de alguns sindicalizados.

Nas linhas 11 e 12, o interagente apresenta também a falta de compreensão sobre o discurso da liderança do sindicato: “é tanta falação ((tossiu)) que têm uns que até *dórm*i ((risos do casal e do filho)).” Nota-se que isso se manifesta através do não envolvimento dos membros nos debates ocorridos nas reuniões, demonstrando a falta de alinhamento entre as interações. Esta incapacidade de compreender o que é dito e de ser compreendido pelos demais produz um processo de não identificação com a instituição que os representa (ou não os representa, de fato), comprometendo,

em certa medida, a interação e a comunicação por parte desses membros. Percebemos isso tanto na liderança, ao se dirigir aos associados, bem como nos membros ao ouvir .

O silenciamento dos membros do sindicato nos encontros institucionais é justificado, porque não há alinhamento e nem compreensão sobre os assuntos debatidos ou apresentados aos proprietários rurais. Isto ocorre, portanto não por negligência ou repulsa sem causa justificável, mas pelo que se pode perceber, é a falta de entendimento do que é dito nos encontros e reuniões. Inferimos que, neste caso, a avaliação feita pelo interagente a respeito da não valorização do sindicato em relação a alguns dos membros seja justamente resultante da falta de participação em relação aos assuntos tratados e pelo que podemos verificar nos dados de fala, isto ocorre pela falta da compreensão sobre o que é dito, justificando assim o sentimento de não identificação e não pertencimento.

5 AS ESTÓRIAS DO CÓRREGO DA BARRINHA

A ciência gera tanto conhecimento como ignorância. Um dos “buracos negros” criados pela ciência tem ocultado a forma como os camponeses atuam no mundo moderno. Isto significa que o fenômeno camponês tem sido relegado para lugares remotos, escondidos na história e na periferia.

Jan Douwe Van der Ploeg, Camponeses e Impérios Alimentares.

Neste capítulo, serão apresentados trechos de conversas que se desenvolveram em contextos de interações cotidianas³⁴. As conversas foram gravados em uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais³⁵, no bairro rural do Córrego da Barrinha - nome pelo qual os moradores reconhecem a localidade por existir um ribeiro (córrego) que perpassa a região, formando uma pequena barragem natural (barrinha).

A gravação em áudio e vídeo foi feita por um membro do grupo familiar através de um aparelho celular e tem duração de 10 minutos e 18 segundos. Logo após, realizou-se a transcrição, utilizando como referência as convenções do modelo Jefferson (LODER; JUNG, 2008), adotando-se a fonte Courier New, tamanho 10, por admitir melhor disposição gráfica. Em seguida, extraímos alguns excertos de conversa para realizarmos as análises ancoradas nos constructos teórico-metodológicos da ACe desenvolvidos por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), afirmando que a conversa pode ser analisada porque tem organização e estrutura sequenciada em unidades de turnos de fala construídas ao longo dos eventos interacionais.

Em especial, neste evento interacional, os participantes apresentaram algumas estórias que surgiram de suas experiências pessoais, assim como de outros conhecidos ou familiares. Para analisá-las, utilizaremos também como base teórica os estudos de Sacks (1974, 1984, 1992), Tannen (1984) e Garcez (2001), uma vez que estes autores apresentam o ato de contar estórias como algo natural, considerando tanto os que as contam quanto os que as ouvem essas estórias. Conforme o pensamento dos mesmos autores, as

³⁴ A distinção entre as interações cotidianas e institucionais foi abordada por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003) e foi apresentada no Capítulo 2 desta tese.

³⁵ Neste capítulo, optamos em não informar a cidade onde as pessoas vivem, assim como modificar o nome dos participantes na intenção de manter o sigilo.

oportunidades de narrar aparecem a partir dos engajamentos que acontecem entre as pessoas no âmbito da conversa durante as interações. Afirmam ainda que, quando estamos diante das pessoas, interagindo através das conversas cotidianas, é possível transformar nosso acervo de experiências armazenadas em histórias que podem ser contadas.

Apresentaremos ainda algumas estratégias de proteção da fachada, definidas por Goffman ([1967] 2011) como *elementos rituais da interação*. Tais elementos se manifestaram através da comunicação verbal e não verbal das pessoas que estão envolvidas no episódio que denominamos de “As histórias do Córrego da Barrinha”. O que se pretende nessas análises é elucidar os sentidos da ação humana enquanto os sujeitos interagem face a face, sendo, dessa forma, considerados os elementos presentes na interação a partir de uma perspectiva sociolinguística.

5.1 AQUI A GENTE SE ENCONTRA PRA CONTAR CASO

No dia 19 de agosto de 2018, por volta das 20h, Beto e Leia chegaram à comunidade rural do Córrego da Barrinha, na residência de seus tios José e Nadir. Este casal tem quatro filhos e dois deles encontravam-se em casa, Naldo e André. Também estavam presentes a esposa do André, Graça, e a filha deles, Alice. De uma família numerosa, permaneceram no Córrego da Barrinha apenas o Sr. José e a D. Nadir, em uma residência, e o Sr. Paulino (irmão de José) e seus dois filhos em outra. Cada casa encontra-se localizada em um pequeno sítio, muito próximos. Toda a área do terreno pertencia ao vô Dinho e à vô Dinha, primos de primeiro grau que se casaram e tiveram (9) nove filhos, dentre eles, o José e o Paulino.

De acordo com o Sr. José, a família sempre cultivou os encontros familiares ao redor da mesa, na varanda da casa, com a finalidade de falar das coisas da vida e contar histórias. Segundo ele: “aqui a gente se encontra pra contar caso”. Contar caso significa fazer alusão às situações do dia a dia e também narrar lembranças que tenham maior valor para família. Dessa forma,

por todo acervo simbólico ali estabelecido, o lugar representa para este grupo social um legado de memórias construídas de forma coletiva. Tanto o espaço físico quanto os objetos, as comidas, o cafezinho no bule, o leite direto do curral, as brincadeiras e as risadas, as conversas, os casos e a maneira de contar os casos, enfim, tudo que já ocorreu ali tem uma representação simbólica que estimula a formação dos encontros familiares naquele lugar.

Os filhos de José e Nadir, assim como alguns parentes, visitam o casal com certa frequência e isso mantém uma importante tradição da família, de se reunirem para contar casos, conservando os vínculos afetivos a partir dos encontros e das conversas que surgem nesses momentos. Desta maneira, tomam conhecimento sobre as situações cotidianas que pertencem ao grupo familiar, demonstrando que se importam uns com os outros, e isso nos foi apresentado como um valor a ser mantido por todos eles.

Além de conversarem e contarem histórias, repetem a narração de algumas delas, reforçando aquilo que de certa maneira deve permanecer na memória coletiva deste grupo social. Verificamos também que esta prática ainda os fazem identificar-se como parte deste mesmo grupo. Acreditamos que esta atividade seja uma demonstração de valor social coletivo, tanto o costume de ouvir de modo atencioso as histórias assim como de coparticipar da narração delas, confirmando que conhecem o repertório e o enredo dessas narrativas.

Evidenciamos ainda neste grupo social que estar na casa dos tios, e principalmente no Córrego da Barrinha, permite reviver sensações que fazem parte da história de vida deles. Encontrar-se naquele espaço rural permite que de alguma maneira continuem vinculados à terra que, para além de um patrimônio físico, representa um espaço de vida singular de importantes recordações.

5.2 EM NOSSA CASA NÃO TEM CERIMÔNIA

Quando Beto e Leia chegaram à casa do Sr. José e D. Nadir, a família estava terminando o jantar e D. Nadir ajeitava a cozinha. De maneira cordial e afetuosa, convidou os sobrinhos para o jantar, dizendo que “*tava tudo quentinho ainda.*” A recepção aconteceu na varanda da casa, lugar onde são recebidos os amigos e familiares. Lembrando que a frequência das visitas depende da disponibilidade do tempo livre dos anfitriões, devido às horas de trabalho dedicadas às atividades agropecuárias. Quando os encontros são realizados à noite, a varanda é o lugar oficial tanto para os homens quanto para as mulheres. Durante o dia, os cenários modificam um pouco, pois os homens se reúnem na “coberta”, um galpão feito no “terreiro” (quintal), e as mulheres ficam na varanda.

A varanda tem a função doméstica de vários cômodos da casa ao mesmo tempo. Nela está a cozinha, a lavadeira, a dispensa, o depósito de lenha, o lugar de guardar algumas ferramentas (“no quartinho dos fundos”) e também o espaço para guardar alguns dos alimentos e medicações destinados às criações (vacas de corte e de leite e também as aves). Ali se encontra o tanque, o varal, a pia, os armários, o fogão à lenha, o fogão a gás (pouco utilizado pela família), alguns eletrodomésticos, uma mesa grande de madeira com bancos, tamboretas e cadeiras (lugar preparado para receber muita gente ao mesmo tempo), além de outros objetos.

Segundo os anfitriões, “a varanda é o lugar da casa onde todo mundo chega e fica à vontade”. Afirmaram também que na casa deles “não tem cerimônia nenhuma não. Todo mundo entra, senta, come e bebe junto com a gente. Aqui na varanda a gente conta ca::so até, ri, caçoa, fala bem e fala mal também ((risos)) da gente e dos outros ((risos)).” Percebemos que os membros da família fazem questão de que as pessoas sejam recebidas com toda cortesia, a fim de se sentirem em casa.

Considerando as reflexões de Garcez (2001), seguem-se as narrativas que expressam a consciência prática dos narradores ao contar suas histórias mediante o acervo de experiências guardadas em suas memórias e das

escolhas feitas para contar algumas narrativas consideradas mais importantes para cada encontro social.

Segundo este autor (2001), quando alguém se propõe a contar uma estória é preciso que assegure um espaço interacional em que haja suspensão do fluxo regular das trocas de turnos de fala, afirmando ser recorrente, ainda que na conversa cotidiana, a presença de segundas estórias. Dentre outros dados que surgiram nesta interação, será analisada a seguir a primeira estória.

5.2.1 MEU AVÔ ERA O “PAI DA VIDA”

Neste episódio interacional, o início da conversa foi pautado pelo tema “abertura de estradas na Zona Rural”. O contexto era de conversa cotidiana e o Sr. José se lembrava de algumas situações em que a convivência entre os vizinhos da Barrinha ficava tensa, porque determinados membros da comunidade queriam a abertura das estradas e outros não. Algumas propriedades eram tão próximas umas das outras que a abertura da estrada poderia provocar tanto vantagens quanto desvantagens, como, por exemplo, desvalorizar ou valorizar o terreno, atrapalhar o cultivo ou favorecer o acesso à plantação, diminuir o pasto para a criação ou até mesmo mudar a paisagem local, o que para alguns moradores da comunidade era inadmissível. Entre outras particularidades, a abertura da estrada poderia ser muito favorável, a tal ponto que às vezes causava uma sensação de injustiça ao proprietário que não obtivesse esse benefício em seu próprio terreno. Chegavam inclusive a sustentar desafetos por muitos anos: “NÃO, o Pepedo Damião eu mais ele era uma guerra” (linha 2). Nesta unidade de construção de turno (UCT)³⁶, o Sr. José fala sobre as inúmeras vezes em que ele e um dos moradores da Barrinha, o Pepedo Damião, entravam em contradição e confronto em função da abertura das estradas empreendidas pelo governo municipal.

Apesar desses desentendimentos entre os vizinhos, Beto apresenta um conciliador nato, seu avô, um membro de sua família, equilibrado e sereno,

³⁶ O “turno” refere-se à fala de um participante na conversa composto por “Unidades de Construção de Turno (UCT’s)”. As UCT’s são sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou mesmo recursos prosódicos que, segundo Schegloff (1992, p. 102), compõem os turnos de fala (“composição de turnos”) em uma determinada conversa.

além de muito respeitado pelas pessoas da comunidade da Barrinha: “aqui por exemplo, o::o vô Dinho (.) e-era u:: vamo dizer assim (.) era o mais respeitado desse lado aqui (.)que tinha aqui era o vô Dinho, num era, num era Naldo?” (linhas 3 a 5). Por ser um homem ordeiro e cauteloso, resolvia os conflitos com ampla habilidade e não se envolvia em brigas e muito menos gostava que seus filhos ou parentes mais próximos se envolvessem.

A esse respeito, Naldo concorda com a afirmação de seu primo (linha 7) porque também se lembra do comportamento tranquilo do avô. Retomando ao turno de fala, Beto diz que: “agora o vô Dinho era o pai da vida (.) o vô Dinho era o pai do da vida [ê-ê-ele]” (linhas 8 e 9). Nesta expressão, “pai da vida”, Beto afirma que seu avô era o “pai da paciência”, um homem muito passivo e bom.

Excerto 1

1	Naldo	()de estrada não
2	José	NÃO, o Pepedo Damião eu mais ele era uma guerra
3	Beto	aqui por exemplo, o::o vô Dinho (.) e-era u:: vamo dizer
4		assim (.) era o mais respeitado desse lado aqui (.)que
5		tinha aqui era o vô Dinho, num <u>era</u> , num <u>era Naldo?</u>
6	José	°hã°
7	Naldo	humhum
8	Beto	agora o vô Dinho era o pai da vida (.) o vô Dinho era o
9		pai do da vida [ê-ê-ele]
10	José	[o homem que es gosta-]

A respeito do avô de Beto, o assunto veio à tona devido ao papel conciliador que ele exercia na comunidade e da ação exercida diante do desafeto entre duas famílias tradicionais da Barrinha: os Fortunatos³⁷ e o Mendes. Parte desses desafetos surgiu justamente devido à questão da abertura das estradas e, para manter uma convivência saudável na localidade, o vô Dinho precisou usar a capacidade que tinha para apaziguar algumas situações melindrosas de conflito entre vizinhos e até mesmo entre os familiares. No momento em que Beto expunha a imagem de serenidade do avô, o tio José sobrepunha o turno de fala do sobrinho para lhe fazer uma provocação a respeito da característica de serenidade apresentada (linha 10).

³⁷ Maneira como se referiam à família com o sobrenome de Fortunato. “Os Fortunatos” seriam todos os membros desse mesmo grupo familiar, ligados por vínculos de consanguinidade e parentesco.

O que percebemos é que Beto já havia reivindicado para si um valor social positivo a partir da linha³⁸ (postura) assumida diante dos demais interagentes do encontro social. Isso foi percebido no momento em que todos na mesa de jantar olhavam de maneira atenciosa para Beto enquanto ele narrava sobre as impressões que tinha do avô paterno. Enquanto Beto apresentava suas considerações, os demais membros concordavam com o que era dito através de movimentos de cabeça, expressões faciais, interjeição de concordância (“hum-hum”, linha 7), entre outros comportamentos, confirmando que encontravam-se no mesmo alinhamento e também estavam de acordo com o que Beto estava falando.

Sobre este elemento constante no ritual da interação, Goffman ([1967] 2011) atesta que, nos encontros face a face ou em contatos mediados por outros participantes, o que demonstra o alinhamento entre as pessoas que estão em interação são os atos verbais e não verbais pelos quais se expressa a opinião sobre determinada situação, aprovando ou reprovando a linha que está sendo proposta por alguém.

Apesar do alinhamento estabelecido entre Beto e os coparticipantes, o Sr. José ironiza a amizade que seu irmão (Pedro, pai de Beto) possuía com a família dos Fortunatos: “[o homem que es gosta-] o único homem que gostava do Antônio Fortunato aqui no Córrego cê num sabe quem é ? ((olha para Beto com um sorriso desavergonhado))” (linhas 10 e 11). A intenção do Sr. José foi apresentar uma outra imagem delineada em relação aos atributos sociais compartilhados sobre seu irmão, isto é, de acordo com os relatos da família, Pedro teve um pai paciente e conciliador, mas, apesar disso, foi um jovem mais impulsivo e não admitia provocações, sempre reagindo a elas de forma mais aguerrida. Por esse motivo obteve vários desentendimentos com “os Fortunatos” e assim essa família não apresentava por ele nenhum apreço.

³⁸ Este conceito de Goffman ([1967] 2011) foi apresentado no Capítulo 2.

Excerto 2

11	José	o único homem que gostava do Antônio Fortunato aqui no
12		Córgo cê num sabe quem é ? ((olha para Beto com um
13		sorriso desavergonhado))
14	Beto	papai
15	José	seu pai
16	Beto	eu sei
17	José	aqui ninguém num gostava dele ((som de risos de mulheres))

A tomada de turno realizada pelo Sr. José não coadunava com o contexto da interação e muito menos com o alinhamento proposto pelo narrador. Logo, não obteve vinculação com as referências que Beto compartilhava a respeito de seu avô, demonstrando o não alinhamento entre esses dois interagentes. Notamos isto desde a linha 10 quando o Sr. José sobrepõe o turno de fala de Beto, desconsiderando em certa medida o que o sobrinho estava falando.

Goffman ([1967] 2011) analisa este elemento presente na situação interacional dizendo que há sempre um conjunto de linhas abertas a qualquer pessoa quando está diante das outras. Desse modo, o sujeito pode escolher qual fachada estará apresentando aos demais interagentes e também quais atributos fará parte desta fachada apresentada. Assim percebemos que a linha escolhida pelo Sr. José foi a do sarcasmo e da ironia, tentando de alguma maneira desqualificar o que Beto estava apresentando. O significado da fala do Sr. José foi de que, apesar da paciência do vô Dinho com toda comunidade da Barrinha, isto não foi suficiente para manter os Fortunatos e os Mendes em uma boa relação de convivência. Embora ele tenha afirmado que havia um afeto positivo entre seu irmão e o vizinho Antônio Fortunato, o sentido dessa UCT foi outro. A intenção foi de fazer lembrar que na verdade o pai de Beto e o Antônio Fortunato foram grandes inimigos. Isto pôde ser notado através da comunicação não verbal do Sr. José “((olha para Beto com um sorriso desavergonhado))” (Linhas 12 e 13).

Sobre esta questão, Goffman ([1967] 2011) afirma que o indivíduo possui uma fachada quando assume uma imagem interna consistente para si próprio e para os outros que interagem com ele. Esta consistência é percebida nos eventos comunicativos quando as pessoas têm a oportunidade de se

apresentar falando, gesticulando e se comunicando na interação. Desse modo, percebe-se que a fachada é algo que está localizado no curso dos eventos produzidos no encontro social e esses eventos só passam a ter sentido quando são interpretados socialmente.

No caso das UCT's do Sr. José (linhas 11 a 13, 15 e 17), notamos que, diante das possibilidades de posições a serem escolhidas e interpretadas por ele, o mesmo assumiu em atos verbais e não verbais uma posição (ou linha) que não obteve apoio apreciativo dos demais interagentes. Segundo Goffman ([1967] 2011), quando isso acontece no contexto da comunicação face a face, os interagentes podem tentar encontrar um entendimento a partir da fachada assumida por aquele que cometeu o erro, ou então a pessoa que perdeu a fachada fica sem condições de voltar a interagir com o grupo social (por pouco ou muito tempo). Neste caso ainda, o interagente pode ficar envergonhado devido ao receio do que poderá acontecer com sua própria reputação enquanto participante do encontro social.

Comprovando esta afirmação de Goffman, nos excertos que seguirão esta análise, veremos que o Sr. José decide pelo silenciamento. A partir dessa escolha, ele monitora a interação e os turnos de fala até que perceba o momento adequado para retornar à conversa. Notamos também que, devido ao constrangimento causado pela intervenção do Sr. José, os demais interagentes manifestaram comportamentos de estranheza e expectativa, aguardando o que iria acontecer na interação a partir daquele constrangimento. Goffman ([1967] 2011, p.18) também faz menção a este elemento da interação afirmando que, no momento em que alguém expressa uma fachada errada, os interagentes apresentam “eventos expressivos” que “não podem ser costurados facilmente ao tecido expressivo da ocasião”.

Sendo assim, uma vez que Beto apresenta o avô como alguém que teve uma postura pacífica assumida diante da vida e das pessoas, o que se esperava no transcorrer dos turnos de fala era que os demais interagentes compartilhassem dessa mesma percepção. Diferente disso, o Sr. José trouxe a possibilidade de a conversa seguir outro alinhamento e isto veremos a seguir.

5.2.2 A FACHADA ERRADA

De acordo com Goffman ([1967] 2011), na interação face a face, as pessoas tendem a experimentar uma resposta emocional imediata à fachada uma das outras. Desse modo, liberamos uma energia emocional para quem estamos interagindo, a partir daquilo que elas expressam de forma verbal ou não verbal e, assim, nossos sentimentos ligam-se a elas. Esta liberação de energia manifesta-se em forma de palavras ou comportamentos direcionados aos demais interagentes, dependendo da maneira como absorvemos o que foi emitido na interação.

Podemos ressaltar este aspecto destacado por Goffman na interação a qual estamos analisando. Na linha 18 do excerto 3, Beto reage como se o assunto abordado pelo seu tio não apresentasse tanta relevância. Ele olha para Naldo e não expressa um semblante de atenção ao que o tio havia dito. Diante desta linha escolhida, retoma o assunto anterior na primeira oportunidade que teve de recuperar o turno de fala.

No excerto 2, linhas 11 a 13, e também nas linhas 15 e 17, o Sr. José apresentou um elemento subjetivo que evidencia aos interagentes que havia certa animosidade entre as famílias Fortunato e Mendes e que o comportamento conciliador do vô Dinho não foi suficiente para garantir a boa relação apresentada por Beto. Observamos então que Beto, na tentativa de salvar a fachada do tio, recupera o turno de fala e retoma ao ponto que estava desenvolvendo. De maneira sutil, procurou transparecer que não levou em consideração aquilo que seu tio havia falado: “pois é (.) mas o vô Dinho não queria saber de confusão (.) num deixava cês arrumar confusão” (linha 18).

No turno de fala seguinte (linha 20), o Sr. José pergunta sobre quem não deixava os membros da família Mendes entrar em conflito. Esta pergunta demonstra que novamente não houve alinhamento com a UCT que Beto estava desenvolvendo. Notamos que o Sr. José apresentou de novo a fachada errada, uma vez que a sua inserção na interação não está concatenada ao tecido expressivo da ocasião. Segundo Goffman ([1967] 2011), neste tipo de situação,

o interagente pode não se sentir confortável, porque, a princípio, espera que os demais coparticipantes apoiem a linha assumida por ele. Devido a este tipo de constrangimento social, o interagente que apresentou a fachada errada se desconserta momentaneamente, ficando de certo modo incapaz de interagir com as demais pessoas que estão no encontro social. Isto pode ser verificado no excerto 4 (linhas 21 a 32 e 34 a 51), porque o Sr. José permanece em silêncio aguardando o momento em que poder-se-á retornar ao alinhamento da interação.

Sobre o silenciamento do Sr. José, interpretamos que teve efeito de sentido na comunicação face a face, ou seja, mesmo sem se manifestar de modo verbal com os demais interagentes, sua postura (alinhamento) de recuo na comunicação transpareceu como um comportamento mais apreensivo do que realmente não ter mais o que dizer. De acordo com Goffman ([1967] 2011), uma vez que a linha proposta pelo interagente não foi apoiada pelos membros do grupo social, ele se apresenta mais intrigado e receoso com a provável ameaça à sua fachada e isto pode atingir a sua reputação enquanto participante do encontro social. Dessa forma, a falta de apoio apreciativo percebida confirma o elemento ritual da interação denominado de fachada errada.

Apesar do Sr. José ter escolhido esta posição na interação, Beto utiliza uma estratégia de proteção de fachada em relação ao seu tio e volta a enaltecer o avô, retomando o assunto da conversa anterior, por compreender que, ao escolher esta postura na interação, ele poderia fazer com que o constrangimento criado passasse despercebido, a fim de não expor a imagem do anfitrião da casa, do chefe da família, do parente mais velho que merecia respeito e consideração. Dessa forma, Beto estaria demonstrando também que compreendia que seu tio José teve um momento de falha e, para manter sua honra, aquele episódio ocorrido na interação deveria ser desprezado.

Esta tática caracteriza-se como processo corretivo e surge na interação como uma jogada de proteção de fachada. Sobre este elemento, Goffman ([1967] 2011) afirma que ele se torna uma importante estratégia na comunicação porque visa garantir que a ordem expressiva e particular da

interação seja mantida, a fim de criar a regularidade no fluxo do evento comunicativo. Na tentativa de corrigir os efeitos da fachada errada, o interagente a quem a ofensa foi endereçada, ou mesmo outra pessoa que esteja envolvida no grupo social, pode inserir um processo corretivo e esta foi a escolha de Beto na interação.

Excerto 3

18	Beto	pois é (.) mas o vô Dinho não queria saber de confusão
19		(.) <i>num</i> deixava <i>cês</i> arrumar confusão.
20	José	quem ?

O que nos pareceu inaceitável para Beto naquele momento da interação foi permitir que a fachada do tio sofresse algum tipo de avaliação negativa, uma vez que parecia não estar prestando a devida atenção no que Beto dizia ou ainda, não estava alinhado ao sobrinho. No entanto, se tratava de um tio que, mesmo diante da falha, merecia consideração.

Goffman ([1967] 2011) faz uma observação sobre este comportamento quando trata do efeito combinado da regra do respeito próprio e da regra da consideração. Neste caso, assim como esperamos que um membro de qualquer grupo tenha respeito por si mesmo, também acreditamos que ele deva manter um padrão de consideração com os demais. Isto significa que, quando uma pessoa escolhe e assume determinada linha numa interação, de forma geral, os demais coparticipantes permitem que ela desempenhe o papel escolhido para si. E dessa forma também parece haver uma aceitação de todos os outros participantes da interação, como uma aceitação mútua, talvez como uma característica básica da interação em comunicação face a face. Esta aceitação, a princípio, não é real, haja vista que não é totalmente sincera, mas resulta de uma ação prática, ou seja, como um acordo entre os interagentes onde não concordam de forma completa com a fachada errada. Porém, ao optarem pela linha assumida por determinado sujeito da interação, evitarão o desequilíbrio no encontro conversacional.

5.2.3 PRIMEIRA ESTÓRIA: O ROUBO DO FURRECA

A partir da linha 21, Beto retoma o turno de fala a fim de contar uma estória e isto é notado quando ele anuncia que virá a seguir algo importante, conquistando para si a atenção dos demais membros do encontro conversacional, caracterizando então um elemento da narrativa denominado por Garcez (2001) de prefácio: “o vô Dinho (.) ele ficava apaziguando ocês (.) que eu sei disto, portanto (.)tanto que é ((tosse)) que no dia que o Furreca foi l’encasa e roubou o pau de fumo des lá ...lá () tava todo mundo na cozinha dele ::: vô Dinho ainda (...) é::::falando com o Diolindo, Dória, ti Zé, papai:: tava tudo lá (.) não::eu quero ::nós vão pô o Furreca na cadeia porque num pode ficar roubando mais não” (linhas 21 a 28). Beto passa a adquirir um espaço privilegiado e domina uma UCT maior, realizando uma narrativa.

Verificamos que esta narrativa é construída por mais de uma frase e por mais de um turno de fala. Apesar disso, ela é co-construída, uma vez que os interagentes dispensam maior atenção ao narrador diante da expectativa de que o que virá a seguir será algo interessante, por fazer sentido a eles. Outro aspecto que caracteriza este tipo de narrativa é a suspensão momentânea das trocas de turno (SACKS, 1984) e o narrador passa a deter o domínio da palavra até que termine de contar a estória. Vejamos então como ocorre a narrativa e a co-construção da primeira estória no excerto 7 (linhas 21 a 51).

Excerto 4

21	Beto	o vô Dinho (.) ele ficava apaziguando ocês (.) que eu sei disto portanto (.)tanto que é ((tosse)) que no dia que o Furreca foi l’encasa e roubou o pau de fumo des lá
22		(...)lá () tava todo mundo na cozinha dele (...)
23		vô Dinho ainda (...) é::::falando com o Diolindo, Dória,
24		ti Zé, papai:: tava tudo lá (.) não::eu quero ::nós vão
25		pô o Furreca na cadeia porque num pode ficar roubando
26		mais não
27	Naldo	quem que ficô?
28	Beto	o ti Zé:o Cláu::::o Dória::::o Furreca, o João Furreca, porque roubou, roubou do Dr. Ivandim, roubou do Fadio, roubou de um monte de gente, num foi? e foi lá na casa::
29	José	Lorivá
30	Beto	do Lorivá:: foi lá na casa:: na::na chácara dele:: onde ele morava
31	Naldo	foi lá no distrito
32	Beto	no distrito (.) que o ti Zé mais o vô Dinho tinha levado as fumada des pra lá pro Vicente de Araújo ver,
33	Naldo	foi:: ((risos de mulheres ao fundo))

40	Beto	<i>num</i> foi e foi lá e roubou um pau de fumo do vô Dinho:::do
41		lado de cima do papai ((vozes não audíveis))
42	Beto	aí::o vô::aí cheguei aqui um dia::che:che::chegamos aqui
43		na casa e tava todo mundo lá e es queria pô o João
44		Furreca na cadeia, porque o Furreca inclusive tava (.)
45		<i>num</i> podia , tava roubando assim desse jeito, tinha que
46		dar parte dele (...)
47	Naldo	humhum
48	Beto	o vô Dinho deu uma <i>trimura</i> e falou (.) pelo amor de Deus
49		(.) <i>cês</i> larga <i>prá</i> lá (.) <i>num</i> faz isso não (...) é
50		mentira minha (..) hein? ((barulho de água e panelas))
51	Naldo	Verdade

Verificamos neste excerto dois aspectos que mantém o alinhamento entre o narrador e os demais interagentes. O primeiro, apesar da composição de turnos mais extensa realizada pelo narrador, ocorreu com o devido consentimento dos demais coparticipantes da interação e além disso, os ouvintes se mantiveram interessados e participativos na estória, a partir do nítido esforço do narrador. Podemos observar ainda que os interagentes concordam com o que Beto está dizendo, neste caso, sustentando a atenção interacional necessária para que se efetive a narração de uma estória. A este respeito, Garcez (2001) afirma que um turno de fala narrativo precisa ser importante para os participantes, correspondendo, sobretudo, à realidade social dos interagentes e cumprindo certo acordo em que o narrador convoca para si a atenção dos demais membros do encontro social para iniciar uma estória e, em contrapartida, os demais interagentes permitem que ele narre.

Dessa forma, o segmento narrativo transcorre naturalmente e o ouvinte já não se ocupa mais em monitorar as UCT's do narrador porque as trocas de turnos vão cessar por algum tempo. Esta característica presente na conversa pode ser observada no excerto 4 até o momento em que Beto apresenta pistas linguísticas, demonstrando que aquela estória estava chegando ao fim: o vô Dinho deu uma *trimura* e falou (.) pelo amor de Deus (.) *cês* larga *prá* lá (.) *num* faz isso não (...) é mentira minha (..) hein? ((barulho de água e panelas)) (linhas 48 a 50).

Notamos que o patriarca dos Mendes (o vô Dinho) prezava com intensidade pela boa imagem da família e parecia também não querer se expor a tanto constrangimento. Utilizar-se da justiça para consentir que um neto permanecesse preso não iria denegrir apenas a imagem do Furreca, mas de

todo o grupo familiar porque, de certa forma, ficaria exposto para toda a comunidade que existia um desonesto na família. Além do mais, haveria outras complicações no próprio núcleo familiar, tendo em vista tratar-se de um avô depondo contra seu próprio neto, o que não seria uma atitude tão confortável. Muitos valores estavam em jogo e a prisão do Furreca poderia comprometer a unidade desse grupo familiar. O vô Dinho reagiu de forma verbal e não verbal (linhas 48 a 50), assumindo uma postura de defesa da imagem do neto que, mesmo agindo de forma desonrosa e perversa, foi absolvido mais uma vez, pois era “sangue do mesmo sangue” e parecia naquele momento não haver atitude melhor, a não ser escolher pelo indulto do Furreca.

Neste excerto (4), Beto narrou a estória de seu primo, Furreca, que tinha o costume de furto, inclusive dos próprios familiares: “tanto que é ((tosse)) que no dia que o Furreca foi l’encasa e robô o pau de fumo des lálá” (linhas 22 e 23). Como esse comportamento do rapaz era recorrente, a família já estava impaciente e almejava o fim desse ciclo: “tava todo mundo na cozinha dele (...) vô Dinho ainda (...) é:::::falando com o Diolindo, Dória, ti Zé, papai:: tava tudo lá (.) não::eu quero ::nós vão pô o Furreca na cadeia porque num pode ficar roubando mais não” (linhas 24 a 28). Nesta narrativa, Beto conta que, em uma determinada ocasião, o avô e os tios foram levar parte da colheita de fumo (“fumada”) para um comprador que morava numa propriedade rural que atualmente é um distrito industrial: “no distrito (.) que o ti Zé mais o vô Dinho tinha levado as fumada des pra lá pro Vicente de Araújo ver,” (linhas 37 e 38).

O que se verifica também neste excerto é a indignação do grupo familiar em relação ao primo, tendo em vista que ele foi desrespeitoso ao ponto de não honrar o avô que prezava tanto pela harmonia da família e também dos vizinhos com a sua própria família: “aí::o vô::aí cheguei aqui um dia::che:che::chegamos aqui na casa e tava todo mundo lá e es queria pô o João Furreca na cadeia, porque o Furreca inclusive tava (.) num podia , tava roubando assim desse jeito, tinha que dar parte dele (...)” (linhas 42 a 46).

Através da narrativa de Beto, e devido à avaliação mantida de maneira consensual pelos demais interagentes, notamos que não honrar o vô Dinho era

um comportamento inaceitável. Ele era o patriarca de toda a família, o mais velho entre os moradores da Barrinha, portanto deveria ser também respeitado pela idade avançada. Além disso, era um avô bondoso, um bom pai e, acima de tudo, um homem honrado pelos familiares e não familiares. Apesar desta trajetória e respeito adquiridos, o primo Furreca ainda assim planejou roubar a mercadoria que era parte da subsistência do seu avô e não levou em consideração o que ele representava: “*num foi e foi lá e roubou um pau de fumo do vô Dinho:::do lado de cima do papai ((vozes não audíveis))*” (linhas 40 e 41).

Embora o comportamento do Furreca tenha sido indecoroso, o vô Dinho ainda defendia a sua liberdade e não admitia que o neto fosse para a prisão: o vô Dinho deu uma *trimura* e falou (.) pelo amor de Deus (.) *cês larga prá lá (.) num faz isso não (...)* é mentira minha (..) hein? ((barulho de água e panelas))” (linhas 48 a 50). Beto finaliza esta estória, requerendo a aprovação dos demais interagentes, o que de fato ocorre, a partir da resposta (verbal) de um deles (primo Naldo): “Verdade” (linha 51) e também dos acenos de cabeça, expressões faciais e demais recursos prosódicos³⁹ (não verbais), finalizando assim a narrativa da primeira estória apresentada neste encontro social.

Sobre este aspecto do encontro conversacional, Sacks (1974) afirma que os interagentes entendem que a estória chegou ao fim, assim como percebem que uma UCT está acabando. Logo, o narrador não precisa dizer que a estória terminou, porque existe uma ação implícita entre os interlocutores, apontando para a sua finalização.

Veremos na seção a seguir que, mesmo mantendo o esforço para que houvesse um bom relacionamento entre as famílias dos Fortunatos e dos Mendes, as intrigas eram constantes e pelos mais variados motivos, demonstrando que o espaço rural também se apresenta como um lugar de tensão e disputas. Isto será exposto pelos participantes do encontro conversacional através da segunda e das outras estórias.

³⁹ Marcuschi (2001) destaca que os recursos suprasegmentais ou prosódicos, apesar da sua natureza linguística, são marcadores de caráter não-verbal. Eles dizem respeito aos contornos entoacionais, ao tom de voz, ao ritmo, aos alongamentos vocais, e outros.

5.3 A SEGUNDA E AS OUTRAS ESTÓRIAS

Nos excertos analisados nesta seção, destacaremos uma situação comum na conversa cotidiana, a segunda estória (GARCEZ, 2001), em que os interagentes alternam-se em sentenças narrativas. Isto acontece quando no final de uma estória inicia-se outra, contada pelos interagentes além do narrador. Este caso ocorre na interação por dois motivos mais comuns: primeiro, porque as pessoas notam que algum aspecto incomum apresentado na primeira estória tem relação com experiências parecidas às suas e assim são resgatadas pelas lembranças dos interagentes, partindo das situações já vividas. O segundo motivo é o ouvinte demonstrar que ouviu e entendeu o que entendeu o que foi contado. Desta forma, segundo Tannen (1984), nos encontros sociais, é esperado que, após ouvir uma estória, o interagente conte outra.

Tratando de alguns elementos subjetivos apresentados nos excertos 1 a 4 (linhas 1 a 51), analisamos logo no início (excerto 1, linha 1) existir certa animosidade entre os moradores da comunidade do Córrego da Barrinha. A questão apresentada tem relação com a “abertura das estradas” que favorecia alguns membros da comunidade e prejudicava outros. Em seguida, Beto enfatiza o papel conciliador do avô e depois (excerto 2) seu tio José expõe que, mesmo havendo a intenção do sobrinho em demonstrar esta característica, as situações de intrigas e até de violência eram comuns na comunidade e às vezes até em família. No excerto 3, Beto retoma as características de tranquilidade e respeito atribuídos ao seu avô e, no excerto 4, narra a estória de perversão do primo Furreca, por ter o hábito de praticar o roubo. O que notamos de elementos incomuns em todas estas composições de turnos e também na primeira estória (**O roubo do Furreca**) é que tais situações ocorrem no Córrego da Barrinha e envolvem conjunturas de intrigas.

A característica da inimizade entre os Fortunatos e os Mendes exibida nos primeiros excertos (1 a 4) é retomada nas composições de turnos que se seguirão (excertos 7 a 11), apresentando três estórias de hostilidades que envolvem uma ou outra família e às vezes as duas em uma mesma situação de embate. Mas antes dessas estórias mais aguerridas, Beto reforça novamente o

que seu avô Dinho significa para ele e para a comunidade da Barrinha. Vejamos:

Excerto 5

52	Beto	e::ele <i>num</i> deixou ((bate as mãos)) porque (.) ôô::ou
53		seja, o vô Dinho e::ele (.) aqui nesse nesse <i>Córgo</i>
54		aqui ele era o mais velho (...)
55	Naldo	hum
56	Beto	ês::ês respei- o dono do
57	Naldo	todo mundo [respeitava ele]
58	Beto	[respeitava o vô Dinho nesse <i>Córgo</i> e o vô
59		Dinho <i>num</i> gostava de brigar com::com::com:: com:::] <i>num</i>
60		queria brigar com::com::: Antônio Fortunato

Nas linhas 58 a 60 a palavra “brigar” aparece duas vezes na UCT e está relacionada justamente ao membro da família Fortunato. Desse modo, observamos que a segunda e as demais estórias terão relação com este elemento subjetivo, além dos outros já comentados (intrigas e acontecimentos no Córrego da Barrinha), demonstrando que o interagente (José) encontrou neles relevância condicional⁴⁰. Levando em consideração este aspecto da narrativa, Garcez (2001) afirma que a segunda estória aparece como reflexo da primeira e, de fato, percebemos que o tio José ouve e compreende que Beto, ao narrar a primeira estória, apresenta a desavença entre os familiares e vizinhos da Barrinha como um item importante a ser considerado. Dessa forma, como espelhamento da primeira estória contada, José irá apresentar a segunda.

5.3.1 SEGUNDA ESTÓRIA: O MORRO *DOS ANGICO*⁴¹

A conversa passa a ter como tema os abusos da família Fortunato em relação à manutenção das manilhas (serviço de captação de água pluvial e esgoto nas estradas do espaço rural). Estas obras foram empreendidas pelo prefeito municipal e eram fiscalizadas pelos próprios moradores da Barrinha:

⁴⁰ Garcez (2001), conceito já apresentados no capítulo 2.

⁴¹ O angico é uma árvore com porte mediano, atingindo até 15m de altura, com casca grossa e muito rugosa. Disponível em http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma_caatinga/arvore/CONT000g798rt3n02wx5ok0wtedt39pi09yd.html. Acesso em: 14 jan. 2020.

“sô Pepedo limpava os esgoto nas estradas e ele ia lá e entupia tudo.” (linhas 79 e 80). Segundo o Sr. José, um dos Fortunatos (Antônio) não respeitava o serviço de manutenção que era feito pelo representante dos Mendes (Pepedo) e o serviço oferecido pela prefeitura ficava comprometido.

Excerto 6

75	José	[Antônio] é quem vai brigar na estrada
76	Beto	quem?
77	José	sô Antônio e sô Pepedo
78	Beto	Então pois é
79	José	sô Pepedo limpava os esgoto nas estradas e ele ia lá e
80		entupia tudo
81	Beto	mas é(...)por quê? por que que isso <i>aconticia</i> né? na
82		época do sô Antônio, o sô Avelino mandava[queria
83		mandar]
84	José	[Ah:::no meu
85		tempo num mandava não]
86	Beto	hum::ah no seu tempo <i>num</i> era assim não? [(gargalhada
87		longa e alta)]
88	José	[(não
89		audível)) ele <i>num</i> mandava não]
90	Beto	((gargalhada alta)) mas mandava [ti Zé]
91	José	[mandava ((semblante de
92		sarcasmo)) quebrou essas manilha tudo]

Nas linhas 91 e 92, José se apresenta na UCT de maneira irônica, não concordando que alguém da família dos Fortunatos obtivesse qualquer tipo de autoridade. O que transparece naquele momento da conversa é que “quebrar as manilhas” era fruto de um comportamento negligente e insubmisso dos Fortunatos. Neste caso, de acordo com o Sr. José, não se tratava de uma questão de autoridade sobre as obras feitas na Barrinha, mas, pelas suas expressões não verbais “((semblante de sarcasmo))”, a atitude do Antônio foi de abuso e desrespeito.

No excerto seguinte, verificamos a segunda estória relacionada com a primeira, uma vez que José narra sobre a abertura da estrada no “*morro dos angico*”, área localizada no Córrego da Barrinha e tem relação com as intrigas entre as famílias Fortunato e Mendes. O morro se transformou numa via de acesso improvisada às outras propriedades da região, que precisava ser arrumada porque às vezes era impraticável trafegá-la: “o Messias Abreu aquele *morro dos angico* ninguém passava lá (.) era uma coisa horrórosa” (linhas 133 e 134).

Um dos prefeitos do município, denominado aqui de Messias Abreu, se empenhou em fazer este trabalho, mesmo que o Antônio Fortunato não concordasse porque, dentre outras coisas, necessitaria mudar o *curral do Antônio* de lugar para passar a estrada: “o Messias falou assim, eu vou ro-arrebentar esse morro aqui, eu vou arrumar o curra- (.) eu vou arrumar o famoso curral do Antônio ((barulho de louça e água)), o Messias falou pra mim aquele *morro dos angico* famoso vai ser arrumado, o Messias cê num lembra quando ele foi prefeito não, né?” (linhas 136 a 141). Notamos nesta UCT que, como o ajuste na estrada iria favorecer mais pessoas da comunidade, não se tratava do proprietário (Antônio, denominado de “veí”) concordar ou não, a obra tinha que ser realizada e os Mendes avaliaram isso como uma atitude correta. O prefeito municipal determinou que a mudança teria que ser feita e, apesar da afronta do Antônio, o motorista do trator de esteira (Zé Oliveira) fez o que lhe foi ordenado: “tinha ele e tinha de Ubá também, ah meu *fi*, começou lá no alto desmontando e derrubando angico, o véi foi enfiou na frente e falou assim, escuta aqui Valme, cês num::num::num mete a máquina aí NÃO, o Zé Oliveira e os *homi* que tava, ÔH nós só tá aqui com a orde do prefeito, ocês sai da frente que lá vai angico em cima” (linhas 152 a 155).

Excerto 7

130	José	[cê lembra do Messias Abreu?]
131	Leia	°eu lembro°
132	Beto	eu não
133		o Messias Abreu aquele <i>morro dos angico</i> ninguém passava lá (.) era uma coisa horrorosa
134		
135	Naldo	hã::
136	José	o Messias falou assim, eu vou ro- arrebentar esse morro aqui, eu vou arrumar o curra- (.) eu vou arrumar o famoso curral do Antônio ((barulho de louça e água)), o Messias falou pra mim aquele <i>morro dos angico</i> famoso vai ser arrumado, o Messias cê num lembra quando ele foi prefeito não, né?
137		
138		
139		
140		
141		
142	Naldo	muito pouco, né
143	José	foi no Ubá, meu <i>fi</i> , alugou as máquinas de esteira e mandou lá <i>pro morro dos angico</i>
144		
145	Beto	o Zé Oliveira que fez aquilo lá?
146	José	o Zé Oliveira, é o Zé Oliveira, o Zé Oliveira tava trabalhando lá
147		
148	Beto	[()]
149	Naldo	[()]
150	José	aí o que que aconteceu? Zé Oliveira era mesmo
151	Beto	no trator de esteira era ele?
152	José	tinha ele e tinha de Ubá também, ah meu <i>fi</i> , começou lá no alto desmontando e derrubando angico, o véi foi enfiou na frente e falou assim, escuta aqui Valme, cês
153		
154		

155		<i>num::num::num</i> mete a máquina aí NÃO, o Zé Oliveira e os
156		<i>homi</i> que tava, ÔH nós só tá aqui com a orde do prefeito,
157		<i>ocês</i> sai da frente que lá vai angico em cima
158	Beto	Nossa ((risos))
159	José	meteu trator e desbarrancou aquele trem tudo, só que tem
160		que ficou à pique a mesma coisa, mas que rebentou o
161		morro tudo, rebentou
162	Nadir	°ô <i>homi</i> absoluto heim ()°
163	Beto	pois é [mas o que que] acontece

Observamos neste excerto (7) que o narrador da segunda estória experimentou algo equivalente ao que foi apresentado na primeira estória, ou seja, o local do acontecimento foi na mesma comunidade da Barrinha e o desentendimento decorreu da construção de uma estrada no *Morro dos Angico*, além de envolver a rivalidade entre as famílias Fortunato e Mendes. Neste caso, comprova o que Garcez (2001) atesta sobre o momento em que o interlocutor ratificado demonstra que ouviu e entendeu a primeira estória, apresentando a substância subjetiva, ou seja, o que é incomum entre a primeira e a segunda estória. Esta mesma situação estará expressa na terceira e quarta estórias.

5.3.2 TERCEIRA ESTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DOS MATA-BURROS⁴²

Nesta narrativa, o Sr. José conta sobre a construção dos mata-burros empreendida também pela liderança política do município e mais uma vez o Antônio Fortunato apresenta-se dizendo que não havia necessidade de reformar a estrada toda, uma vez que beneficiaria os Mendes também: “chegou na fazenda dele e ele falou, escuta aqui Valme, daqui pra baixo *eles num precisa* mais não, eles arruma de arado de boi (...) aí o Geraldo (.) o Geraldo Faria falou >não não não Antônio<, eu vou arrumar *prá todo mundo*, aí mandou o Zé Oliveira *arrumano pra ali afora*.” (linhas 168 a 173). De acordo com Garcez (2001), a segunda estória demonstra a importância da primeira, admitindo que em específico algo deveria ser contado. Percebe-se que, de fato, contar estória é um arranjo interacional construído a

⁴² Pequena ponte sobre um fosso, constituída de traves espaçadas, geralmente colocada na entrada de propriedades rurais destinada a vedar o trânsito de animais, porém permitindo o de veículos. Disponível em: <https://www.girodobo.com.br/dicionario/mata-burro/>. Acesso em 20 jan. 2020.

partir da escuta e compreensão dos elementos intersubjetivos que vão sendo alinhados entre os interagentes durante a narrativa.

Excerto 8

164	José	[aí vai escutando::]o Zé fechou, depois teve uma
165		vez também que o Natalino foi prefeito, Natalino num foi
166		ruim não e ele era vice-prefeito, ele pois o Zé Oliveira
167		também com máquina de esteira, era uma máquina veia
168		arrumano estrada lá fora, chegou na fazenda dele e ele
169		falou, escuta aqui Valme, daqui pra baixo eles num
170		precisa mais não, eles arruma de arado de boi (...) aí o
171		Geraldo (.) o Geraldo Faria falou >não não não Antônio<,
172		eu vou arrumar prá todo mundo, aí mandou o Zé Oliveira
173		arrumano pra ali afora
174	Naldo	então ele num gostava era d'ocês
175	José	num gostava era de ninGUÉM
176	Leia	°Esse lugar aqui já é assim ((risos)) há muito tempo°
177	Beto	[NÃO é::sim]
178	Naldo	°[é famoso]°
179	Beto	NÃO, o papai falava que a máquina num passava aqui prá
180		baixo não
181	José	deixa eu te faLÁ, quando ele morreu eu num fui no
182		enterro dele nem:: [provei, perguntei nada]

Excerto 9

219	José	quando o sô Zé foi candidato, o Zé Dias falou assim:: o
220		sô Zé, nós aqui da Barrinha nós vamo, vamo vota pro'cê
221		nós vamo votá pro'cê, mas cê vai dá nós três mata-burro
222		(...) ele prometeu, pode deixá que eu (...) aí ganhou,
223		num sei se ele ganhou, num sei

Excerto 10

228	José	arrumou os três, os três ê::ê:: mata-burro
229	Beto	é::
230	José	e depois pois um aqui no no (...) na varge,
231	Beto	Lorivá
232	José	Lorivá, na divisa do Biron e o outro no Zé Arminda aí
233		ele foi lá rapaz e falou com o Hélio que ia pô o mata-
234		burro ali no coisa, conversou direito e falou a tá tá
235		vou pô, ah meu fi nós fomo lá pô o mata-burro ((barulho
236		de água)) nós acabou de pô, invinha tudo embora aquele
237		monte de homi com inchadão, aqueles trem nas costas,
238		topou com ele lá mais o Paulinho ele pintou os diabo com
239		o Zé Dias, fiquei admirado do Zé Dias tulerá
240	Beto	pois é uai, sinhô tá vendo [porque que eu tulerô]
241	José	[agora, cê invadir as coisas
242		dos outros] se ele num podia [ter feito isso não eu]
243	Beto	[Por causa de tudo isso]
244	Naldo	°verdade°

245	José	eu metia o cabo do <i>inchadão</i> no lombo dele, em cima do
246		caroço, em cima da do::do, e <i>num</i> tem mata-burro aqui não
247		() o que que é seu <i>fi da [puta e pá na cabeça</i>
248		dele]

A estória da construção dos mata-burros finaliza com mais uma situação de afronta, quando o Antônio Fortunato encontra com o José Dias (família Mendes) e conversa de maneira atrevida: “*invinha* tudo embora aquele monte de *homi* com *inchadão*, aqueles *trem* nas costas, topou com ele lá mais o Paulinho ele *pintou os diabo* com o Zé Dias, fiquei admirado do Zé Dias *tulerá*” (linhas 236 a 239). Neste caso, a expressão “*pintou os diabo*” significa que alguém desrespeitou, agrediu verbalmente, insultou a outra pessoa com quem estava discutindo.

5.3.3 QUARTA ESTÓRIA: A TRONQUEIRA⁴³ ABERTA

Ao término desta sequência de estórias, o Sr. José conta que os desentendimentos ocorriam até mesmo entre a família. O José Dias (família Mendes) não tinha o hábito de fechar as tronqueiras quando precisava utilizá-las e isso trazia um grande transtorno para o Sr. José (também membro da família Mendes) no que tange aos cuidados com a criação: “[ele deixou aberta] e foi chegando uma duas horas da madrugada. Beto, uma friagem meu *fi*, sereno, *moiô* tudo, eu *discarço*, naquele tempo” (linhas 276 a 278) “[Não aí Beto, tô caçando o boi] cacei na *baxada*, vim pra cá, cacei pra todo lado e *num* vi nada do boi” (linhas 280 a 282) “[vim revirá no *arto* aqui] pro lado do::do::do no bananal, no Bastião tinha um bananal, *cê num* lembra não né?” (linhas 284 a 286) “aí Beto, ele já *tava* lá na divisa do [Geraldo Maia]” (linha 290) “vim tocando os boi meu *fi* (...) e o boi *vei diritim* lá na tronqueira, lá onde o Zé Dias deixou aberta, ah mais eu fiquei muito bravo, eu falei eu vou fechar isso aqui que ninguém passa aqui mais, que não é papel de *homi* deixar isso aqui aberto não (...) aí toquei os boi fui lá rapaz, finquei uns *pausão* lá e fechei a cerca, eu fui buscar a *ti Nanana*, meu *fi* (...) o

⁴³ Um colchete, tronqueira ou portão de arame é um tipo de portão agrícola formado a partir de uma seção de cerca de arame, que pode ser removida temporariamente. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Port%C3%A3o_de_aram%C3%A9. Acesso em 15 jan. 2020.

homi me cercou ali” (linhas 292 a 298) “*Invinha* de lá pra cá, aí meu *fi*, vim igual um *Zé Pulano*” (linha 305).

Excerto 11

261	José	((olha para o Beto, se aproxima da cadeira dele)) °océ
262		num lembra não° ((olha para a esposa e diz)) eu já era
263		casado já NÉ?
264	Nadir	o quê?
265	José	[o Zé Dias, o Zé Dias] é até muito bom né? ((Lena
266		levanta e sai da varanda))aí ele era meu <i>padrin</i> né? <i>cê</i>
267		deve saber do caso né?
268	Beto	que <i>ocês</i> é inimigo eu sei né?
269	José	como o caso é lá de traz e eu ia buscar o gado <i>descarço</i>
270		nesse pasto aí e ele plantou um fumo na <i>varge</i> do Avelino
271		ali, aí ele puxou passado por baixo da Barrinha e aí que
272		que ele fez? Ao invés dele[passar e fechar a tronqueira]
273	Leia	°[Tem muita história::]°
274	Naldo	°muita° ((risos))
275	Beto	[largou aberta]
276	José	[ele deixou aberta]e foi
277		chegando uma duas horas da madrugada. Beto, uma friagem
278		meu <i>fi</i> , sereno, <i>moiô</i> tudo, eu <i>discarço</i> , naquele tempo
279	Beto	[nem bota tinha pra <i>carça</i>]
280	José	[Não aí Beto, <i>tô</i> caçando o
281		boi] cacei na <i>baxada</i> , vim pra cá, cacei pra todo lado e
282		<i>num</i> vi nada do boi
283	Leia	por que [que <i>num</i> viu nada?]
284	José	[vim revirá no <i>arto</i> aqui] pro lado do::do::do no
285		bananal, no Bastião tinha um bananal, <i>cê num</i> lembra não
286		né?
287	Beto	no Bastião tinha um bananal? Bastião vendeu, né? Uai uai
288	José	ele vendeu depois [comprou]
289	Beto	[ah TÃ, então tá]
290	José	aí Beto, ele já <i>tava</i> lá na divisa do [Geraldo Maia]
291	Beto	[Nossa Senhora]
292	José	vim tocando os boi meu <i>fi</i> (...) e o boi <i>vei diritim</i> lá
293		na tronqueira, lá onde o Zé Dias deixou aberta, ah mais
294		eu fiquei muito bravo, eu falei eu vou fechar isso aqui
295		que ninguém passa aqui mais, que não é papel de <i>homi</i>
296		deixar isso aqui aberto não (...) aí toquei os boi fui
297		lá rapaz, finquei uns pausão lá e fechei a cerca, eu fui
298		buscar a <i>ti Nanana</i> , meu <i>fi</i> (...) o <i>homi</i> me cercou ali
299	Beto	heim?
300	José	ficaram bravo comigo, e Nossa Senhora Beto
301	Naldo	quem cercou, o Zé Dias?
302	José	cercou, e a <i>Ti Nãnana</i> ficou com um medo danado
303	Beto	a <i>ti Nanana</i> <i>tava</i> com <i>sinhô</i> na charrete e o <i>sinhô invinha</i>
304		de lá pra cá?
305	José	<i>Invinha</i> de lá pra cá, aí meu <i>fi</i> , vim igual um <i>Zé Pulano</i>

Apresentamos estas análises neste capítulo a fim de demonstrar como, ao contar estórias, a intersubjetividade existente possibilita a comunicação

efetiva entre os interagentes e de acordo com as narrativas acima, verificamos que o segundo narrador atendeu às expectativas do primeiro, logrando êxito interacional na busca dessa intersubjetividade, demonstrando assim que o interlocutor ratificado, ao contar a segunda estória, conseguiu expor o ponto da estória, ou seja, a questão apresentada na interação pelo primeiro narrador.

Como verificamos nas estórias narradas nos excertos desse capítulo, parte delas não resultou das experiências vividas pelo narrador, e isto também é comum no ato de contar estórias. Nesta perspectiva, Garcez (2001) atesta que nem sempre elas nascem das experiências reais do narrador, podendo surgir como uma estória hipotética ou de uma situação que aconteceu com outra pessoa.

Finalizamos este capítulo compreendendo que as narrativas orais possibilitam o compartilhamento de experiências pessoais e neste compartilhamento existem inúmeros sentidos que podem ser analisados, levando em consideração o que está acontecendo na interação face a face, isto é, aqui e agora. Observamos ainda que as trocas de turnos narrativos acontecem naturalmente, podendo algum interlocutor ser ou não ratificado pelo primeiro narrador. Nos casos apresentados aqui, nem sempre o primeiro narrador (Beto) solicitava que o segundo narrador (Sr. José) iniciasse uma nova sentença narrativa. Apesar disso os interagentes contaram suas estórias e compartilharam experiências vividas por eles próprios ou por outros membros da comunidade do Córrego da Barrinha, fazendo desse momento um importante espaço de construção de identidades.

Sendo assim, o que nos motivou neste capítulo foi obter dos estudos da narrativa oral em contextos conversacionais, assim como da SI e ACe, subsídios teóricos e empíricos que nos possibilitaram tratar certos fenômenos que surgem na conversa cotidiana e que têm significado nas construções sociais da população rural da Zona da Mata mineira. Notamos ainda que, como contar estórias é algo comum nos encontros interacionais, este fenômeno surgiu espontaneamente nas conversas gravadas neste grupo de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, foi utilizado o aparato teórico da sociolinguística interacional vislumbrando seu interesse por responder às perguntas sobre o que está acontecendo aqui e agora, em um determinado cenário de ação humana, isto é, em ações situadas levando em consideração o ponto de vista dos participantes em um encontro conversacional. Desta forma, as atuações dos sujeitos foram analisadas mediante o uso da linguagem. Este exercício foi realizado levando em consideração a percepção dos falantes em relação aos vínculos de identificação sindical, de pertencimento familiar e local. E isto foi feito de forma situada, reconhecendo o que as pessoas estavam fazendo umas com as outras naquele momento de fala-em-interação.

As análises dos dados foram fundamentadas através da SI em convergência com a ACe no intuito de investigar as marcas indentitárias expressas através dos aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam culturalmente parte das populações rurais localizadas na Zona da Mata de Minas Gerais. Ao assumir esta escolha teórico-metodológica de pesquisa, constatou-se que algumas marcas identificam estas populações camponesas como populações rurais mais tradicionais e isso se afirma consoante os dados obtidos nas conversas cotidianas. Algumas destas marcas são: (1) a presença acentuada do homem como o chefe da família; (2) os fortes vínculos familiares; (3) o apego às estórias de família; (4) o apego e a valorização dos lugares de construção dessas estórias; (5) o predomínio dos turnos de fala pelos homens quando das conversas com pessoas estranhas ao núcleo familiar; (6) as constantes estratégias de proteção de face empreendidas pelas mulheres quando estas percebem alguma ameaça à fachada de seus maridos; (7) as jogadas de proteção de fachada presentes nos ritos de interação quando a imagem de um familiar está ameaçada; (8) as constantes tomadas de turno ou sobreposições de turnos de fala quando as UCT's estão sendo empreendidas pelas mulheres; (9) a valorização ao trabalho rural realizado pelo próprio núcleo familiar; (10) a ínfima identificação com as instituições de representação de classe (sindicatos e associações); (11) a mínima relação possível com a cidade e com o mercado urbano valorizando aquilo que é produzido localmente pelos próprios agricultores e

(12) a valorização do ambiente rural como um espaço de vida onde são manifestadas suas crenças, valores, resistência e escolhas.

Para obter estes resultados, duas questões levantadas no projeto inicial permitiram investigar: (1) Quais são os aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam os produtores integrados da Zona da Mata de Minas Gerais? (2) Como esses aspectos podem ser identificados a partir da interação face a face?

Respondendo à primeira questão percebemos que os aspectos linguísticos e paralinguísticos que caracterizam estas populações seriam: (1) a omissão e o constante monitoramento daquilo que se quer ou precisa dizer quando estão se relacionando com pessoas que não sejam do núcleo familiar; (2) o silenciamento como estratégia de proteção da própria fachada; (3) a construção de UCT's com o intuito de desviar o tópico da conversa a fim de proteger a própria fachada ou de outro interagente; (4) o silenciamento das mulheres nos encontros conversacionais quando estão na presença dos seus respectivos maridos, parentes homens ou estranhos ao núcleo familiar quando são do sexo masculino; (5) as trocas de olhares das esposas para seus maridos na intenção de obterem alguma aprovação quando estão nos encontros conversacionais; (6) as trocas de olhares dos maridos em relação às suas esposas quando precisam de alguma informação e por não sabê-la poderiam comprometer sua própria fachada; (7) as expressões verbais e não verbais apresentando indignação e desconfiança em relação aos vínculos com os órgãos de representação de classe e em relação à empresa integradora; (8) os comportamentos de desconfiança quando da chegada nas propriedades de pessoas estranhas ao espaço rural.

Para responder à segunda questão verificamos que os aspectos linguísticos e paralinguísticos foram identificados através da conversa cotidiana sendo esta analisada por meio da observação participante, da apreciação dos dados de gravação em áudio e vídeo, das anotações de campo e através do aporte teórico da SI e da ACe.

Diante do exposto, o objetivo principal desta tese foi confirmar de maneira teórica e empírica a preservação de certo grau de campesinidade presente na linguagem das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais. Nesta perspectiva, verificamos que a campesinidade como marca identitária desta população está materializada em seus comportamentos e comunicação verbal e não

verbal e desta forma puderam ser registrados através da observação, gravação, transcrição e análise da comunicação face a face, utilizando também como suporte teórico-metodológico os estudos propostos pela SI e ACe. Dessa forma, foram interpretados em alguns excertos de sequencialidade e de narrativas orais (estórias), os sentidos do que é dito na fala-em-interação. Percebemos que a interlocução entre essas duas teorias complementam-se de forma eficiente e significativa para o refino e robustez dos estudos que envolvem a fala-em-interação. Observamos como as pessoas usam a linguagem através das pistas linguísticas e não linguísticas e neste último caso, evidenciou-se o sentido daquilo que não é verbalizado, procurando sempre privilegiar as perspectivas dos participantes nos encontros conversacionais através das tomadas de turno, das pausas, dos acenos, das expressões faciais, das estratégias de proteção de face, dentre outras situações sociais. Compreendemos que os dados aqui analisados poderiam ter outras inferências ao serem examinadas em diferentes contextos, por outras teorias ou diferentes analistas.

Assim sendo, procurou-se demonstrar nesta pesquisa como é possível, através da ACe e da SI, interpretar em alguns excertos de sequencialidade e de narrativas (estórias), o sentido do que é dito na fala-em-interação. Acreditamos assim que é possível compreender para além do que os interagentes falam, verificando e analisando o quê? por quê? e para quê falam?

Observou-se também como as pessoas são capazes de usar a linguagem, mesmo através das pistas não linguísticas e ressaltar o sentido daquilo que não é dito verbalmente, procurando privilegiar as perspectivas dos participantes de um encontro conversacional. Desta maneira, compreende-se a linguagem como uma forma de o indivíduo agir e interagir no espaço onde vive.

Analisar estas e outras questões sobre o contexto da organização social dos produtores integrados da Zona da Mata mineira gerou reflexões necessárias para produzir conhecimentos sobre a situação, de certa maneira, desfavorável em que esses indivíduos encontram-se na atualidade E, a partir dos dados levantados, quando possível, faz-se necessário contribuir para que eles percebam-se como agentes necessários à comunidade onde vivem, ao contexto econômico local e regional e acima de tudo, como sujeitos no mundo.

As discussões que propusemos realizar não se esgotaram e assumimos continuá-las em pesquisas futuras. Através dos dados de fala-em-interação utilizados nesta tese procurou-se esclarecer e compreender como os interagentes se organizam no seu cotidiano, como se manifestam em outros contextos institucionais e de trabalho, bem como contam suas estórias, valorizam suas práticas, sua cultura e seu modo de vida. No entanto entendemos que ainda há muito o que ser observado e explorado a fim de conhecer e contribuir com a importante trajetória dos camponeses brasileiros, em especial, dos produtores integrados da Zona da Mata de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José Otávio. **Memórias e histórias de Guido Thomaz Marlière (1808-1836)**. A transferência da Corte Portuguesa e a tortuosa trajetória de um Revolucionário francês no Brasil. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar o que dizer**. Prefácio, organização e seleção de Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BRUNER, Jerome. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: *Artes Médicas*, 1997[1990].

BRUNER, Jerome. **Making stories: law, literature, life**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

CAMPOS, Ana Paula Teixeira de. **Conquista de terras em conjunto: Redes Sociais e Confiança** - A experiência dos agricultores e agricultoras familiares de Araponga-MG. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Programa de Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa. 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

CARRARA, Ângelo Alves. **Minas e currais: produção rural e mercado interno em Minas Gerais 1674-1807**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007.

CASTRO, José Flávio Moraes; SOARES, Thiago Leonardo. **Análise das Potencialidades socioeconômicas da Zona da Mata de Minas Gerais (1991-2000): uma proposta metodológica**. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DA ZONA DA MATA MINEIRA. 1., 2010, Rio Pomba: Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Rio Pomba: [s.n], 2010. Disponível em:<
<http://www.riopomba.ifsudestemg.edu.br/home/site/files/filePDFArtig005.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2012.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In:

CLARK, Herbert. **Using Language**. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

COSTA, D. **Narrativas de migração**: uma relação entre a formação de novas representações sociais e a construção de identidades. Tese em fase de defesa (Doutorado em Estudos de Linguagem UFF), Universidade Federal Fluminense-Niterói, 2017.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA, Angélica Furtada da; COSTA, Marco Antonio; MATELOTTA, Mário Eduardo. Linguística e Linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DYER, Judy; KELLER-COHEN, Deborah. The discursive construction of professional self through narratives of personal experience. *Discourse Studies*, 2(3), 2000.

ECKERT; P; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, sexo, sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. [original de 1992].

ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. O Quando' de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 4, março de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

FREITAG, Raquel MeisterKo.; SEVERO, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Veredas*: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v.6, n.2, p.89-113, jul./dez.2002.

GARCEZ, Pedro de Moraes. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercados das Letras, 2002, pp. 83-95.

- GARCEZ, Pedro de Moraes. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. *In: LODER, L. L.; JUNG, N.M. (Orgs.). Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. **Olhares circunstanciados:** etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 31-especial, 2015 (1-34)
- GARCIA, Afrânio. A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 5, n. 10, 2003.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology.** New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- GIDDENS, Anthony **Sociologia: uma breve porém crítica introdução.** Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr., 1995.
- GOFFMAN, Erving. **Frame analysis.** Lebanon, NH: Northeastern University, [1974] 1986.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, [1959] 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** 7. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis: Vozes, [1967] 2011.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. Sociolinguística interacional.* 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, [1964]2013a.
- GOFFMAN, Erving. Footing. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. Sociolinguística interacional.* São Paulo: 2. ed. Edições Loyola, [1964]2013b.
- GOMES, Sebastião Teixeira. **Sistemas de Produção da Pecuária de Leite em três microrregiões do Estado de Minas Gerais.** 1976. 128 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa. 1976.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa**: Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. *In*: GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.
- GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GUMPERZ, J.; J. Cook-Gumperz, 2005. Language standardisation and the complexities of communicative practice. In S. McKinnon ; S. Silverman (eds) **Complexities: Beyond Nature and Nurture**. Chicago: Chicago University Press. 268-286.
- GUMPERZ, J. ; J. Cook-Gumperz 2008. **Studying language, culture and society**: Sociolinguistics or linguistic anthropology? In Bucholtz & Hall (eds) 532-545
- HAVE, Paul. **Doing conversation analysis**: a practical guide. Londres: Sage, 1985.
- HERITAGE, John; ATKINSON, Max. Introduction. *In*: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. The Community of Practice: theories and methodologies in language and gender research, *Language en Society*, n. 28, p.173- 183, Cambridge University Press, 1999.
- KENDON, A. HARRIS, R.M.;KEY, M. R. (Orgs.) **Organization of behavior in face-to-face interaction**. Haia: Mouton, 1975.
- LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. *In*: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LABOV, William; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008a.

LODER, Letícia Ludwig. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In*: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008b.

LOPES, José Sérgio Leite. **O Vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976, pp. 1-98.

LOPES, Aline Marinho. Os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o campesinato e as transformações no meio rural brasileiro. **Estud. Soc. e Agric.**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 2, 2014: 286-309

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MARQUES, Ieso Costa; FARIA, Sandra Santos; SOUZA, Eliane Moreira Sá de. Produção Integrada de frango de corte: uma análise descritiva do modelo de gestão adotado por produtores da microrregião de Anápolis-GO. **Revista de Administra-Ação**, n. 6, 2011: 96-112

MARTELOTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

MCDermott, R. P. 1976. **Kids make sense**: an ethnographic account of the interaction management of success and failure in one first-grade classroom. Tese de doutorado. Palo Alto, Califórnia: Stanford University.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Hucitec: EDUC, 1989.

NAVARRO, Zander; PEDROSO, Maria Thereza Macedo. **Agricultura familiar**: é preciso mudar para avançar. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2011.

OCHS, Elinor. (1979). Transcription as theory. *In*: OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi (eds). **Developmental Pragmatics**. New York: Academic Press, pp. 43–72.

PAULILO, Maria Ignez S. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado e Cultura e do Esporte, 1990.

PEREIRA, Maria das Graças Dias (org). **Interação e discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface**. Volume Temático, Palavra 8, 2002.

PETITJEAN, C. *Representations Linguistiques et Plurilinguisme*. Université de Provence, Tese de Doutorado, 2009

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Uma categoria rural esquecida. **Revista Brasiliense**, São Paulo, n. 45, p. 83-97, 1963.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 1973.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SACKS, Harvey. On doing “being ordinary”. *In*: ATKINSON; J. Maxwell; HERITAGE, John (Org.). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SACKS, Harvey. Lecture 1. “Second stories; ‘Mm hm’”; “Story prefaces; ‘Local news’; Tellability”. *In*: SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Oxford: Basil Blackwell, [1968] 1992. v. 1.

SACKS, Harvey. Lecture 2. “Features of a recognizable ‘story’”; Story prefaces; Sequential locator terms; Lawful interruption. *In*: SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Oxford: Basil Blackwell, [1968] 1992. v. 1.

SACKS, H., SHEGLOFF, E., JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization or Turn Taking for tion. *Language*, 50 (4), p. 696-735, 1974.

SACKS, H., SHEGLOFF, E., JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*, v. 7, n. 1-2, 2003. Trad. de SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, v. 50, 1974.

SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. **The preference for self-correction in the organization of repair in conversation**. *Language*, v. 53, 1977.

SCHEGLOFF, Emanuel A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. **American Journal of Sociology**, v. 97, n. 5, pp. 1295-1345.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**. v. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br]. Disponível em: <
http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_analise_da_conversa.pdf>. Acesso em 19 Set 2018.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

TANNEN, Deborah. **Conversational Style: Analyzing Talk Among Friends**. Norwood, NJ, Ablex, 1984.

TOLEDO, Gilson Soares. **Produtores integrados na Zona da Mata mineira: uma análise sobre as novas formas de sociabilidade rural**; Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, 2012.

TORMA, K.R.P. **Comunidades de Prática: uma sociolinguística responsável para o ensino-aprendizagem da língua franca Inglês como língua adicional**. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso Identidade e Sociedade, Campinas, São Paulo, p. 1-16, 2011

VALVERDE, Orlando. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. Revista Brasileira de Geografia. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XX, n. 1, Jan-Mar, 1958.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala', *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, v.31. n.2, p. 147-153, 2009.

VELHO, Otávio. **O cativo da Besta-Fera, Religião e Sociedade**. v. 14, n. 1, 1987.

VELHO, Otávio. **Besta-fera: recriação do mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. p. 13-43, 1995.

VIEIRA, Amitza Torres. **Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: um abordagem discursivo-interacional**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

WANDERELEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e Análise da Conversa**. Petrópolis: Vozes, 2015.

WELCH, Clifford Andrew et al. **Camponeses brasileiros**: leituras e interpretações clássicas. v. 1, São Paulo: Editora UNESP, 2009.

WENGER, Etienne (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=heBZpgYUKdAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 5 set. 2016.

WOORTMANN, Klass. “**Com parente não se neguceia**”: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico* 87, Brasília: Editora UnB. p. 11-73, 1990.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klass. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo-Brasília: Hucitec – Edunb, 1995

ANEXOS

O MODELO JEFFERSON DE TRANSCRIÇÃO

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
-	(hífen)	marca de corte abrupto
::	(dois pontos)	Prolongamento do som
<u>Nunca</u>	(sublinhado)	silaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúsculas)	fala em volume alto
°palavra°	(sinais de graus)	fala em voz baixa
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
Hh	(série de h's)	Aspiração ou riso
.hh	(h's precedidos de ponto)	Inspiração audível
[]	(colchetes)	fala simultânea ou sobreposta
=	(sinais de igual)	Eloquções contíguas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa, até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	Transcrição duvidosa
((olhando para o teto))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

EXCERTOS MIRAGAIA E UBARI

EXCERTO 1 - JORGE

01	P ⁴⁴	por que existem várias construções abandonadas nesta
02		região↑
03	JORGE	ninguém mais quer ficar na roça (.) aquela casa ali é do
04	(51)	meu irmão ⁴⁵ que já saiu daqui e foi pra cidade e acredito
05		que não volta mais (.) as casas tão esvaziando tudo até
06		gente pra ajudar na apanha ⁴⁶ dos frango tá difícil conseguir

EXCERTO 1 - SÍTIO BE ANTÔNIO

01	P	o senhor fez ou faz parte do Sindicato dos Produtores Rurais↑ ⁴⁷
02	Antônio	sim:::
03	P	o senhor vê vantagens nessa participação↑
04	Antônio	no sindicato::: sim, por isso eu participo, faço parte do conselho fiscal ainda sinto que o pessoal aqui da roça e das ôtras propriedades precisam da gente lá (no sindicato)((olha para o lado, olha desconfiado)) (.) <i>precisarum dum</i> representante aqui du::: Miragaia no Sindicato dos Produtores, aí eu fui e tôaté hoje (.) o pessoal aqui confia muito na palavra da gente, viu? sempre vem gente aqui me <i>perguntá</i> as coisa do sindicato e eu se:::pre oriento aquilo que eu sei já a AVIZOM é mais longe e <i>fais</i> muito pouco <i>prá</i> gente daqui então a gente nem vai muito lá não, sabe

EXCERTO 2 - SÍTIO BE MANOEL

01	P	senhor Manoel, o que tem a dizer sobre a sua participação nos sindicatos↑
03	Manoel	esses sindicatos só <i>quésabê</i> do dinheiro da gente - só participo <i>dum</i> (sindicato) ⁴⁸ só <i>dum</i> mesmo (.) não tenho

⁴⁴ P = Pesquisador

⁴⁵ Referia-se a uma casa bem conservada, com uma cerca branca de madeira serrada, também muito bem cuidada, com telhado colonial vermelho, janelas e portas de madeiras na cor branca. Na frente da casa, havia um jardim com grama ainda aparada e algumas flores e plantas ornamentais. A pedido do informante, não foi possível fotografá-la, receoso de furtos que estavam ocorrendo com frequência nas imediações.

⁴⁶ Referindo-se ao dia de retirar os frangos da granja e colocá-los no caminhão da empresa integradora, para que fossem levados ao abatedouro.

⁴⁷ O que se pretendia com esta questão, era reconhecer os espaços formais de sociabilidade, tendo em vista o encolhimento desses no ritmo de vida cotidiana dessas populações. Já havia um certo conhecimento por parte do entrevistador de que pouco ou nada participavam desses espaços, tendo em vista a excessiva carga horária dispensada à integração.

05		tempo nem de dá conta dum, meu fi- quem dirá dois
06		((risos, olhares trocados entre esposa e marido)) não
07		tem quase nenhuma <i>servintia</i> aqui prá nós não

EXCERTO 3 - SÍTIO BE JOAQUIM

01	P	e o senhor, senhor Joaquim, participa do sindicato↑
02	Joaquim	num acho que precisam de mim não, <i>falá</i> verdade com <i>cê</i> . ((olha para a esposa, busca no olhar a confirmação do 03 que estava dizendo)) minha presença <i>práê's/</i> vale muito 04 pouco <i>cê num</i> acha <i>naum</i> ((olha para esposa, ela acena 05 com a cabeça confirmando)) 06
07	P	e por que o senhor acha que isso acontece↑
08	Joaquim	num sei não, mas acho que <i>ê's</i> pensa que nós <i>num damo</i> 09 conta () <i>e'sfa::la, fa::la, fala</i> - quando a gente 10 vai <i>faláê's</i> dão pouca confiança () ou <i>ninhuma,</i> 11 <i>ninhuma:::</i> é tanta falação ((tossiu)) que têm uns que 12 até <i>dórmi</i> ((risos do casal e do filho))

EXCERTOS DE CONVERSAS COTIDIANAS NO CÓRREGO DA BARRINHA

1	Naldo	()de estrada não
2	José	NÃO, o Pepedo Damião eu mais ele era uma guerra
3	Beto	aqui por exemplo, o::o vô Dinho (.) e-era u:: vamo dizer 4 assim (.) era o mais respeitado desse lado aqui (.)que 5 tinha aqui era o vô Dinho, num era, num era Naldo?
6	José	°hã°
7	Naldo	humhum
8	Beto	agora o vô Dinho era o pai da vida (.) o vô Dinho era o 9 pai do da vida [ê-ê-ele]
10	José	[o homem que es gosta-]
11	José	o único homem que gostava do Antônio Fortunato aqui no 12 Córrego <i>cê num</i> sabe quem é ? ((olha para Beto com um 13 sorriso desavergonhado))
14	Beto	papai
15	José	seu pai
16	Beto	eu sei
17	José	aqui ninguém num gostava dele ((sorrisos de mulheres))
18	Beto	pois é (.) mas o vô Dinho não queria saber de confusão 19 (.) num deixava <i>cês</i> arrumar confusão.
20	José	quem ?
21	Beto	o vô Dinho (.) ele ficava apaziguando <i>ocês</i> (.) que eu 22 sei disto portanto (.)tanto que é ((tosse)) que no dia 23 que o Furreca foi l'encasa e roubou o pau de fumo des lá 24lá () tava todo mundo na cozinha dele ::: vô 25 Dinho ainda (...) é:::falando com o Diolindo, Dória, 26 ti Zé, papai:: tava tudo lá (.) não::eu quero ::nós vão 27 pô o Furreca na cadeia porque num pode ficar roubando

⁴⁸ A população rural dessa região pode se filiar tanto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), quanto ao Sindicato dos Produtores Rurais (SPR), considerado patronal. Por isso se refere "aos sindicatos". Neste caso, o entrevistado referiu-se ao SPR.

28		mais não
29	Naldo	quem que ficô?
30	Beto	o ti Zé:o Cláu:::o Dória:::o Furreca, o João Furreca,
31		porque roubou, roubou do Dr. Ivandim, roubou do Fadio,
32		roubou de um monte de gente, num foi? e foi lá na casa::
33	José	Lorivá
34	Beto	do Lorivá:: foi lá na casa:: na::na chácara dele:: onde
35		ele morava
36	Naldo	foi lá no distrito
37	Beto	no distrito (.) que o ti Zé mais o vô Dinho tinha
38		levado as fumada des pra lá pro Vicente de Araújo ver,
39	Naldo	foi:: ((risos de mulheres ao fundo))
40	Beto	num foi e foi lá e roubou um pau de fumo do vô
41		Dinho:::do lado de cima do papai ((vozes não audíveis))
42	Beto	aí::o vô::aí cheguei aqui um dia::che:che::chegamos
43		aqui na casa e tava todo mundo lá e es queria pô o
44		João Furreca na cadeia, porque o Furreca inclusive tava
45		(.) num podia , tava roubando assim desse jeito, tinha
46		que dar parte dele (...)
47	Naldo	humhum
48	Beto	o vô Dinho deu uma trimura e falou (.) pelo amor de
49		Deus (.) cês larga prá lá (.) num faz isso não (...) é
50		mentira minha (..) hein? ((barulho de água e panelas))
51	Naldo	Verdade
52	Beto	e::ele num deixou ((bate as mãos)) porque (.) ôô::ou
53		seja, o vô Dinho e::ele (.) aqui nesse nesse Córgo
54		aqui ele era o mais velho (...)
55	Naldo	hum
56	Beto	ês::ês respeí::o dono do
57	Naldo	todo mundo [respeitava ele]
58	Beto	[respeitava o vô Dinho nesse Córgo e o vô
59		Dinho num gostava de brigar com::com::com:: com:::]num
60		queria brigar com::com::: Antônio Fortunato
61	Graça	[onde eu posso pegar um lençolzinho aqui pra
62		cobri a Alice]
63	José	[mas na história] ele
64		num pode brigar com ninguém não uai
65	Beto	[não, mais no caso] mas
66		no caso num foi briga, Naldo, num teve? Ele num foi lá e
67		quebrou tudo
68	José	Sô Pepepepe::Pepedo [Damião]
69	Beto	[se o vô Dinho(...)] Se o vô Dinho
70		fica brabo igual o papai ficou a história era outra
71		((barulho de água))
72	José	((não audível))
73	Beto	hein:::cé num concorda não?
74	Naldo	[hunhun]
75	José	[Antônio] é quem vai brigar na estrada
76	Beto	quem?
77	José	sô Antônio e sô Pepedo
78	Beto	Então pois é
79	José	sô Pepedo limpava os esgoto nas estrada e ele ia lá e
80		entupia tudo
81	Beto	mas é(...)por quê? por que que isso acontecia né? na
82		época do sô Afredo, o sô Avelino mandava[queria mandar]
83	José	[Ah:::no meu
84		tempo num mandava não]
85	Beto	hun::ah no seu tempo num era assim não? [(gargalhada
86		longa e alta)]
87	José	[(não

88		audível)) ele num mandava não]
89	Beto	((gargalhada alta)) mas mandava [ti Zé]
90	José	[mandava ((cara de
91		sarcasmo)) quebrou essas manilha tudo]
92	Beto	mandava, quebrou as manilhas tudo uai, [então mandava]
93	José	[Eu era menino
94		eu::eu::eu] era igual::igual o::: a Alice, na idade eu
95		era igual a Alice (...) hoje
96	Beto	[Nããã:::O]o Sr.
97		era velho, barbado]
98	José	NÃO (.) eu era pequeno
99	Beto	não era casado ainda não?
100	José	NÃO:::, não era casado não
101	Beto	na época da Dona Maria?
102	José	era
103	Beto	então, como é que o <i>sinhô</i> era do tamanho da Alice?
104		((gargalhada alta))
105	José	não (..) mas eu <i>num</i> [quero- e::eu num sei]
106	Naldo	[antigamente es casavam cedo, né?]
107	Beto	[casava cedo] ((risos))
108	Naldo	((risos))
109	José	ma::mas falei ué, falei que eu fiz lá ué
110	Beto	falou ti Zé, mas era o <i>sinhô</i> , era o <i>sinhô</i> contra o seu
111		Antônio Furtado
112	José	pois é, mas ele <i>num</i> veio
113	Beto	ele <i>num</i> veio e ficou do jeito que ele queria?
114	Leia	°ficou quietinho né ti Zé, [nem saiu° ((risos))]
115	Beto	[ficou de qual jeito?]
116	José	uai ficou porque eu <i>num</i> tinha jeito [deu arrumar uai,
117		mas::
118	Beto	[uai mas então
119		ficou, mas ficou uai]
120	José	mas::que eu brigava também eu brigava[com ele ué, e
121		desrespeitava não]
122	Beto	[hã::brigava mas
123		num ia engatar, uai] cê entendeu o que eu falei, num
124		entendeu Naldo?
125	Naldo	°briga sem força, né?° ((barulho de água e talheres))
126	Beto	HEIM?
127	Naldo	brigava sem força
128	Beto	brigava sem força, o <i>sinhô</i> num foi lá e sacrificou o
129		<i>sinhô</i> , o Zé Dias e <i>num</i> [sei quem mais]
130	José	[cê lembra do Messias Abreu?]
131	Leia	°Eu lembro°
132	Beto	Eu não
133		O Messias Abreu aquele morro dos angicos ninguém passava
134		lá (.) era uma coisa horrorosa
135	Naldo	hã::
136	José	o Messias falou assim, eu vou ro- arrebentar esse morro
137		aqui, eu vou arrumar o curra- (.) eu vou arrumar o
138		famoso curral do Atônio ((barulho de louça e água)), o
139		Messias falou pra mim aquele morro dos angicos famoso
140		vai ser arrumado, o Messias cê num lembra quando ele foi
141		prefeito não, né?
142	Naldo	muito pouco, né
143	José	foi no Ubá, meu <i>fi</i> , alugou as máquinas de esteira e
144		mandou lá <i>pro</i> morro dos angico
145	Beto	o Zé Oliveira que fez aquilo lá?
146	José	o Zé Oliveira, é o Zé Oliveira, o Zé Oliveira tava
147		trabalhando lá

148	Beto	[()]
149	Naldo	[()]
150	José	aí o que que aconteceu? Zé Oliveira era mesmo
151	Beto	no trator de esteira era ele?
152	José	tinha ele e tinha de Ubá também, ah meu <i>fi</i> , começou lá
153		no alto desmontando e derrubando angico, o <i>véi</i> foi
154		enfiou na frente e falou assim, escuta aqui Valme, <i>cês</i>
155		<i>num::num::num</i> mete a máquina aí NÃO, o Zé Oliveira e os
156		<i>homi</i> que tava, <i>Óh nós só tá</i> aqui com a orde do prefeito,
157		<i>ocês sai</i> da frente que lá vai angico em cima
158	Beto	Nossa ((risos))
159	José	meteu trator e desbarrancou aquele trem tudo, só que tem
160		que ficou à pique a mesma coisa, mas que rebentou o
161		morro tudo, rebentou
162	Nadir	° <i>ô homi</i> absoluto heim ()°
163	Beto	pois é [mas o que que] acontece
164	José	[aí vai escutando::]o Zé fechou, depois teve uma
165		vez também que o Natalino foi prefeito, Natalino num foi
166		ruim não e ele era vice-prefeito, ele <i>pois</i> o Zé Oliveira
167		também com máquina de esteira, era uma máquina <i>veia</i>
168		<i>arrumano</i> estrada lá fora, chegou na fazenda dele e ele
169		falou, escuta aqui Valme, daqui pra baixo <i>eles num</i>
170		<i>precisa</i> mais não, <i>eles arruma</i> de arado de boi (...) aí o
171		Geraldo (.) o Geraldo Faria falou >não não não Antônio<
172		eu vou arrumar <i>prá</i> todo mundo, aí mandou o Zé Oliveira
173		<i>arrumano pra ali afora</i>
174	Naldo	então ele <i>num</i> gostava era <i>d'ocês</i>
175	José	<i>num</i> gostava era de ninGUÉM
176	Leia	°Esse lugar aqui já é assim ((risos)) há muito tempo°
177	Beto	[NÃO é::sim]
178	Naldo	°[é famoso]°
179	Beto	NÃO, o papai falava que a máquina <i>num</i> passava aqui <i>prá</i>
180		baixo não
181	José	deixa eu te faLÁ, quando ele morreu eu num fui no
182		enterro dele nem:: [provei, perguntei nada]
183	Beto	[na época do Paulo Furtado] a máquina
184		num passava pra baixo aqui não né?
185	José	Muito ruim, ele [num deixava]
186	Beto	[ele num deixava] num deixava não, né?
187	Leia	(.hhhh)Ai ai:::Deus
188	José	muito ruim
189	Beto	ele num deixava a máquina passar pra cá não, só o seu
190		irmão, ué mas aí <i>cê</i> já viu né Naldo, o meu irmão <i>num num</i>
191		vou mexer com meu irmão não larga ele <i>prá</i> lá na política
192		<i>cê</i> já viu como que é as coisas
193	José	era difícil mesmo,
194	Beto	eu lembro, desse <i>muncadim</i> aí eu lembro, que máquina
195		[vinha muito pouco aqui até]
196	José	[ué mas o Welliton também é <i>bestero</i> , Beto]
197	Beto	ué e o <i>sinhô</i> acha que eu num sei não?
198	José	aqui, uma vez rapaz também o [Zé Dias]
199	Beto	[<i>cê</i> acho que] eu não sei
200		não
201	José	comigo, pelo meu filho eu brigo, eu brigo mesmo, se for
202		preciso eu xingo, eu pinto o diabo, aquele mata-burro do
203		Zé Anérsio,
204	Naldo	essa não ((risos))
205	José	quando o <i>sô</i> Zé foi candidato a a:::[a::a vereador]
206	Naldo	[()]
207	José	hein?

208	Beto	o de cá ou o de lá?
209	José	o do Zé Arminda lá::lá::lá naqueles rancor <i>des</i> lá agora-
210	Beto	mas tinha dois, tinha dois ou tinha::
211	José	[depois é:: depois do Jânio]
212	Naldo	[não, só uma no pé do morro] não tinha
213		mata-burro não
214	José	não, é o do Zé Arminda, do::do::do Marcelo ali
215	Naldo	é::é::é tinha porteira sim
216	Beto	[a é tá tá] tinha porteira só
217	Naldo	[até a porteira ali só]
218	Beto	é
219	José	quando o sô Zé foi candidato, o Zé Dias falou assim:: o
220		sô Zé, nós aqui da Barrinha nós <i>vamo</i> , <i>vamo</i> vota pro'cê
221		nós <i>vamo</i> votá pro'cê, mas cê vai dá nós três mata-burro
222		(...) ele prometeu pode deixá que eu (...) aí ganho, <i>num</i>
223		sei se ele ganhou, <i>num</i> sei
224	Beto	[foi quando ele] foi foi foi ganhou ele foi vereador,
225		ele ganhou, foi um ano só
226	Leia	[quanto tempo Naldo?]
227	Beto	né?
228	José	arrumou os três, os três ê::ê:: mata-burro
229	Beto	é::
230	José	e depois <i>pois</i> um aqui no no (...) na <i>varge</i> ,
231	Beto	Lorivá
232	José	Lorivá, na divisa do Biron e o outro no Zé Arminda aí
233		ele foi lá rapaz e falou com o Hélio que ia <i>pô</i> o mata-
234		burro ali no coisa, conversou direito e falou a tá tá
235		<i>vou pô</i> , ah meu <i>fi</i> nós <i>fomo</i> lá pô o mata-burro ((barulho
236		de água)) nós acabou de pô, <i>invinha</i> tudo embora aquele
237		monte de <i>homi</i> com <i>inchadão</i> , aqueles trem nas costa,
238		topou com ele lá mais o Paulinho ele pintou os diabo com
239		o Zé Dias, fiquei admirado do Zé Dias <i>tulerá</i>
240	Beto	<i>pois</i> é uai, <i>sinhô</i> tá vendo [porque que eu <i>tulero</i>]
241	José	[agora, cê invadir as coisas
242		dos outros] se ele <i>num</i> podia [ter feito isso não eu]
243	Beto	[Por causa de tudo isso]
244	Naldo	°verdade°
245	José	eu metia o cabo do <i>inchadão</i> no lombo dele, em cima do
246		caroço, em cima da do::do, e num tem mata-burro aqui não
247		() o que que é seu <i>fi da</i> [puta e pá na cabeça
248		dele]
249	Beto	[((gargalhada))]
250	Leia	°cê fez isso, não né?° ((risos))
251	José	HEIM?
252	Leia	cê fez isso? ((risos))
253	José	eu <i>num</i> fiz não porque era comigo ele fez isso com o Zé
254		Dias
255	Leia	ah se fosse o Zé, se fosse com o senh-
256	José	se fosse comigo ele ia <i>tomá uma ripada sem vê</i>
257	Beto	ele <i>quais</i> , ele <i>quais::</i> meteu o reio foi no Tãozim Maia,
258		<i>num</i> foi? no Tãozim Maia cê teve vontade né?
259	Naldo	esse lugar aqui tem muita história ((gargalhada))
260	Leia	se tem ((risos))
261	José	((olha para o Beto, se aproxima da cadeira dele)) °ocê
262		num lembra não° ((olha para a esposa e diz)) eu já era
263		casado já NÉ?
264	Nadir	o quê?
265	José	[o Zé Dias, o Zé Dias] é até muito bom né? ((Lena
266		levanta e sai da varanda))aí ele era meu <i>padrin</i> né? cê
267		deve saber do caso né?

268	Beto	que ocês é inimigo eu sei né?
269	José	como o caso é lá de traz e eu ia buscar o gado <i>descarço</i>
270		nesse pasto aí e ele plantou um fumo na <i>varge</i> do Avelino
271		ali, aí ele puxou passado por baixo da Barrinha e aí que
272		que ele fez? Ao invés dele [passar e fechar a tronqueira]
273	Leia	° [Tem muita história:] °
274	Naldo	°muita° ((risos))
275	Beto	[largou aberta]
276	José	[ele deixou aberta] e foi
277		chegando uma duas horas da madrugada. Beto, uma friagem
278		meu <i>fi</i> , sereno, <i>moiô</i> tudo, eu <i>discarço</i> , naquele tempo
279	Beto	[nem bota tinha pra <i>carça</i>]
280	José	[Não aí Beto, <i>tô</i> caçando o
281		boi] cacei na <i>baxada</i> , vim pra cá, cacei pra todo lado e
282		<i>num</i> vi nada do boi
283	Leia	por que [que <i>num</i> viu nada?]
284	José	[vim revirá no arto aqui] pro lado do::do::do no
285		bananal, no Bastião tinha um bananal, <i>cê num</i> lembra não
286		né?
287	Beto	no Bastião tinha um bananal? Bastião vendeu, né? Uai uai
288	José	ele vendeu depois [comprou]
289	Beto	[ah TÁ, então tá]
290	José	aí Beto, ele já tava lá na divisa do [Geraldo Maia]
291	Beto	[Nossa Senhora]
292	José	vim tocando os boi meu <i>fi</i> (...) e o boi <i>vei diritim</i> lá
293		na tronqueira, lá onde o Zé Dias deixou aberta, ah mais
294		eu fiquei muito bravo, eu falei eu vou fechar isso aqui
295		que ninguém passa aqui mais, que não é papel de <i>homi</i>
296		deixar isso aqui aberto não (...) aí toquei os boi fui
297		lá rapaz, finquei uns pausão lá e fechei a cerca, eu fui
298		buscar a <i>ti Nanana</i> , meu <i>fi</i> (...) o <i>homi</i> me cercou ali
299	Beto	heim?
300	José	ficaram bravo comigo, e Nossa Senhora Beto
301	Naldo	quem cercou, o Zé Dias?
302	José	cercou, e a <i>Ti Nãnana</i> ficou com um medo danado
303	Beto	a <i>ti Nanana</i> tava com <i>sinhô</i> na charrete e o <i>sinhô</i> <i>invinha</i>
304		de lá <i>pra cá</i> ?
305	José	<i>Invinha</i> de lá <i>pra cá</i> , aí meu <i>fi</i> , vim igual um <i>Zé Pulano</i>